



A alegoria do indígena e a caricatura sul-rio-grandense

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

74



A alegoria do indígena e a caricatura sul-rio- grandense





CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

A alegoria do indígena e a caricatura sul-rio- grandense



Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves

Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo

1º Secretário: Luiz Henrique Torres

2º Secretário: Marcelo França de Oliveira

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: A alegoria do indígena e a caricatura sul-rio-grandense
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 74
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Julho de 2024

ISBN – 978-65-5306-041-8

CAPA: CABRION, Pelotas, 18 maio 1879.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

SUMÁRIO

O indígena alegórico como representação do Brasil / 11

O índio/Brasil e a imprensa caricata sul-rio-grandense / 57

O indígena alegórico como representação do Brasil

Perseguidos, escravizados e extermínados desde os primórdios da colonização do Brasil, contando com escassos regamentos que os protegessem, restou aos indígenas cada vez mais se aprofundar pelos rincões mais recônditos e mais profundos do interior do país. Mesmo depois da independência, o Estado Nacional Imperial não dedicou maior esforço voltado a políticas de apoio às populações originárias. Ainda assim, no campo intelectual, houve uma revalorização da figura do índio, o qual viria a ser transformado em verdadeiro ícone da sociedade brasileira. Na literatura, nas artes, na música e na imprensa, entre outras formas de manifestação cultural, surgiria uma verdadeira alegoria indígena para designar o Brasil e os brasileiros. Em significativa parte, tal representação advinha das ideias advindas do romantismo e da busca pela valorização do passado, em um quadro pelo qual, se na Europa, houve uma revitalização do cavaleiro medieval, no Brasil, com tempos pretéritos não tão longínquos, a escolha do protagonismo recaiu sobre os indígenas.

Houve então, mormente ao longo do século XIX, uma idealização em torno da imagem do índio, a qual levava em conta uma suposta epopeia do homem selvagem. Com base nos princípios rousseauianos, os românticos levavam em conta a decadênciam do homem, operada inevitavelmente pela sociedade, desde o

momento em que esta acabou por afastá-lo completamente da natureza, levando ao empobrecimento de suas virtudes naturais, físicas e psíquicas e à violência de sua liberdade individual. Os propugnadores de tal alegoria procuravam evidenciar o homem em seu estado natural, e ainda como uma expressão pura e autêntica do ser humano que seria capaz de toda a perfectibilidade afetiva, moral e espiritual, tendo sido reduzido fatalmente à vítima do homem da sociedade civilizada, ainda que tal homem civilizado fosse movido pelos melhores sentimentos¹.

Do campo intelectual a alegoria do índio ganhou terreno e conquistou popularidade nos meios jornalísticos. Multiplicaram-se então as ilustrações produzidas pela imprensa tendo como foco a figura do indígena e seus diversos graus de apropriação e ressignificação por parte dos artistas gráficos que elaboravam charges, caricaturas e ilustrações que abundavam nos jornais no último quartel do século XIX. Com o status de símbolo nacional durante todo o II Reinado, a simbologia do índio se prestou a diversos usos no contexto sociocultural do período, servindo tanto como instrumento de elevação e legitimação dos códigos visuais que atrelavam os índios à nação e, por extensão, ao império, assim como, sendo englobada pelo discurso visual mais imediato dos jornais e revistas que circulavam no país².

¹ AMORA, Antônio Soares. *A literatura brasileira – o romantismo*. São Paulo: Cultrix, 1967. p. 266, 271 e 273.

² COSTA, Richard Santiago Costa. Índios em preto e branco: o corpo indígena, a arte oficial e o discurso político na imprensa

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Nessa época, as populações indígenas continuarem vítimas de massacres eventuais e de sistemática exploração, sobretudo em áreas de fronteira, além das epidemias que chegavam a dizimar grupos inteiros. A política imperial em relação aos índios contrastava com o lugar que se atribuía a eles progressivamente na cultura nacional. Nesse quadro, no âmbito literário e artístico, o indígena foi alçado à categoria de símbolo romântico da nacionalidade originária. Dava-se então o contraste entre tal imagem idealizada do índio com a do nativo real que permanecia explorado, trucidado e raramente contemplado pelas políticas públicas imperiais³.

Em tal contexto, o indígena foi continuamente ressignificado e reconfigurado, pois, a respeito dele assentavam-se diversas formas de discurso, servindo como espécie de anteparo para mensagens políticas que raramente tratavam da questão indígena em si. Nesse quadro, acima de tudo, o índio viria a comparecer por meio de imagens como representante primordial do Brasil, ou ainda o porta-voz e interlocutor da nação nos mais diversos assuntos e acontecimentos. De acordo com tal perspectiva, ocorreria um diálogo fortuito entre artistas e jornalistas para com as imagens de índios e índias, nas quais poderia ser observada a conformação corporal e fisionômica dos mesmos, vindo a traduzir certos estados de alma do país⁴.

carioca no pós-1870. In: *Revista Interfaces*, n. 19, v. 2, jul. – dez. 2013. p. 102.

³ VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário de Brasil Imperial (1822-1889)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008. p. 169-171.

⁴ COSTA, Richard, 2013, p. 104

O Estado Nacional Imperial chegou a incorporar para si a representação do indígena como um símbolo de nacionalidade, mais especificamente aquela vinculada à monarquia. Entretanto, tal projeto cultural restrito ao campo estatal e aos circuitos da intelectualidade viria a escapar desse meio, atingindo as classes médias urbanas, que viram nele uma resposta às aspirações de afirmação nacional. Dessa maneira, o indianismo, por meio dos poemas épicos, dos romances das telas grandiosas e das óperas, passou a exercer uma clara influência sobre setores mais amplos, em particular na corte, cada vez mais acostumada com a introdução de imagens, termos e produtos de inspiração indígena. Tal movimento chegou também à iconografia política, vindo a fazer parte da representação do poder imperial e das cerimônias oficiais. A alegoria deixou de ser apenas um modelo estético para se incorporar à própria representação da realeza, de modo que o índio aparecia como a encarnação de um passado mítico e autêntico, que poderia servir para legitimar o poder monárquico⁵.

Do caráter oficial, o índio alegórico viria a migrar para as representações da imprensa ilustrada e humorística que passou a desvirtuar tal oficialismo. A caricatura assim subverteria a óptica da idealização estatal, sem deixar de idealizar a alegoria, mas também a utilizando para expressar o espírito crítico, promovendo denúncias contra as mazelas que atingiam o país. A partir de tal inversão, o indígena passaria a sofrer os mesmos males que atingiam boa parte da população

⁵ SCHWARCZ, Lilia Motitz. *As barbas do imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos.* 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 142.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

brasileira. De acordo com tal visão, foram comuns as associações entre o índio e a figura de Cristo, de maneira que a benevolência, os martírios e os flagelos do universo cristão foram utilizados com bastante sagacidade pelos ilustradores brasileiros. Surgia então o protótipo do mártir, que sofria toda sorte de abusos e violências, mas que também poderia renascer e ressuscitar, exercendo um poder de atração quase irresistível ao universo da ilustração, ainda mais em um país majoritariamente cristão. Outra percepção se dava em relação à saúde do país, fosse ela política, social ou econômica, a qual encontrava equivalências na saúde debilitada do índio/nação. Nesse sentido, a desnutrição tornava-se o flagelo preferido dos ilustradores, a partir da qual, a magreza, a fraqueza e a debilidade traduziam a saúde da nação⁶

Assim, houve tal absorção do símbolo indígena, que ele viria a se tornar matéria privilegiada da imprensa satírica, a qual faria um uso oposto e ao mesmo tempo paralelo em relação ao oficial. Foi o caso de Ângelo Agostini que, na *Revista Ilustrada*, selecionou a figura do índio como ícone da nação que é enganada, ocorrendo assim um estranho destino de transição de um modelo de patriotismo a um elemento de contestação. Nessa linha, Agostini instituiu o indígena como símbolo do povo brasileiro, entretanto não se tratava mais do índio idealizado, valente e representante puro das selvas, e sim um personagem enfraquecido diante da política e constantemente enganado⁷.

⁶ COSTA, Richard, 2013, p. 105 e 111.

⁷ SCHWARCZ, 2008, p. 149 e 423.

A *Revista Ilustrada* constituiu uma das mais marcantes publicações ilustradas e humorísticas brasileiras. Passou a circular em 1876, dirigida pelo artista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini, vindo a influenciar diretamente as manifestações da arte caricatural do país nos mais variados locais onde a mesma se fez manifestar por meio da imprensa. Agostini foi jornalista, editor e militante político, e, na condição de ilustrador e caricaturista, veio a se consagrar⁸. Sua produção, além de extensa, adquiriu características diversas e acentuou sua principal habilidade, a de sensível cronista visual⁹. Tal artista do crayon engrandeceu as suas criações com o sentido político que lhes deu, manejando seu instrumento de trabalho como arma no nível e com a eficácia do ilustrador meticoloso, que apanhava com o seu traço inconfundível não apenas os detalhes que a observação colhia, mas a profundidade e a significação que se exteriorizava nesses detalhes¹⁰. Na *Revista* aparecia uma crônica do cotidiano e de costumes, estabelecendo uma proximidade com o leitor, criando com este uma comunicação direta e espontânea, impregnada ora de delicadeza, ora de humor, ora de atrevimento¹¹. Com a *Revista Ilustrada*, Agostini atingiu o

⁸ COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012. p. 249.

⁹ MARINGONI, Gilberto. *Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910*. São Paulo: Devir Livraria, 2011. p. 85.

¹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 217-218 e 220.

¹¹ SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa*

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

clímax de sua trajetória, exercendo influência na opinião pública nacional¹².

Em seu programa, a *Revista* exclamava que abrissem caminho bem franco para mais um campeão que se apresentava na arena, de lápis em riste, pronto a combater os abusos, de onde quer que eles viessem, e a distribuir justiça com a hombridade de Salomão. Revelando sua experiência nas lides jornalísticas, o redator destacava que ele não era nenhum calouro, que pretendesse entrar com pés de lã na contenda jornalística para afinar a sua voz pelo diapasão da grande orquestra da imprensa humorística carioca. Inclusive, enfatizava que se dava o contrário, por tratar-se de um veterano, já muito calejado nas lides semanais que voltava resfolgado à cena. Com jocosidade, dizia que seu escopo era dos mais simples, podendo ser resumido em poucas palavras: falar a verdade, sempre a verdade, ainda que por isso lhe caísse algum dente. (REVISTA ILUSTRADA, 1º jan. 1876).

A *Revista Ilustrada* teria uma longa vida, circulando até agosto de 1898. Mas não foi com seu fundador que ela seguiu até o fim, pois, no auge da fama, aclamado com um dos artífices da abolição, Agostini se envolveu em um escândalo familiar e, em outubro de 1888, seguiu para uma espécie de exílio forçado na França. Tinha planos para uma curta estadia, mas só retornaria ao Brasil ao final de 1894, sem mais

periódica literária ilustrada fluminense. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 221 e 229.

¹² MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições de Arte, 2012. p. 208

voltar para a *Revista*, vindo inclusive a fundar outra folha ilustrada. A *Revista Ilustrada* continuou sem ele, e por um bom tempo conseguiu manter o nível, mas aos poucos esvaziou a forma, sucumbiu à política da cavação, perdeu credibilidade e importância, além do fato de os novos governantes terem adotado uma política restritiva e coercitiva em relação à liberdade de imprensa¹³. Em tal contexto, a folha acabou por adotar uma postura oficialista.

Em seu retorno ao Brasil, Ângelo Agostini não voltou para a *Revista Ilustrada*, passando a dedicar-se a um novo projeto voltado à imprensa ilustrada e humorística do qual resultou a fundação do *Dom Quixote*¹⁴, o qual circulou no Rio de Janeiro, de 1895 a 1903, e marcou o auge artístico do publicista ítalo-brasileiro¹⁵. A folha apontava que, naquele fim de século ainda se sofria muito, ainda se era vítima de um sem número de prejuízos morais e de inqualificáveis abusos, praticados quase sempre pelos fortes, ou que assim supunham ser, que atuavam contra os fracos, que eram, na maioria dos casos, os que não tinham consciência da sua força. O título se baseava na obra de Miguel de Cervantes, de modo que o periódico se apresentava como resolvido e pronto a quebrar muitas lanças pelo “seu grande ideal”, representado pela inscrição “mais civilização, mais progresso, mais humanidade”. Com base nos dois personagens centrais do livro de Cervantes, a redação da revista foi representada tanto

¹³ COSTA, Carlos. 2012, p. 347 e 412

¹⁴ SODRÉ, 1999. p. 219.

¹⁵ COSTA, Carlos Roberto. *A revista no Brasil, o século XIX*. São Paulo: USP, 2007 (Tese de Doutorado). p. 272.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

pelo D. Quixote quanto pelo seu “fiel escudeiro, o precioso Sancho Pança, que o acompanha, indefectível, em toda a penosa jornada”, vindo a avisá-lo “de todos os perigos iminentes” e dando-lhe “sempre a nota realista, a nota prática, a nota filosófica dos acontecimentos” (DOM QUIXOTE, 23 jan. 1895).

A partir de suas publicações ilustradas, Ângelo Agostini atuaria como um dos mais importantes difusores da alegoria indígena como representação do Brasil e/ou de seu povo. A imagem do índio designando o país não foi exclusiva da obra de Agostini, estando presente na de muitos outros retratistas, desenhistas e escritores da época. Com o ítalo-brasileiro, entretanto, e o alcance de suas publicações em termos nacionais, mormente a *Revista Ilustrada*, houve uma propagação ainda maior de tal criação alegórica, estando junto à simbologia do índio uma das preocupações do artista gráfico e jornalista vinculada à questão da cidadania, a respeito da qual, direta ou indiretamente, surgiu uma série de anedotas, imagéticas e textuais, em que o lugar social e os direitos políticos dos cidadãos e não-cidadãos tornavam-se um dos elementos centrais¹⁶.

Levando em conta, uma amostragem, com base nas capas da *Revista Ilustrada*, enquanto a publicação esteve sob a direção de Agostini, entre 1876 e 1888, e as da revista *D. Quixote*, pode ser observada, notadamente na primeira, a recorrência da presença da alegoria indígena. Nas capas da *Revista Ilustrada*, houve uma predominância da presença dos bobos da corte,

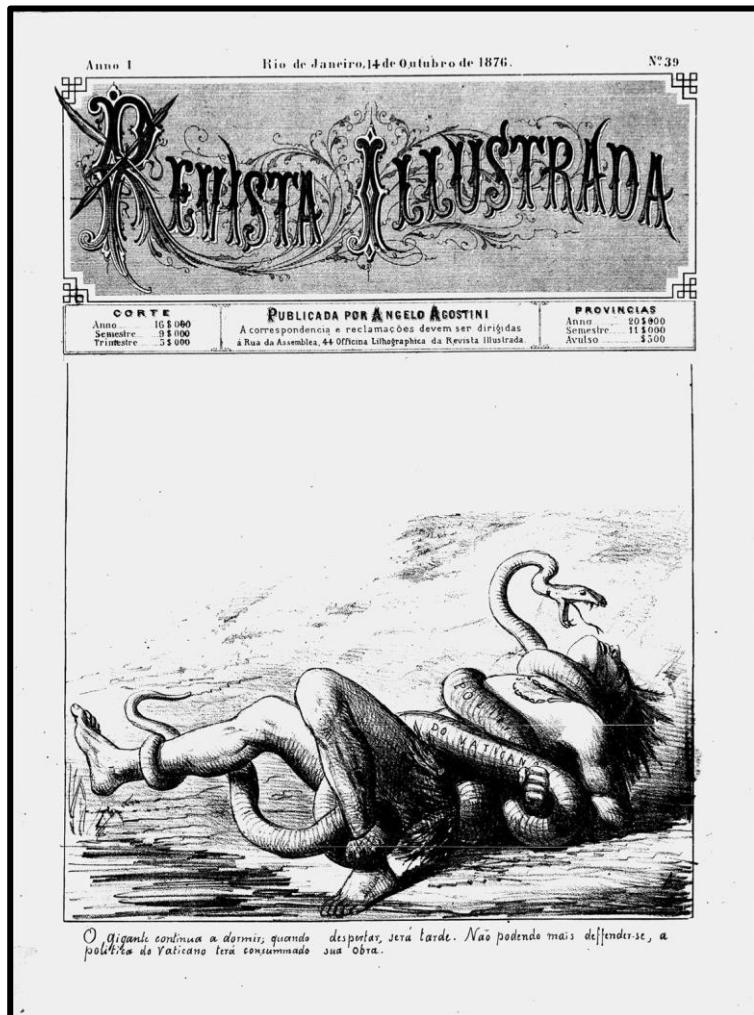
¹⁶ BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Ângelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009. p. 239 e 448.

verdadeiro símbolo da caricatura e personificação do próprio periódico, além de vários dos atores que compunham o teatro político, partidário, ideológico, social, econômico, cultural e religioso do século XIX, notadamente no contexto nacional, havendo também em diversas delas o índio alegórico, que passava pelas mais variadas circunstâncias.

Em uma dessas representações aparecia o espírito anticlerical da publicação, ao mostrar o índio dormindo, enquanto a política do Vaticano, simbolizada por uma víbora, com toda a sua conotação negativa, que sufocava a figura indígena (REVISTA ILUSTRADA, 14 out. 1876). O Dia de Finados foi marcado pela presença da figura indígena, que aparecia de luto em um cemitério, a prantear a morte de algum valor, como no caso do “patriotismo brasileiro” (REVISTA ILUSTRADA, 4 nov. 1876). Uma outra caricatura trazia o índio/Brasil nas costas de um político que buscava equilibrar-se em uma corda bamba, ou seja, para distribuir os subsídios entre as duas casas legislativas (REVISTA ILUSTRADA, 7 jul. 1877). O mau uso das verbas públicas foi também denunciado com a figura do indígena tendo seu sangue extraído por um ministro, considerado como um péssimo médico daquele paciente, que ainda sofria com duas sanguessugas representando o Senado e a Câmara dos Deputados (REVISTA ILUSTRADA, 14 jul. 1877). O índio foi também vítima da sanha arrecadadora do Estado Brasileiro, com a constante cobrança de impostos (REVISTA ILUSTRADA, 30 jul. 1877). A corrupção era vista como um mal tão grande que viria a “nau do Estado” a soçobrar, buscando o indígena saltar da embarcação em direção a um bote no qual lhe esperava

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

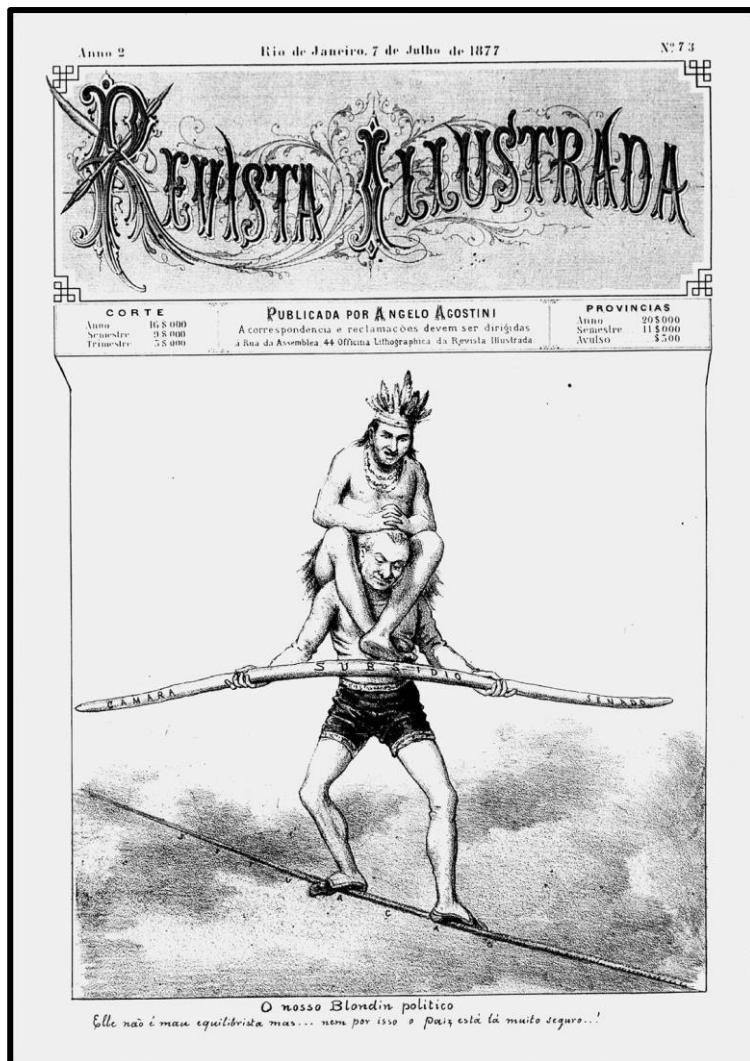
para salvá-lo a dama republicana (REVISTA ILUSTRADA, 4 ago. 1877).



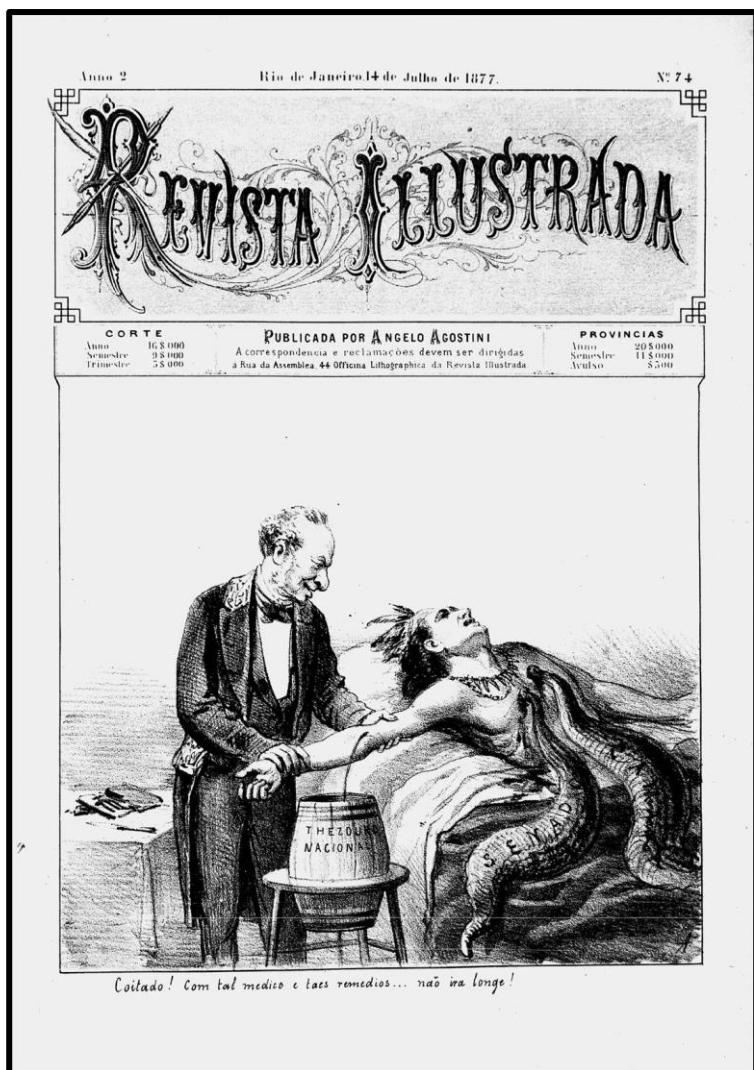
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



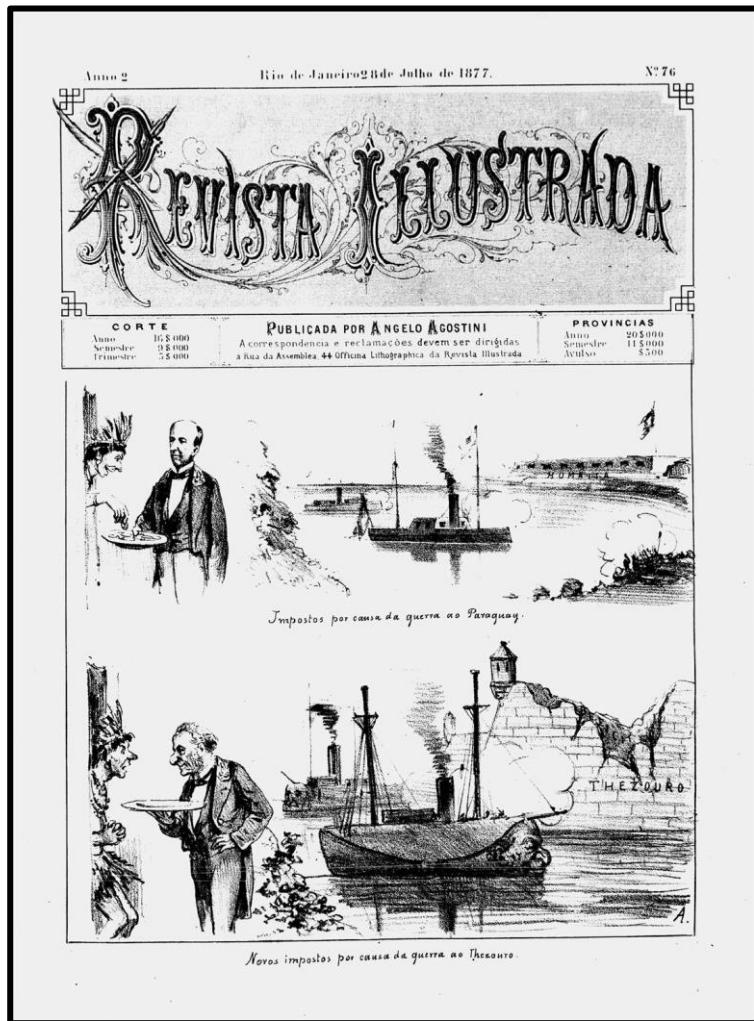
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



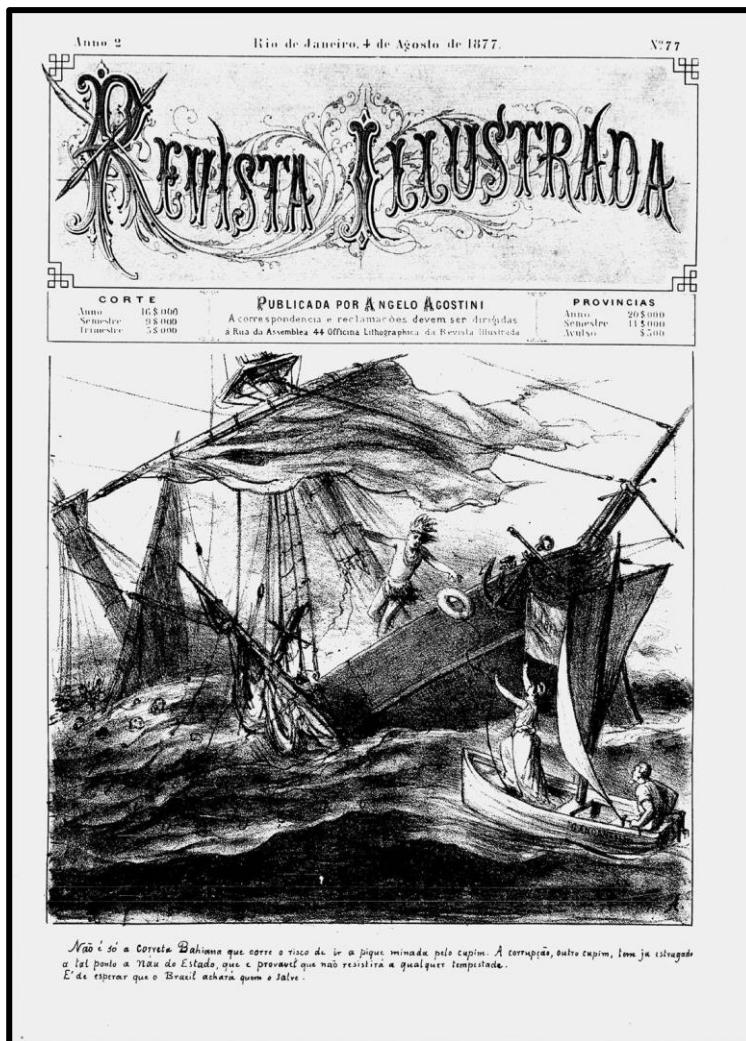
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O índio apareceu ainda a refletir sobre o futuro da forma monárquica de governo, observando a figura do imperador (REVISTA ILUSTRADA, 6 out. 1877). Tal

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

reflexão continuava a acontecer, passando da dúvida à certeza tendo em vista a fala do trono (REVISTA ILUSTRADA, 20 out. 1877). Em outra data de Finadas, o indígena lamentava a perda de seus “sonhos de prosperidade” e suas “caras esperanças” (REVISTA ILUSTRADA, 27 out. 1877). A partida de um segmento da família imperial foi observada jocosa e satiricamente pelo periódico, em caricatura que contava com a presença da alegoria indígena, a qual trazia ao colo alguns dos herdeiros da coroa (REVISTA ILUSTRADA, 4 maio 1878). Uma aproximação comercial entre Brasil e Estados Unidos foi representada pelo cumprimento entre o índio brasileiro e o norte-americano (REVISTA ILUSTRADA, 1º jun. 1878). As agitações dos períodos eleitorais eram vistas como a explosão de foguetes, a qual poderia ser perigosa para o ainda jovem índio/Brasil (REVISTA ILUSTRADA, 3 ago. 1878). Outro alvo de crítica foi a precariedade da iluminação pública na capital imperial, a qual era traduzida por diversas cenas, dentre elas a do índio, designando o “país que está acostumado a andar nas trevas” (REVISTA ILUSTRADA, 5 abr. 1879). A tristeza do indígena retornava, em um outro Dia de Finados, se fazendo o mesmo presente em um “cemitério político”, no qual, entre outras lápides, havia a referente à morte do patriotismo e da decantada soberania nacional (REVISTA ILUSTRADA, 1º nov. 1879). O Brasil/índio foi representado em sono indolente, apesar do espírito convulsionado na fronteiriça região platina (REVISTA ILUSTRADA, 10 abr. 1880).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



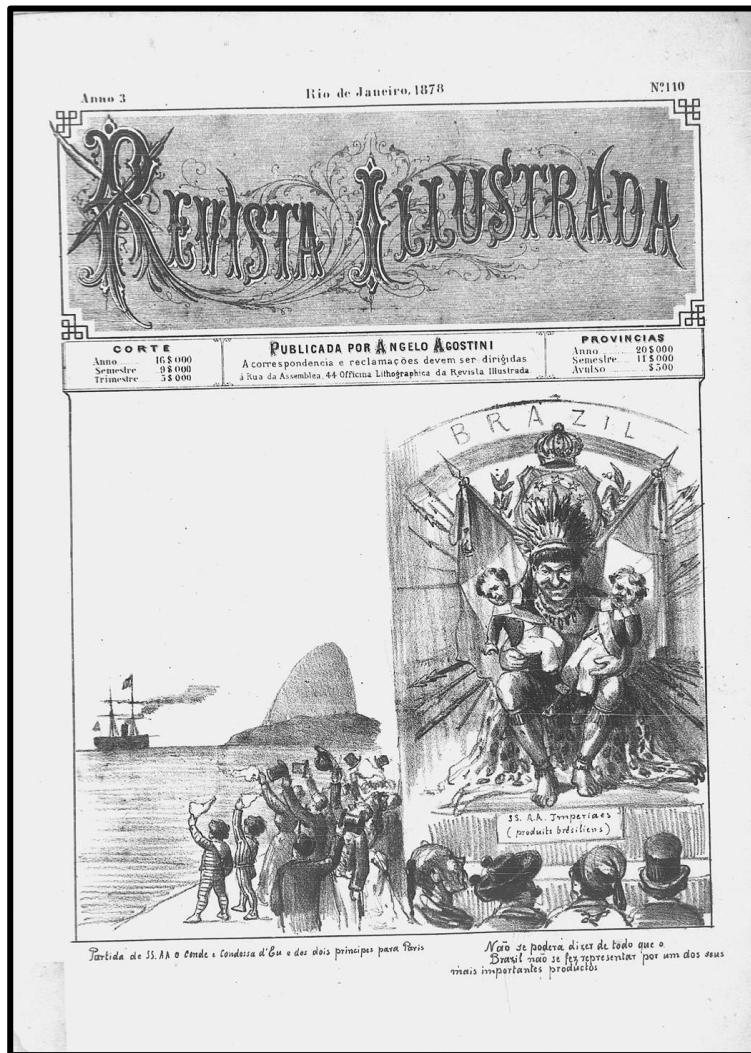
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



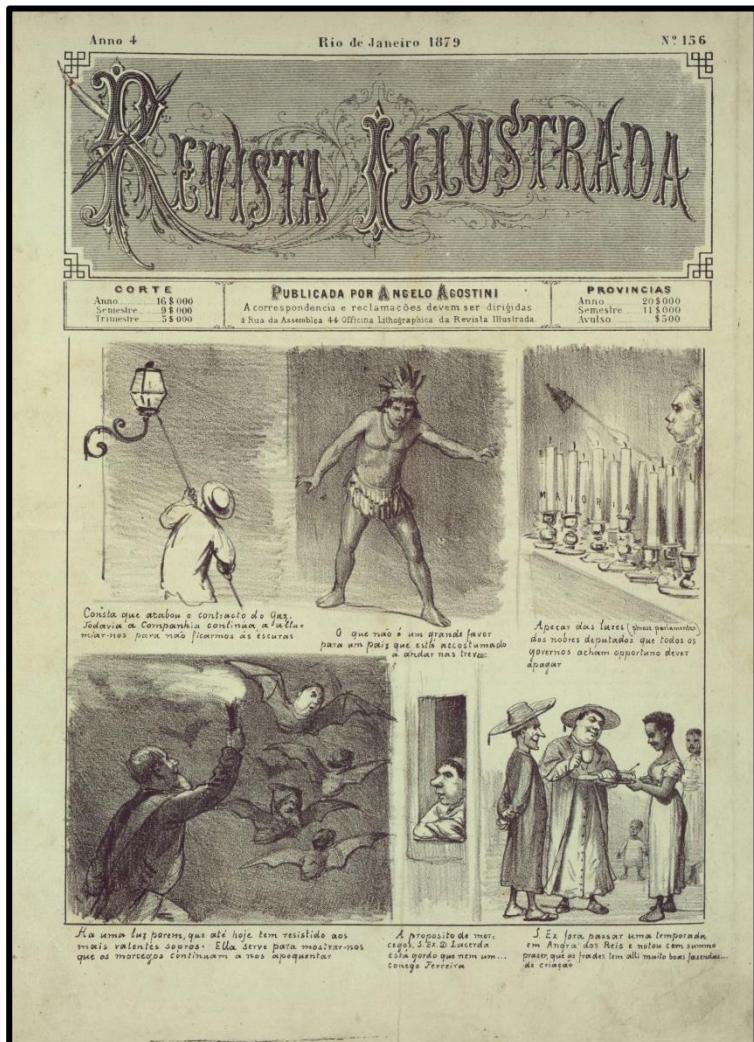
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



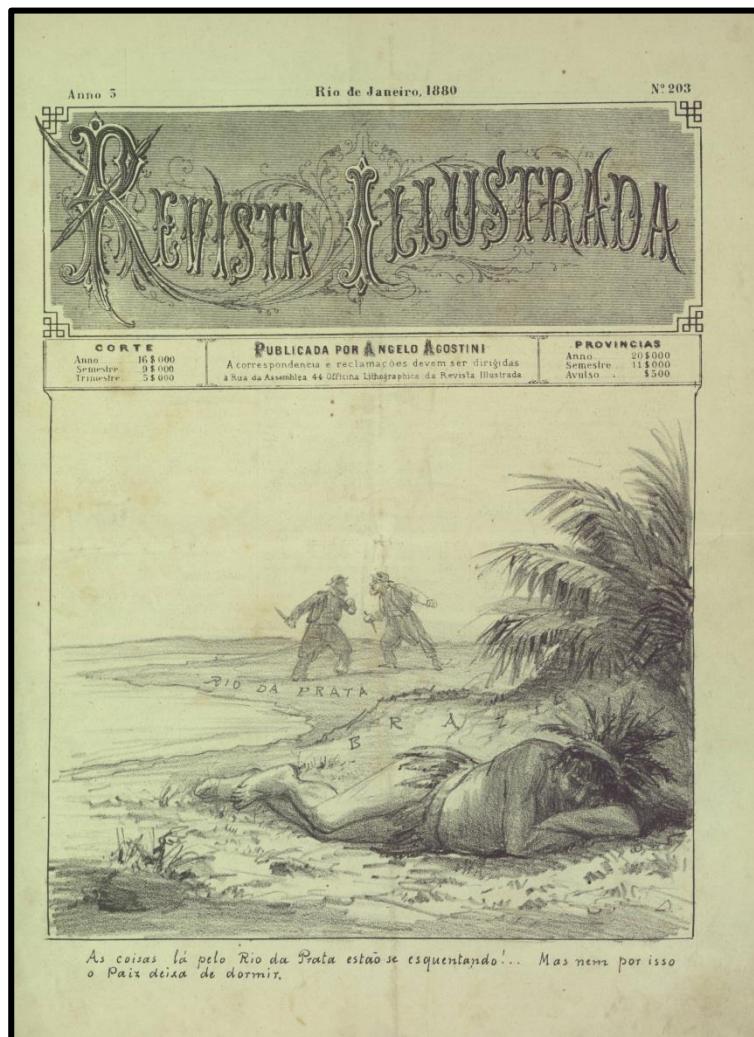
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



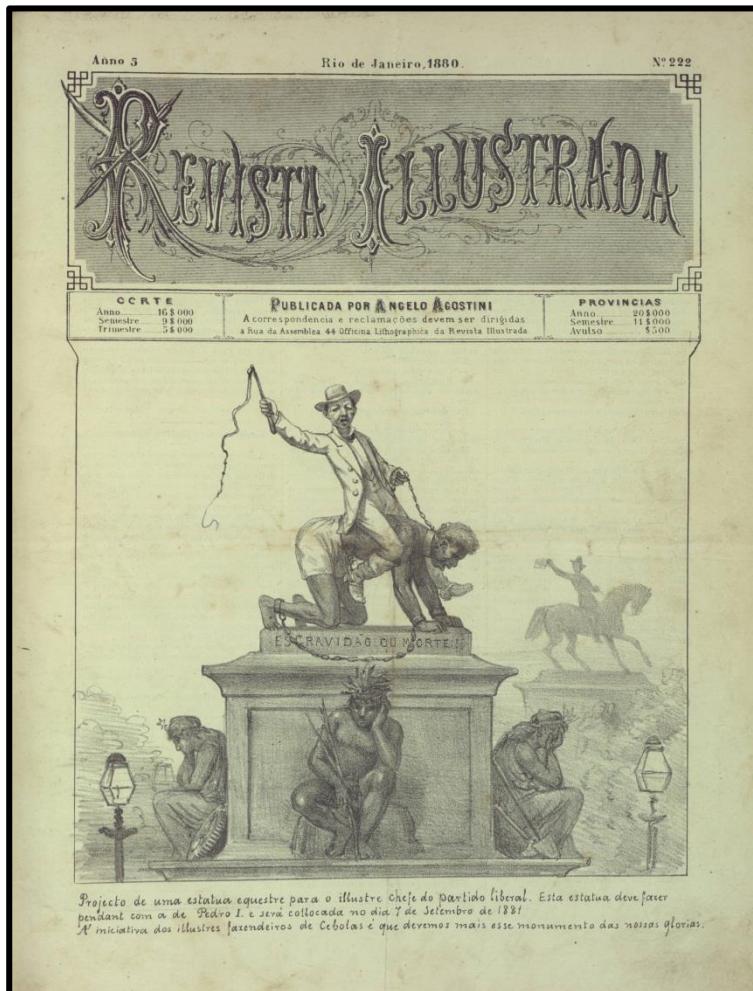
A estátua equestre em homenagem ao primeiro imperador, D. Pedro I, foi caricaturada por diversas

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

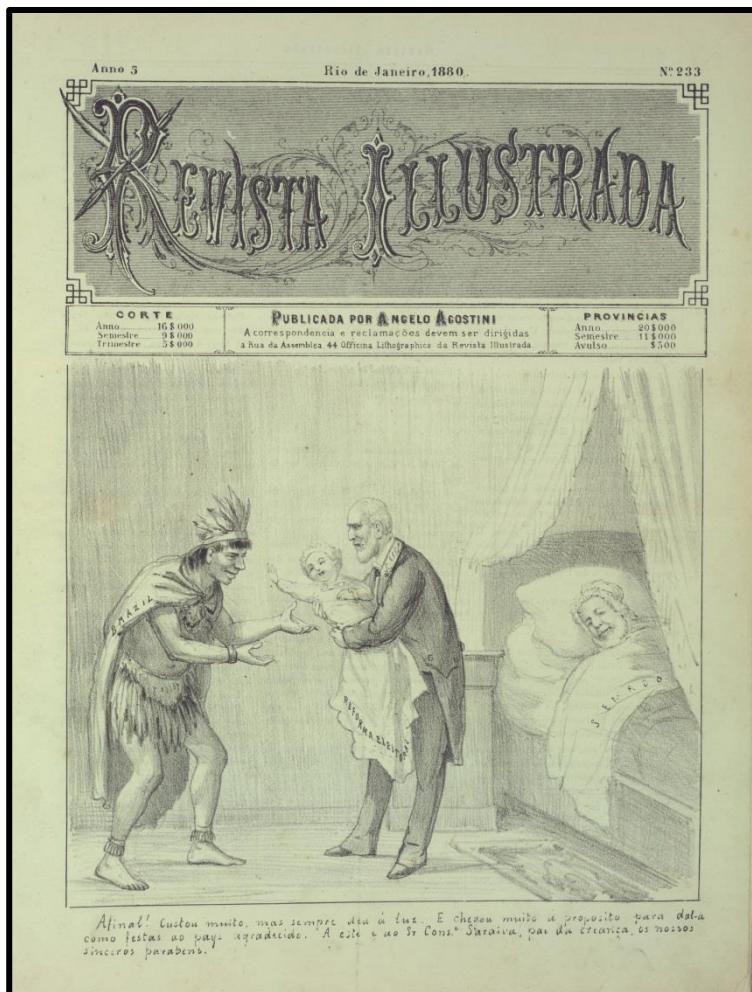
vezes pela *Revista Ilustrada*, com suas alegorias ganhando vida, inclusive as figuras indígenas que compunham o monumento, como foi o caso de uma estátua que serviria para destacar a ação escravocrata de um político (REVISTA ILUSTRADA, 4 set. 1880). A reforma eleitoral foi entregue ao índio como uma criança que nascera há pouco e cujo “pai político” ainda se encontrava na cama, em recuperação, tendo em vista as dificuldades do “parto” (REVISTA ILUSTRADA, 31 dez. 1880). Um conflito em praça pública no Rio de Janeiro foi apresentado pela folha caricata, dando mais uma vez movimento aos integrantes, inclusive os indígenas, do monumento a D. Pedro I (REVISTA ILUSTRADA, 5 nov. 1881). Em outra cena, o índio se via em desespero, envolto pelas línguas de vários papagaios, que representavam os integrantes do parlamento brasileiro, cuja ação estaria vinculada essencialmente a proferir discursos, sem maiores preocupações com ações efetivas (REVISTA ILUSTRADA, 3 jun. 1882). Mais uma crítica ao governo se dava com o índio/Brasil questionando o fato de o país estar assumindo um outro empréstimo internacional, agravando a sua dívida externa (REVISTA ILUSTRADA, 20 jan. 1883). Em sentido próximo, a injecção de capital internacional no Brasil era mal vista pelo periódico, ao mostrar o índio sofrendo com desproporcionais sanguessugas, sob o olhar do bobo da corte, que criticava as atitudes dos “médicos/políticos” brasileiros (REVISTA ILUSTRADA, 14 jul. 1883). A respeito das discussões em torno de uma reforma judiciária no país, a publicação carioca apresentava um indivíduo que estaria a pretender militarizar o Brasil, colocando um uniforme militar no índio (REVISTA ILUSTRADA, 30 nov. 1883). A perspectiva dos vínculos

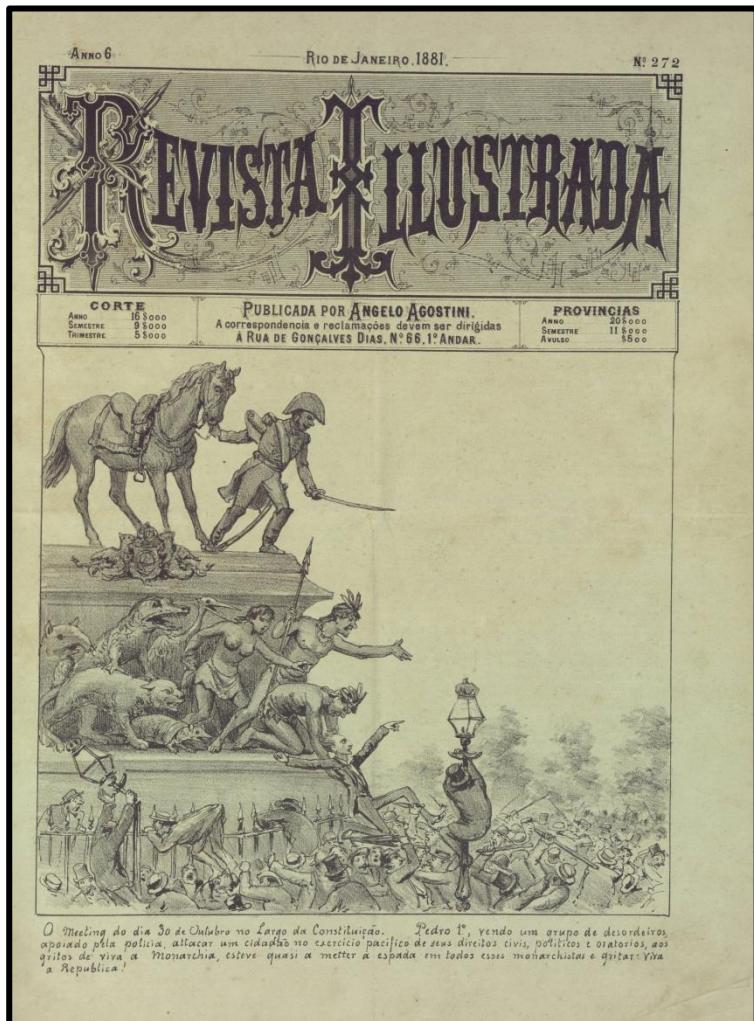
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

entre religião e Estado vigente na monarquia era criticada em cena na qual, enquanto o imperador se confessava, o próprio demônio carregava o índio/Brasil (REVISTA ILUSTRADA, 16 dez. 1883).

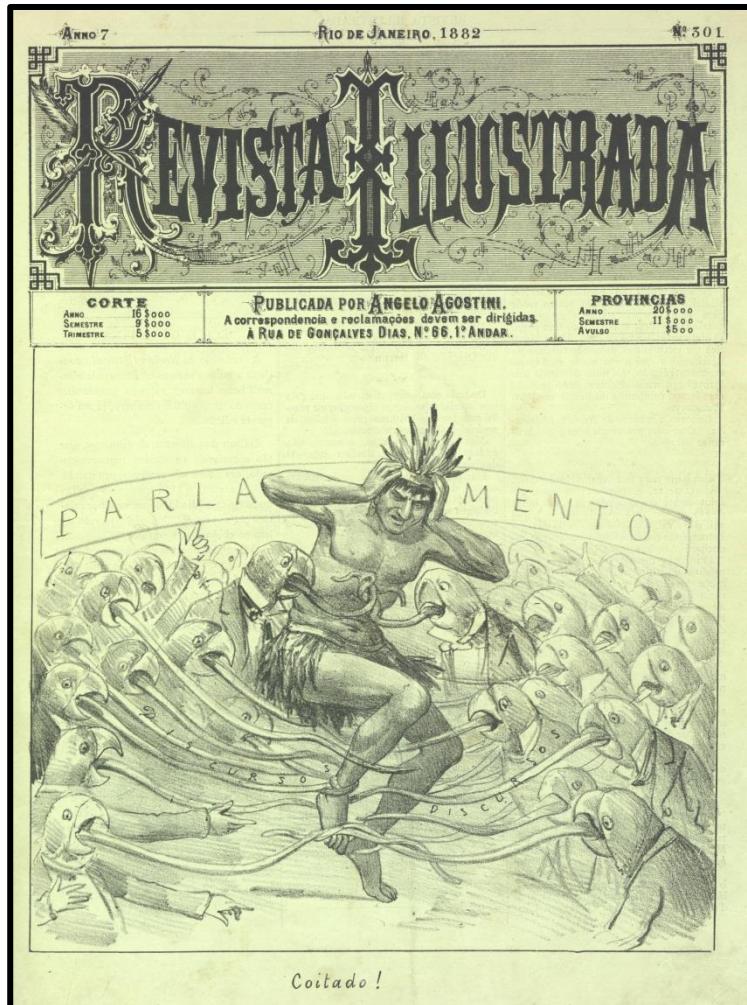


A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

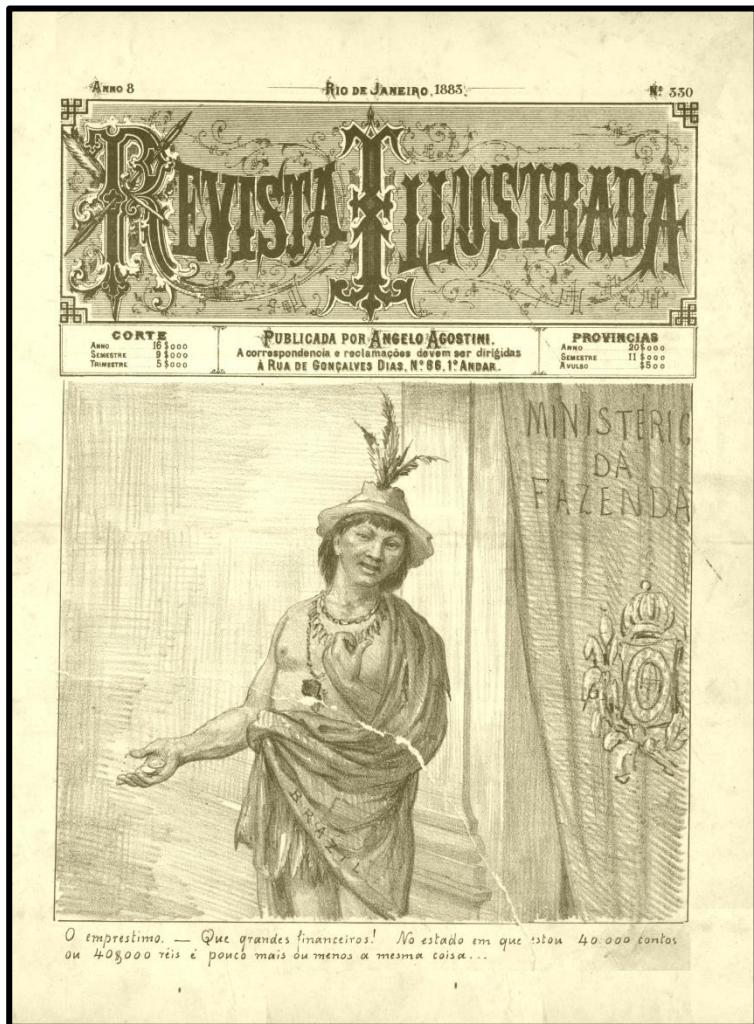




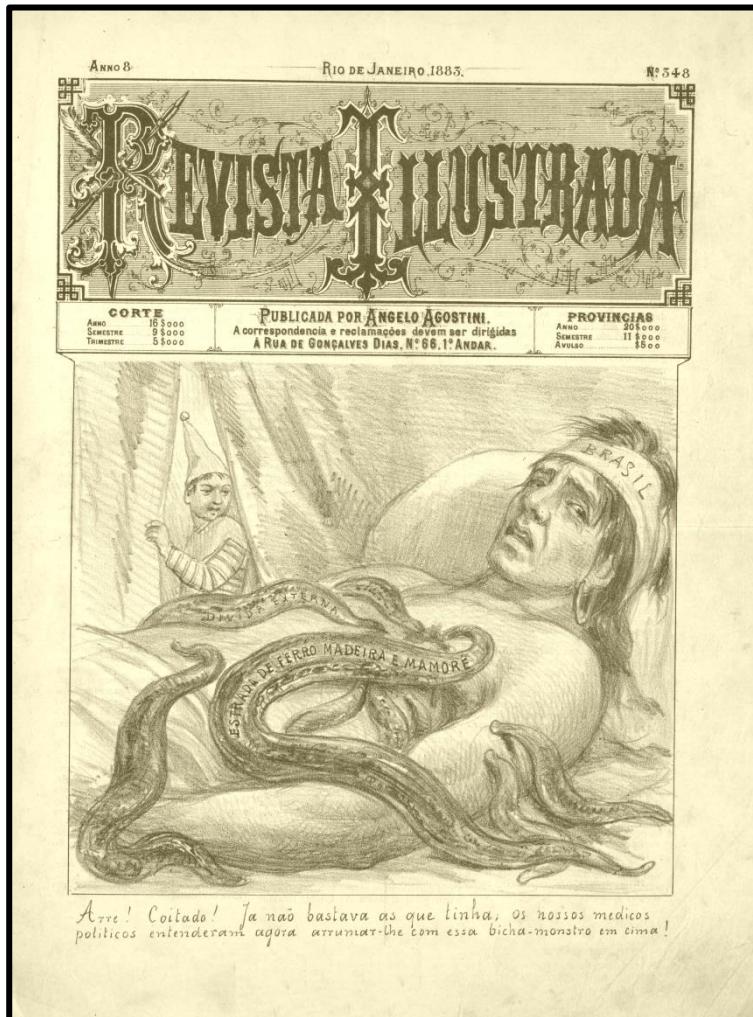
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



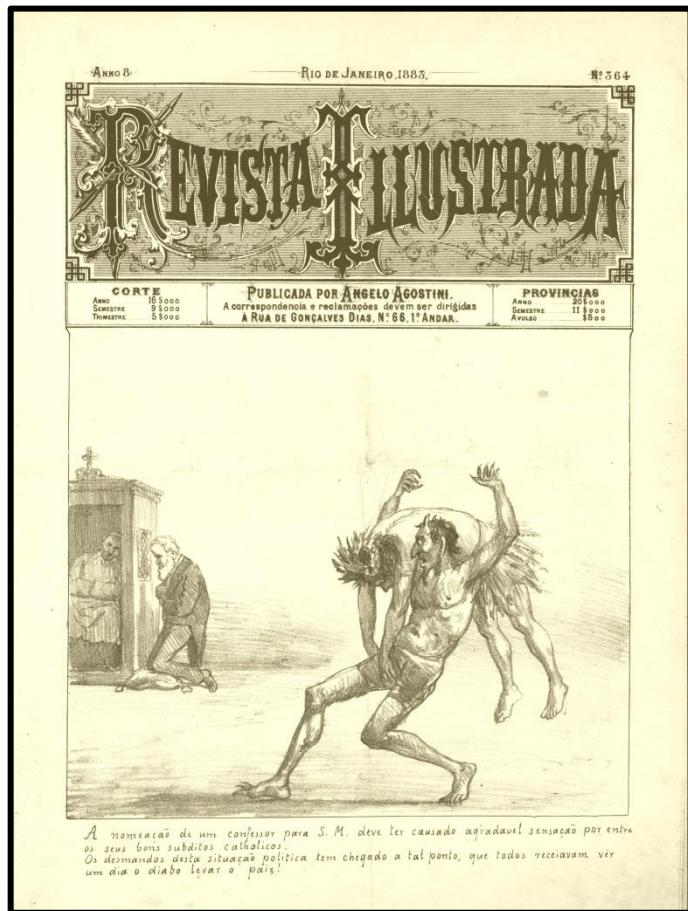
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

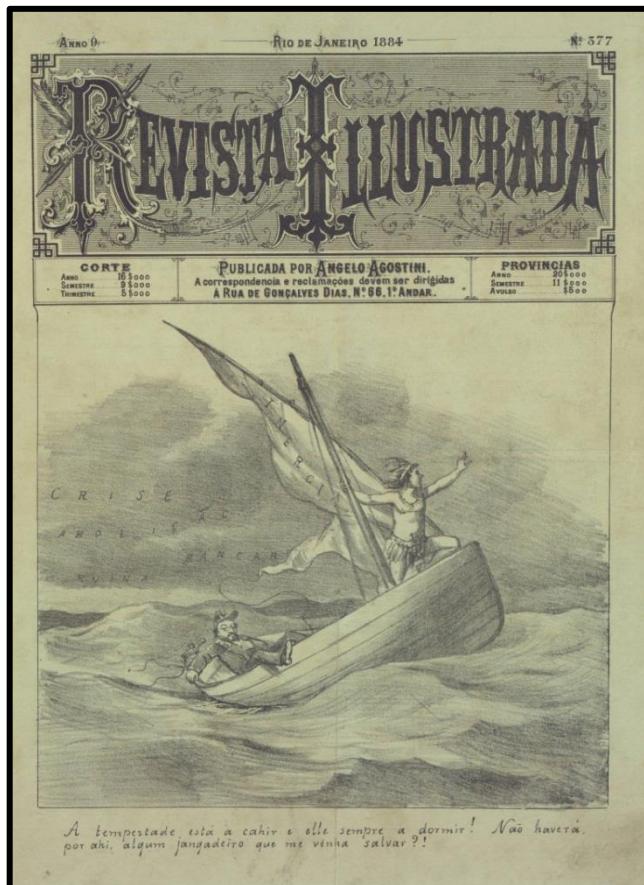


Enquanto o Estado Nacional era visto como um pequeno barco, do qual se aproximava uma tempestade de crises, envolvendo a questão da escravidão e da ruína bancária, o timoneiro, ou seja, o chefe do gabinete, se limitava a dormir tranquilamente na popa da embarcação, ao passo que o índio, na proa, em desespero

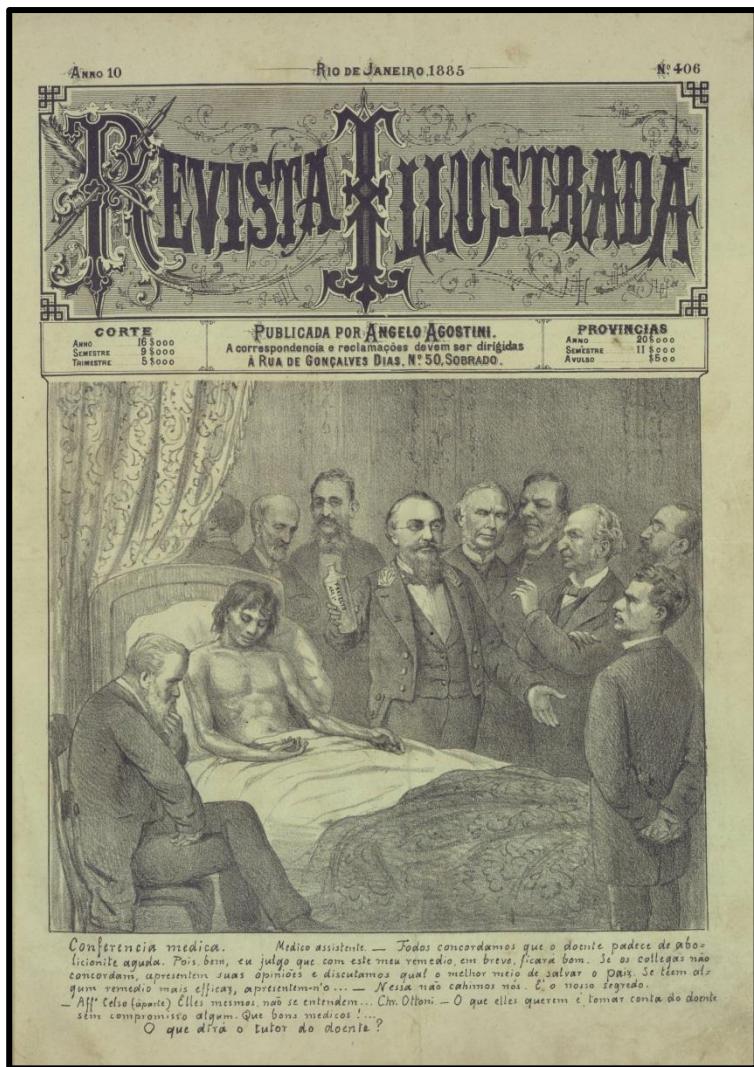
pedia socorro (REVISTA ILUSTRADA, 19 abr. 1884). Perante um índio/Brasil prostrado e enfraquecido na cama, reunia-se uma “conferência médica”, formada por diversos políticos que não se acertavam quanto ao tratamento do “doente”, restando a pergunta de como procederia o “tutor” deste, ou seja, o imperador, que parecia despreparado para uma tomada de decisões (REVISTA ILUSTRADA, 4 abr. 1885). As comemorações da data da independência eram vistas como restritas para um país/índio que continuava agrilhado aos grandes latifundiários escravistas e à monarquia (REVISTA ILUSTRADA, 12 set. 1885). Um jornalista republicano foi apresentado como um desenhista que elabora um quadro em que a figura indígena era atacada pelo ceifador de vidas, designando a febre amarela e tudo isso diante dos homens de governo, representando como bovinos impassíveis (REVISTA ILUSTRADA, 20 mar. 1886). Levando em conta certa indiferença para com as comemorações do 7 de Setembro, o periódico mostrou que os próprios “índios do pedestal” do monumento a D. Pedro I, haviam assumido a celebração da data (REVISTA ILUSTRADA, 21 set. 1886). A vida nacional foi qualificada como um “horizonte político enfarruscado”, diante do qual restava ao indígena, sobre um morro, aguardar a chegada da princesa imperial (REVISTA ILUSTRADA, 31 maio 1887). Já à frente do *D. Quixote*, Agostini trouxe menos presenças do índio/Brasil nas capas do periódico, nas quais dominaram os dois personagens que protagonizavam a obra cervantina, que lembrava o seu título, além do que a nação passou a contar com uma mais seguida representação por meio da dama do barrete frígio. Uma dessas presenças sustentou um posicionamento crítico,

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

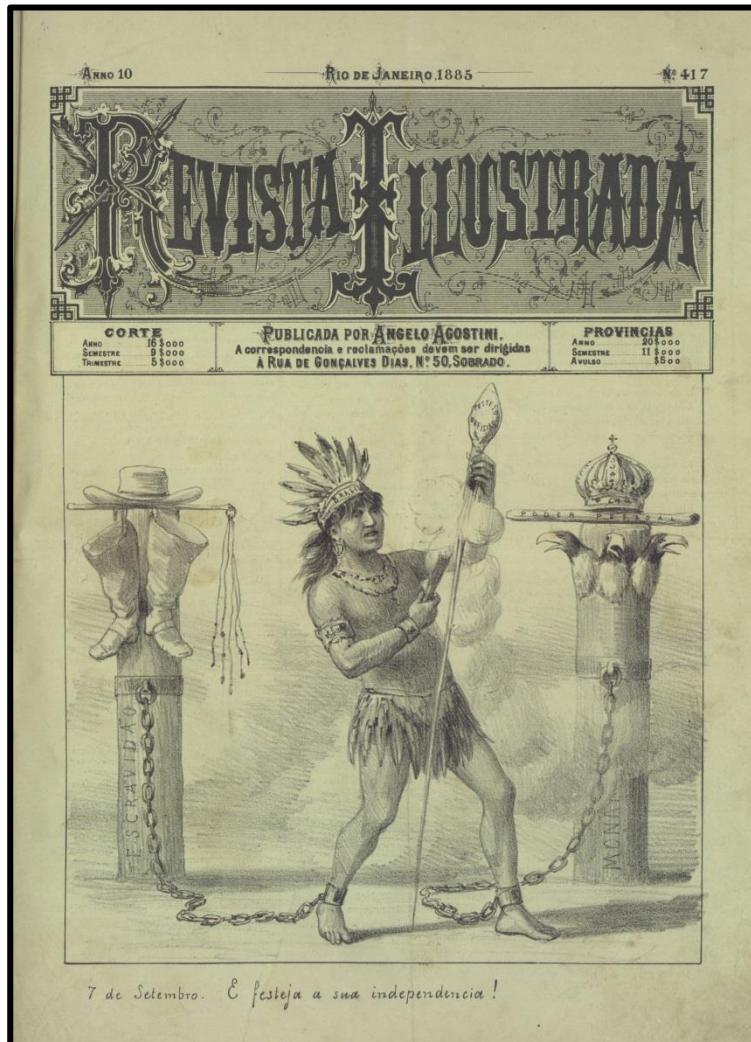
com o indígena estupefato diante dos valores desembolsados para sustentar os subsídios dos parlamentares (DOM QUIXOTE, 23 nov. 1895) e em outra, na realização de uma homenagem, em que as alegorias republicana e indígena se reuniam para saudar uma personalidade pública brasileira (DOM QUIXOTE, 21 mar. 1897).



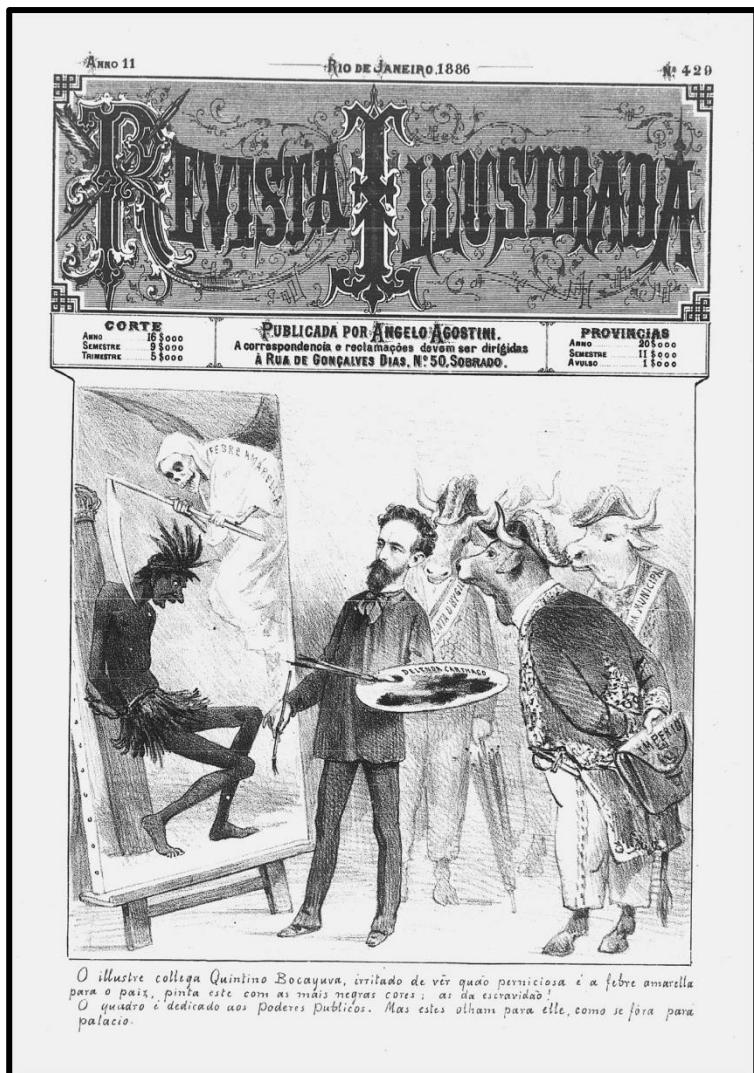
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



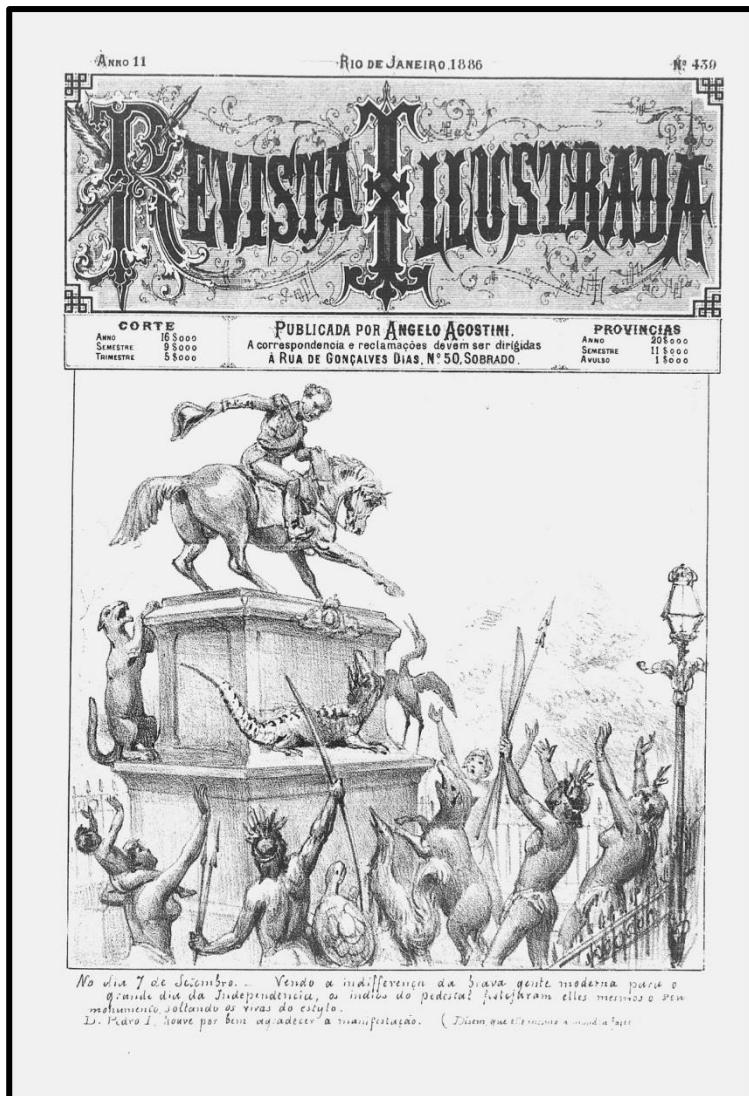
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



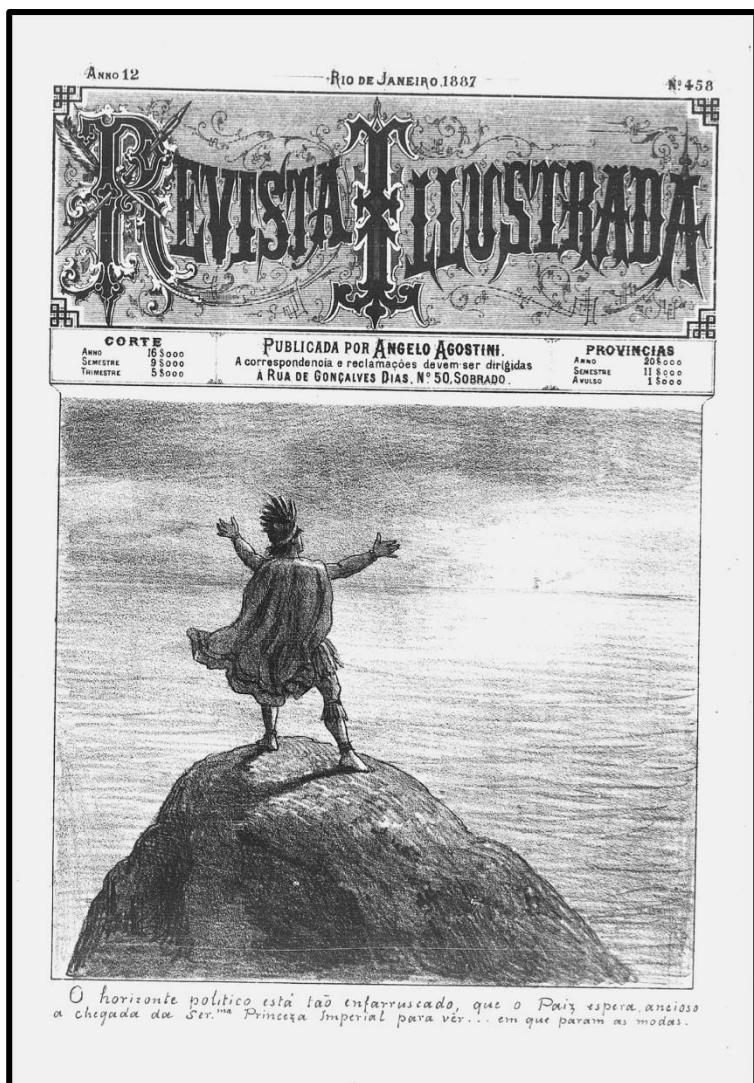
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



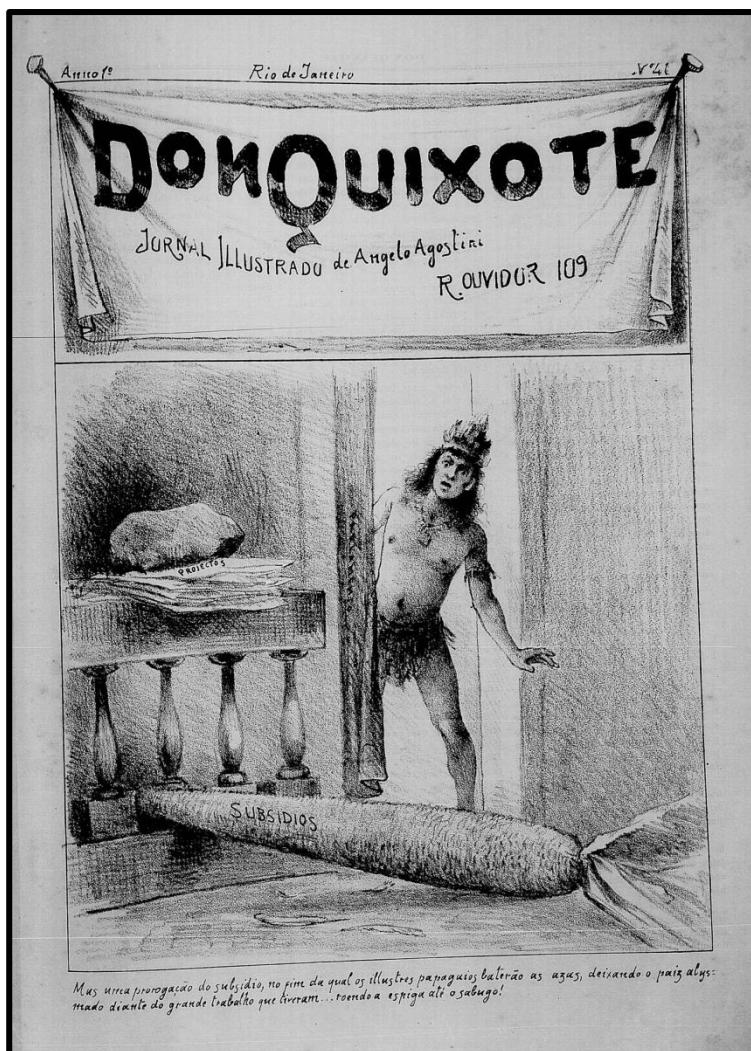
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

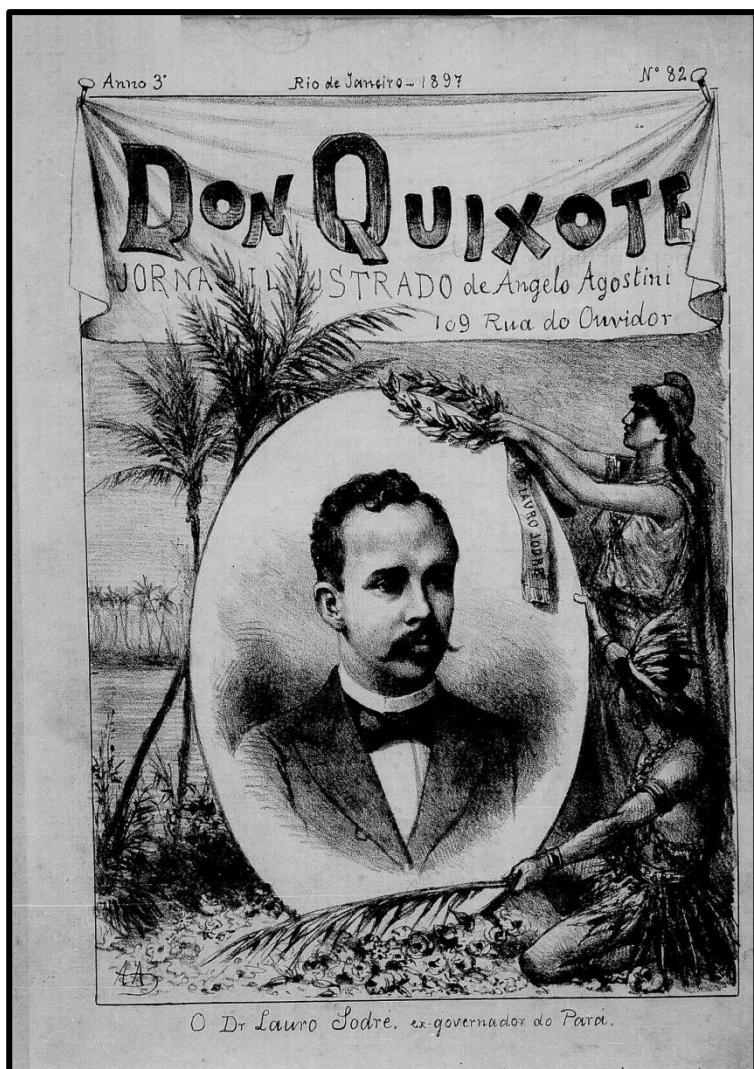


A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



Mas uma prorrogação do subsídio, no final da qual os ilustres papagaios baterão as asas, deixando o país alisado diante do grande trabalho que fizeram... roendo a espiga até o sábio!

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A arte caricatural praticada por Agostini e a repercussão dos periódicos que editou trouxeram

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

consigo uma enorme influência exercida na imprensa ilustrada e humorística de todo o país. A ampla cobertura das publicações dirigidas por Agostini, notadamente a *Revista Ilustrada*, atingia representativa quantidade de localidades espalhadas pelo vasto território brasileiro. Nesse sentido, em tais páginas ilustradas, toda a história da corte se desenhava, em um quadro pelo qual as caricaturas, os textos, as alegorias e os subentendidos adquiriam sentido perante o olhar do público leitor, de modo que o país compreendia suas representações sem esforço e gostava¹⁷. Nessa linha, sob o ponto de vista histórico, pela fixação da vida política do Brasil justamente no mais vivo período de transição da monarquia à república, bem como pela imensa repercussão que teve no desenvolvimento da nova geração de caricaturistas nacionais, de norte a sul do país, nenhuma publicação se equiparou à *Revista Ilustrada*, como nenhum mestre foi mais decisivo do que Ângelo Agostini¹⁸. E tal fenômeno foi também observável na difusão da alegoria indígena nas várias cidades brasileiras onde se praticou a caricatura expressa por meio do periodismo.

Dessa maneira, a cultura visual brasileira na segunda metade do século XIX se encontrava bastante coesa no que concerne à figura do indígena como personificação do país. Houve de um lado um índio que se mostrava um lócus fecundo para a exaltação da

¹⁷ MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo Brasiliense, 1955. p. 17-18.

¹⁸ LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1. p. 119.

nacionalidade, por meio de intelectuais, artistas e músicos, muitas vezes contando com o amparo oficial, interessado que estava o Estado Nacional Monárquico em afirmar-se. Mas, por outro lado, a informalidade da imagem jornalística, libertada das amarras institucionais, propiciava correlações e construções simbólicas mais combativas e politizadas, utilizando para isso inúmeras vezes a comicidade e a sátira¹⁹. Assim, o índio/Brasil de intelectuais e artistas do centro do país, e notadamente o da lavra caricatural de Ângelo Agostini, avançou por todos os lugares do país dedicados a esta arte, como foi o caso do Rio Grande do Sul, cuja imprensa humorística não só se espelhou, como reproduziu total ou parcialmente várias daquelas representações, além de expandir a simbologia, com novas concepções.

¹⁹ COSTA, Richard, 2013, p. 115.

O índio/Brasil e a imprensa caricata sul-rio-grandense

A imprensa ilustrada e humorística do Rio Grande do Sul destinada à difusão da arte caricatural lançou mão de um sem número de alegorias em suas representações imagéticas. A perspectiva era a de apresentar uma criação artística visual que servisse para sintetizar e/ou materializar algum elemento constitutivo da sociedade. Uma dessas construções alegóricas foi a da figura do indígena, utilizada para designar o país, a nação e/ou o povo brasileiro. Seguindo as premissas do romantismo e as tendências expressas pela caricatura carioca, os periódicos caricatos gaúchos também lançaram mão da imagem do índio/Brasil, entre as décadas de 1860 e 1890.

A precursora publicação voltada à caricatura no Rio Grande do Sul foi *A Sentinela do Sul*, editada em Porto Alegre, entre 1867 e 1868. A folha tinha na crítica a sua base editorial, sem deixar de garantir que tal prática seria executada com discernimento, não ultrapassando as raias da justiça e da honestidade, vindo a ferir apenas com base na razão e nos limites da decência. No que tange à caricatura, o periódico considerava que ela seria como o seu “sal ático”, pretendendo, em “tom jocosério”, dizer muitas verdades, se esforçando com desenhos e palavras “para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania” (*A SENTINELA DO SUL*, 7 jul. 1867). Um dos temas mais recorrentes do semanário era

a Guerra do Paraguai, trazendo detalhes sobre o teatro de operações e acerca dos militares em luta, mormente os sul-rio-grandenses²⁰.

Uma das presenças do índio/Brasil nas páginas de *A Sentinela do Sul* foi voltada à execução da crítica política, com o chefe do gabinete imperial travestido em Pandora, pronto a despejar diversos males sobre o país, estando a oferecer “presentes” relacionados com o incremento de taxações e impostos que recairiam sobre o povo. Tais prendas eram ofertadas à figura indígena, que se mostrava estupefata perante a ação do político (*A SENTINELA DO SUL*, 15 set. 1867). Inter-relacionada com a pauta editorial central do periódico, a Guerra do Paraguai, uma nova inserção do índio ocorreu com tal alegoria, de laço à mão, perseguindo o governante paraguaio, sua família e o clero, bem de acordo com a perspectiva da folha caricata em buscar apresentar o líder guarani como um covarde (*A SENTINELA DO SUL*, 19 abr. 1868). As desconfianças dos sul-rio-grandenses para com os vizinhos platinos e aliados na Tríplice Aliança eram demonstradas com o índio cercado por dois *gauchos*, simbolizando argentinos e uruguaios, ao argumentar que ambos seriam “amigos” do Brasil,

²⁰ A respeito de *A Sentinela do Sul*, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-27.; ALVES, Francisco das Neves. *O primeiro periódico caricato sul-rio-grandense e as imagens do feminino (Sentinela do Sul, 1867-1868)*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 7-14; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-11.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

apenas por ocasião da Guerra do Paraguai (A SENTINELA DO SUL, 3 maio 1868).



A moderna Pandora oferecendo seus presentes ao Brasil.



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



Outra publicação caricata gaúcha foi editada na cidade do Rio Grande, entre 1875 e 1881, e era intitulada

O Diabrete. Pretendia timbrar pelo razoável de suas apreciações e apanhados, erguendo por divisa no pórtico de sua propriedade a legenda, que lhe serviria de norma em suas árduas pugnas: *Lectore dilectanti pariterque monendo*. Em sentido figurado, dizia que, enquanto todos buscavam livrar-se da tentação do demônio, seria um “árduo trabalho” apresentar aquele “diabrete”, pedindo que o leitor não só se familiarize com ele, como ainda mais, que lhe dispensasse a valiosa e nunca assaz louvada proteção (*O DIABRETE*, 4 jul. 1875). Também no que tange aos seus intentos, afirmava que a pena do jornalista, como a espada da justiça, deveria estar sempre prestes, para, sem distinção, castigar os culpados ou defender as vítimas destes (*O DIABRETE*, 7 nov. 1875). A crítica política foi uma das seivas editoriais da folha ilustrada rio-grandina²¹.

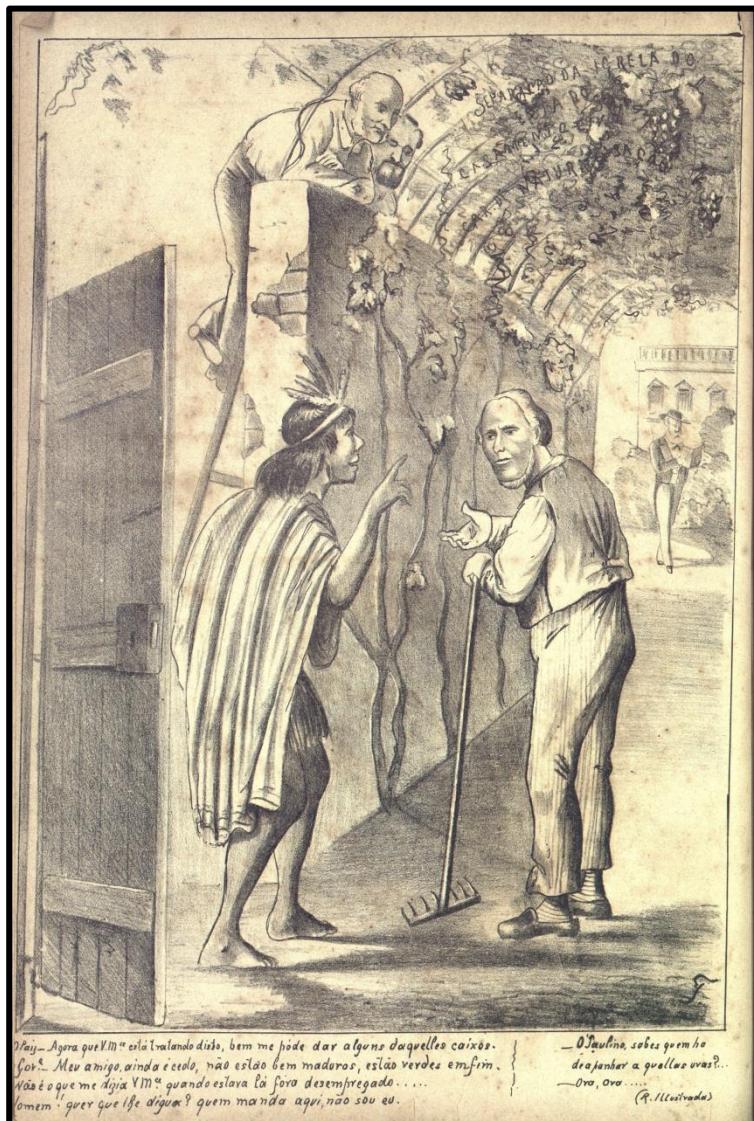
Em uma das representações de *O Diabrete*, o índio/Brasil pedia a um político para compartilhar das uvas que plantava, conforme promessa anterior, mas permaneceu tendo uma negativa por resposta, em sinal de que os homens públicos só se importavam com seus interesses, sem nem levar em conta os populares (*O DIABRETE*, 16 mar. 1879). O indígena aparecia ainda aprisionado e pronto a ser supliciado pelos membros da Igreja, situação considerada inaceitável por um político defensor de princípios anticlericais, no que era acompanhado pelo periódico caricato rio-grandino (*O DIABRETE*, 20 abr. 1879). Até mesmo o funeral do Brasil foi tema de uma caricatura, na qual o índio encimava o

²¹ Acerca de *O Diabrete*, ver: FERREIRA, 1962, p. 160-168; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 170-194.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

esquife, o qual era carregado pelos políticos, tendo o imperador à frente e, atrás, o clero de braços dados com a “dama-constituição”, formando um casal alegre, em alusão à religião oficial do Estado Imperial (*O DIABRETE*, 4 maio 1879). A alegoria indígena também foi desenhada agrilhoada à beira de um precipício, sendo roubada por um clérigo, enquanto os homens públicos jogavam cartas, despreocupados com a situação do país (*O DIABRETE*, 11 maio 1879). Perante o olhar incrédulo de políticos liberais, o índio/Brasil aparecia mais uma vez acorrentado, enquanto aves de rapina, simbolizando os representantes do clero, adejavam-no, supondo que já estivesse morto, estando prontos para devorar sua “carniça” (*O DIABRETE*, 25 maio 1879). O indígena chegou a ser ilustrado como a fazer o papel da peteca em um jogo de raquetes realizado pelos “estadistas e parlamentares”, transformando o país em uma “desgraçada pátria” (*O DIABRETE*, 16 jun. 1879).

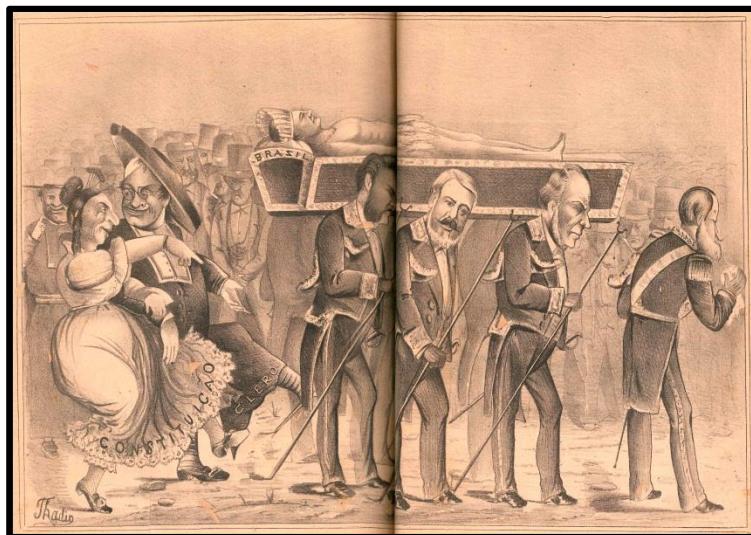
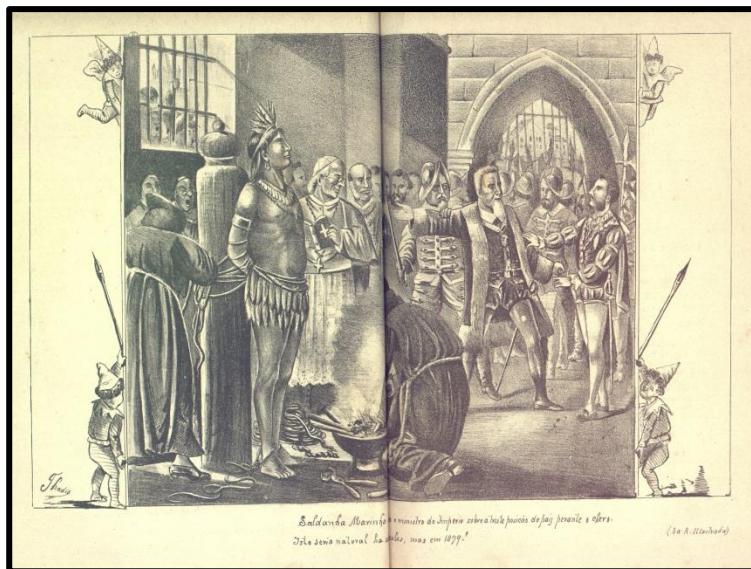
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



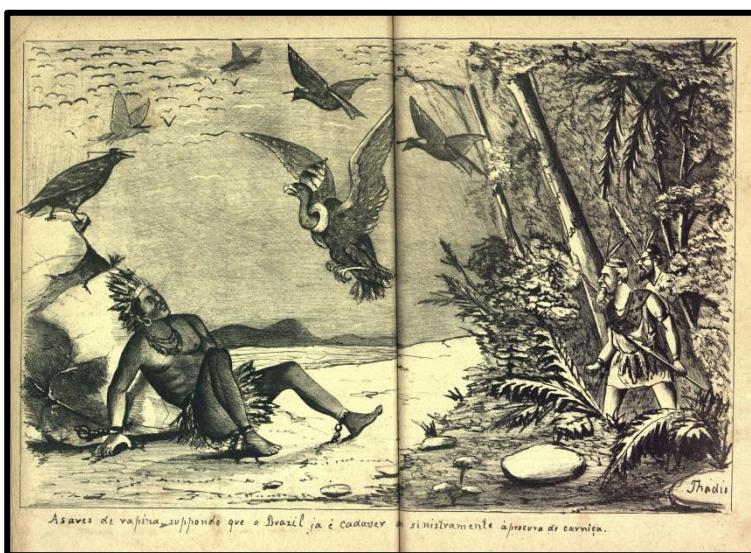
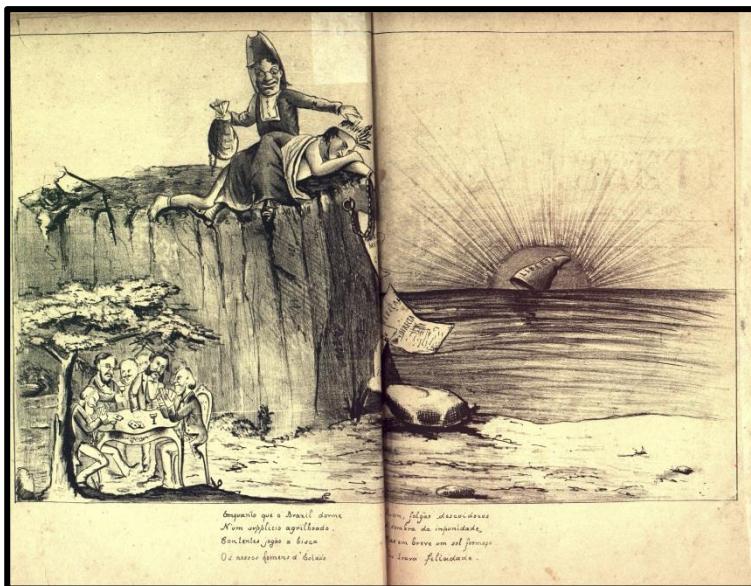
Vila... Agora que V.M^{ta} está tratando disso, bem me pôde dar alguns daquelas caixas...
for... Meu amigo, ainda é cedo, não estão bem maduros, estão verdes enfim...
Vâo é o que me dizia V.M^{ta} quando estava lá fora desemfregado...
lomen... quer que lhe diga? quem manda aqui, não sou eu.

— O Paulino, sabes quem ha
de a juntar a quellas uvas?...
— Ora, ora...
(R. Ilustrada)

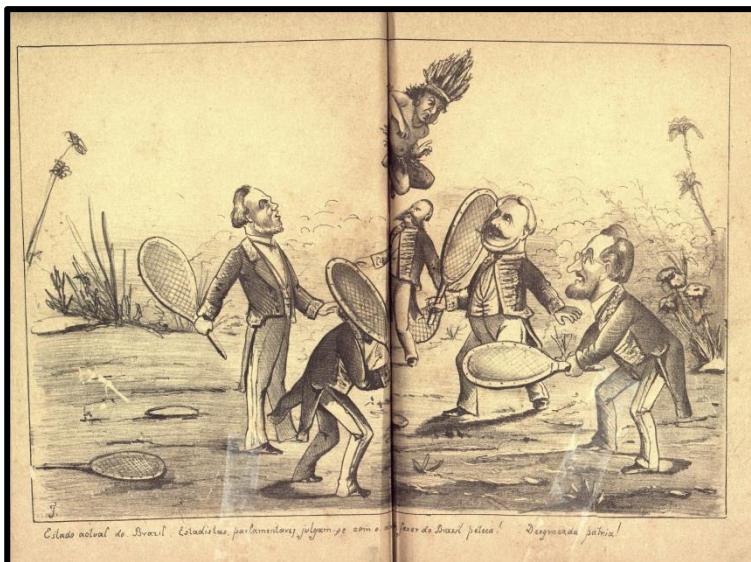
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



Um índio desesperançado compunha outra gravura, na qual um político progressista buscava empreender reformas liberalizantes para a sociedade brasileira, na forma de um plantio, diante do que aquele considerava que se tratava de uma ação “inútil”, uma vez que aquelas seriam “plantas exóticas”, que não medrariam no solo brasileiro, uma vez que os seus “feitores” assim não o queriam (*O DIABRETE*, 13 jul. 1879). Com olhar estupefato, o indígena observava os homens públicos se esforçando ao máximo para obterem uma cadeira no Senado, ao passo que uma figura feminina, simbolizando a província sul-rio-grandense, garantia que eles não estariam lutando pelos interesses provinciais e sim pelos próprios (*O DIABRETE*, 3 ago. 1879).

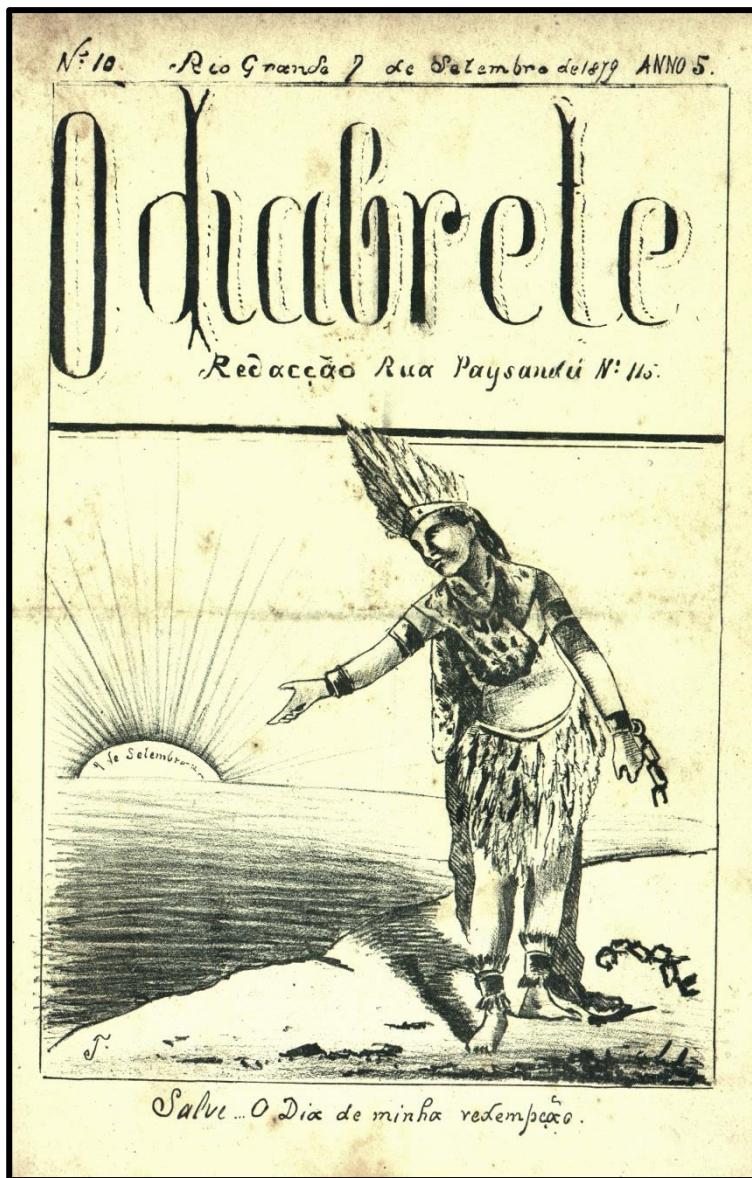
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



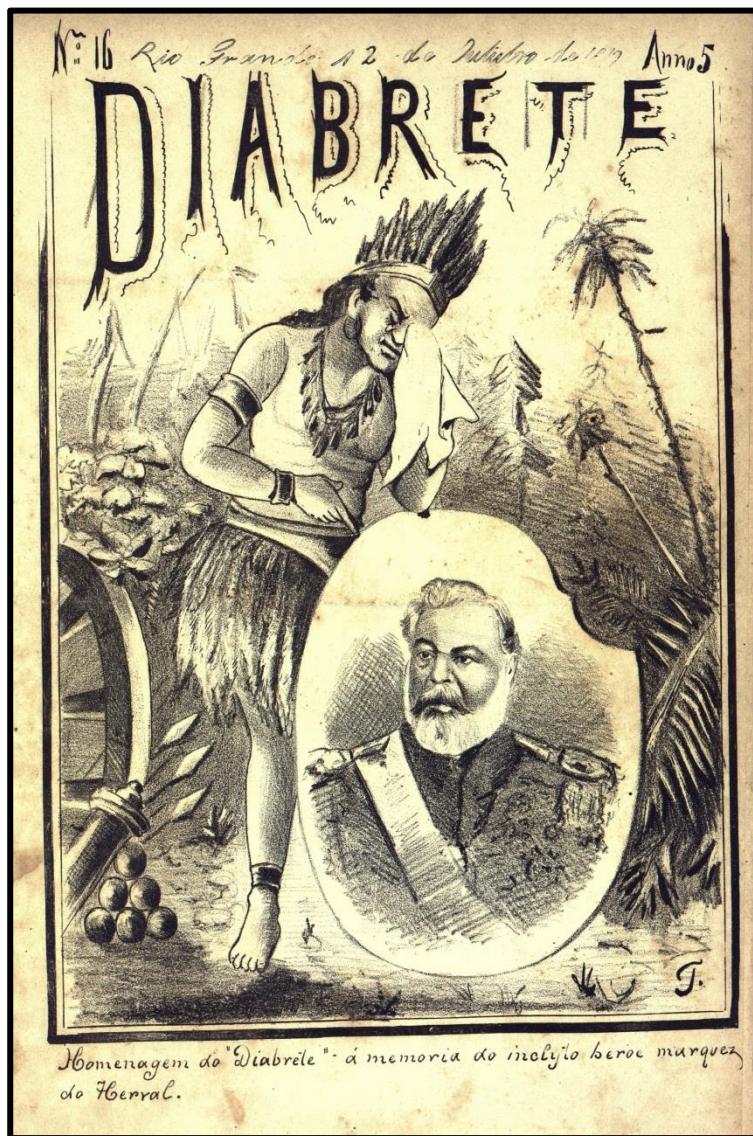
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Com alguma expectativa positiva, o índio/Brasil comemorava o dia da independência nacional, tendo rompido os grilhões que o aprisionavam e apontando para um sol nascente que lembrava a data alusiva, considerada como o momento de sua “redenção” (O DIABRETE, 7 set. 1879). Em uma homenagem fúnebre, *O Diabrete* trouxe a figura indígena pranteando a morte do marquês do Herval, general Manoel Luís Osório, que falecera recentemente, e era relembrado por seu papel como militar, mormente durante a Guerra do Paraguai, sendo o mesmo destacado como “legendário”, o “brasileiro que maiores serviços prestou à sua pátria, dando notáveis exemplos de heroicidade, de incomparável intrepidez”, bem como “de inexcedível valor e desapego à vida” (O DIABRETE, 12 out. 1879). Em um conjunto de caricaturas, o periódico rio-grandino lançava mão de uma tradicional representação para o Brasil, simbolizado pela “nau do Estado”, uma embarcação guiada com imperícia pelos governantes, o que levaria ao mal-estar da população, ou seja, o índio, a quem restava rezar por dias melhores, mas que, não aguentando o balanço do desgovernado navio, acabava enjoado e vomitando à proa do barco (O DIABRETE, 18 abr. 1880).

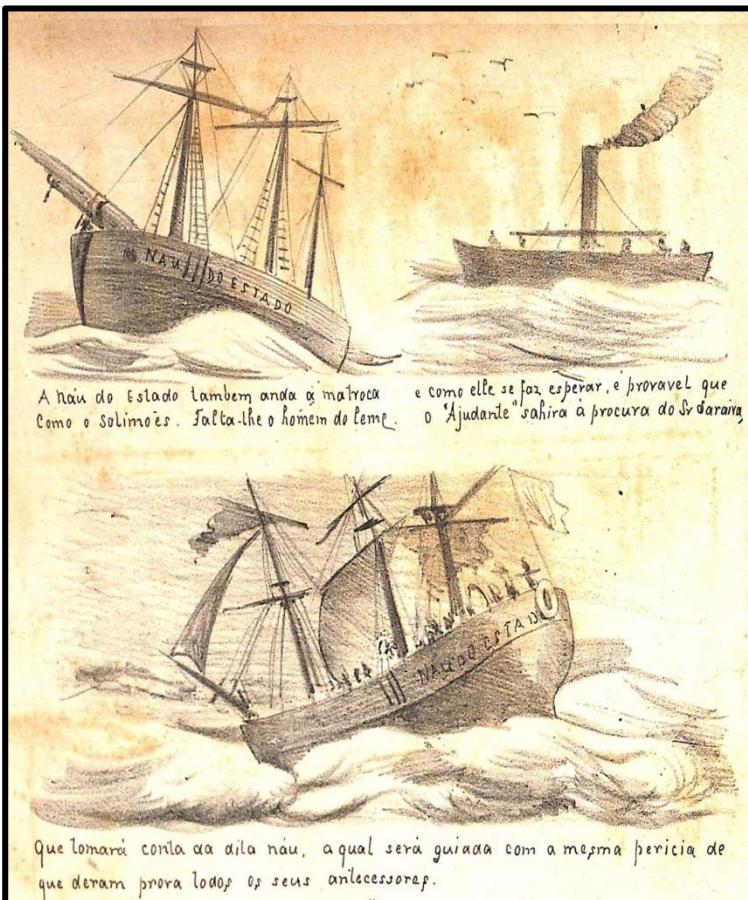
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-
GRANDENSE



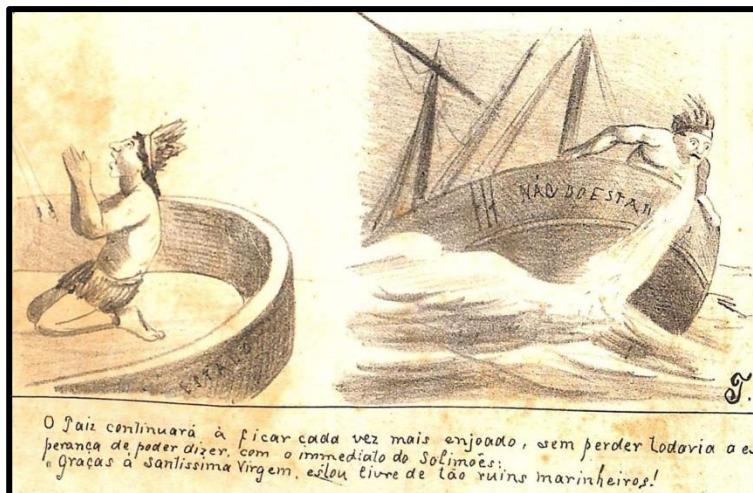
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A nau do Estado também anda à matroca
Como o Solimões. Falta-lhe o homem do tempo,
e como elle se faz esperar, e provavel que
o "Ajudante" sahira à procura do Sr. d'arainha,

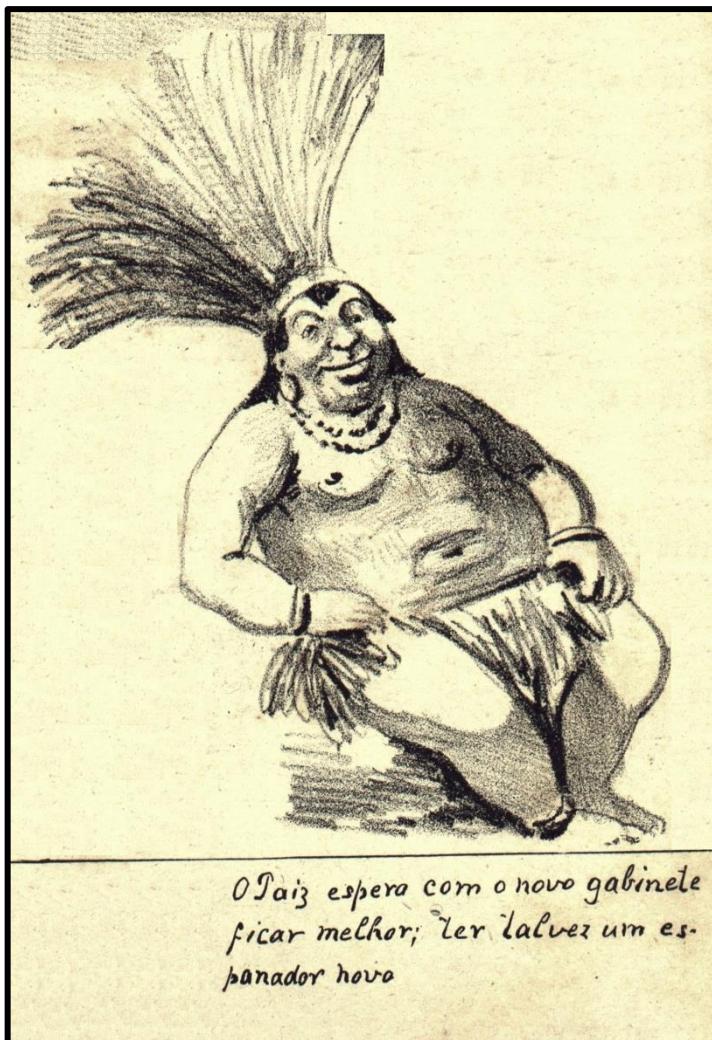
Que tornaria corila da aila nau, a qual será guiada com a mesma pericia de
que deram prora todos os seus antecessores.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



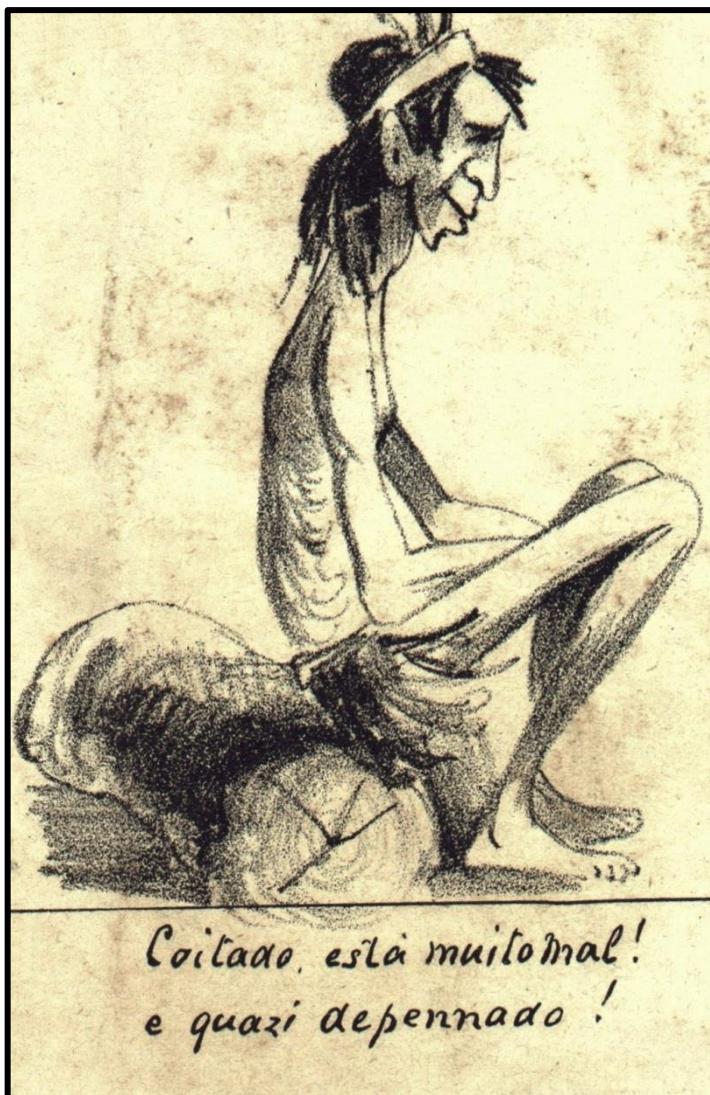
O Paiz continuará à ficar cada vez mais enjoado, sem perder lodaria a esperança de poder dizer, com o imediato do Solimões: «graças à Santíssima Virgem, esfou livre de tão ruins marinheiros!»

Insinuando malversações do dinheiro público e incompetência política, *O Diabrete* se referia a uma mudança ministerial, imaginando a partir da imagem de um índio robusto que o país poderia ter alguma melhora, ao menos para que o personagem pudesse comprar um “espanador novo”, mas, sem deixar de lado a óptica pessimista, sugeria a possibilidade de o Brasil permanecer muito mal, designando-o por um indígena raquítico, que aparecia “quase depenado” (*O DIABRETE*, 23 abr. 1880). Com a morte do duque de Caxias, o periódico trouxe outra homenagem fúnebre, com o índio/Brasil depositando uma coroa de louros junto ao túmulo do falecido, identificado pela sua efígie, além de dizer que a nação estava a prantear o desaparecimento de “seu mais dileto filho” (*O DIABRETE*, 13 maio 1880).

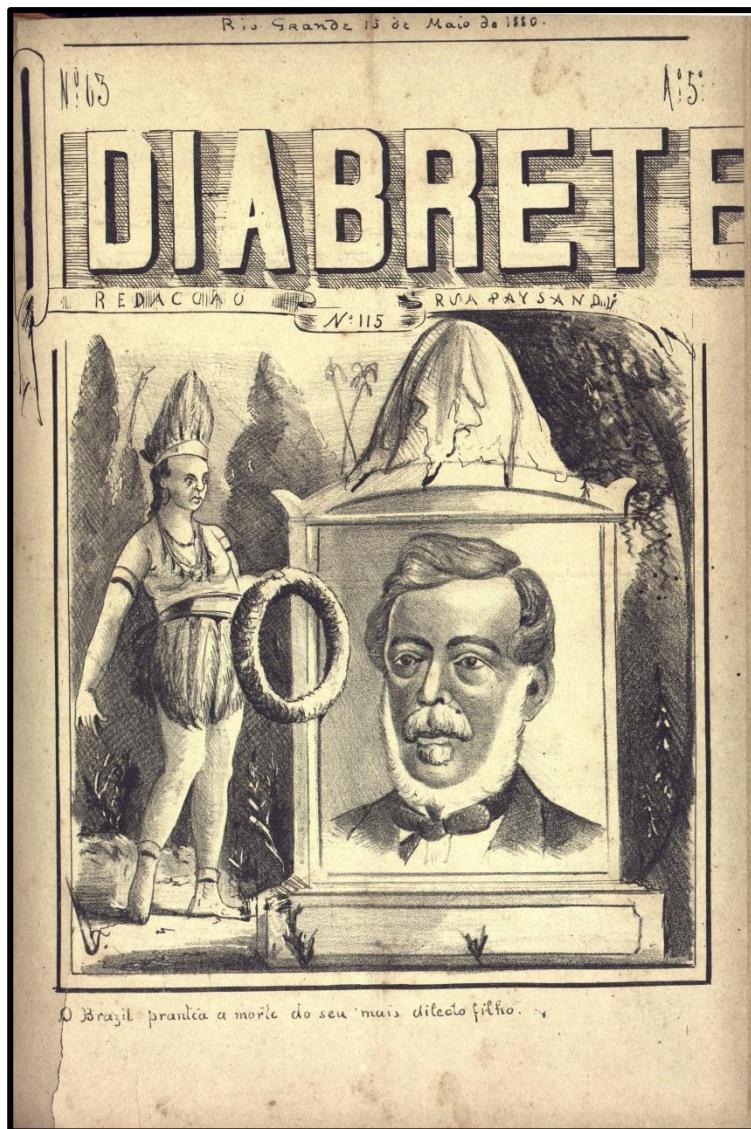


O Paiz espera com o novo gabinete
ficar melhor; ter talvez um es-
panador novo

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-
GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



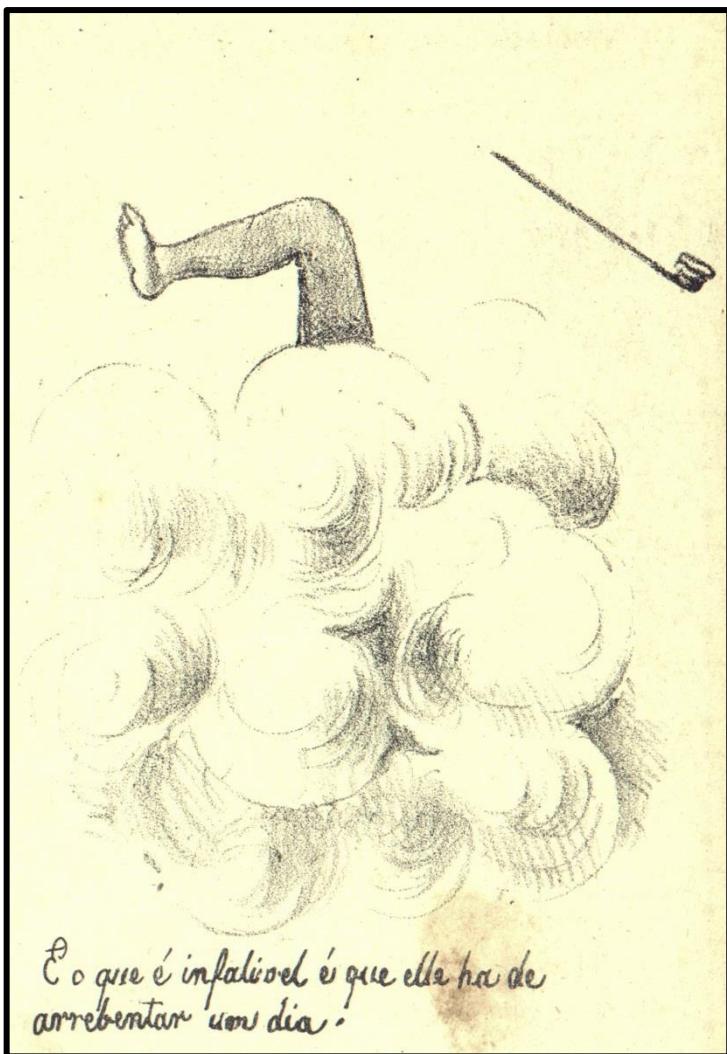
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Um outro conjunto caricatural publicado pelo semanário ilustrado rio-grandino trazia por tema as procrastinações quanto aos projetos abolicionistas no âmbito do legislativo e do executivo imperiais. De acordo com o periódico havia diversos assuntos a serem levados em frente no parlamento, dentre eles o da extinção da escravatura, de modo que mostrava o mesmo como uma bomba, sobre a qual aparecia a alegoria indígena, fumando seu cachimbo calmamente, parecendo estar “confiante” no bom andamento do abolicionismo. Apesar disso, o artefato acabava por explodir, levando junto o índio que se perdia em meio à fumaça, para depois aparecer desacorçoado, ao imaginar que a escravidão constituía “um verdadeiro cancro” no seu pescoço. Depois, com o tal câncer se espalhando pelo corpo, vinha a cavar sua própria sepultura, tendo em vista o “triste aspecto” que estaria a desempenhar “perante a civilização”, de modo a ficar, “na ordem das nações”, atrás até mesmo da Turquia, país comumente utilizado para designar atraso e autoritarismo (O DIABRETE, 18 set. 1880). A aprovação de uma reforma legislativa no campo eleitoral foi apresentada como um recém-nascido entregue por um político à figura do indígena, qualificado como um “país agradecido” (O DIABRETE, 18 jan. 1881). A folha rio-grandina mostrou também um agitado contexto na vida sul-americana, notadamente nas fronteiras nacionais, apontando para o pouco “empenho do Brasil” perante tal quadro, com a presença de um índio obstupefato e alarmado (O DIABRETE, 30 jan. 1881).



mas muito pior obra é e da es
cravidão sobre o qual está assentado
confiante o paiz.

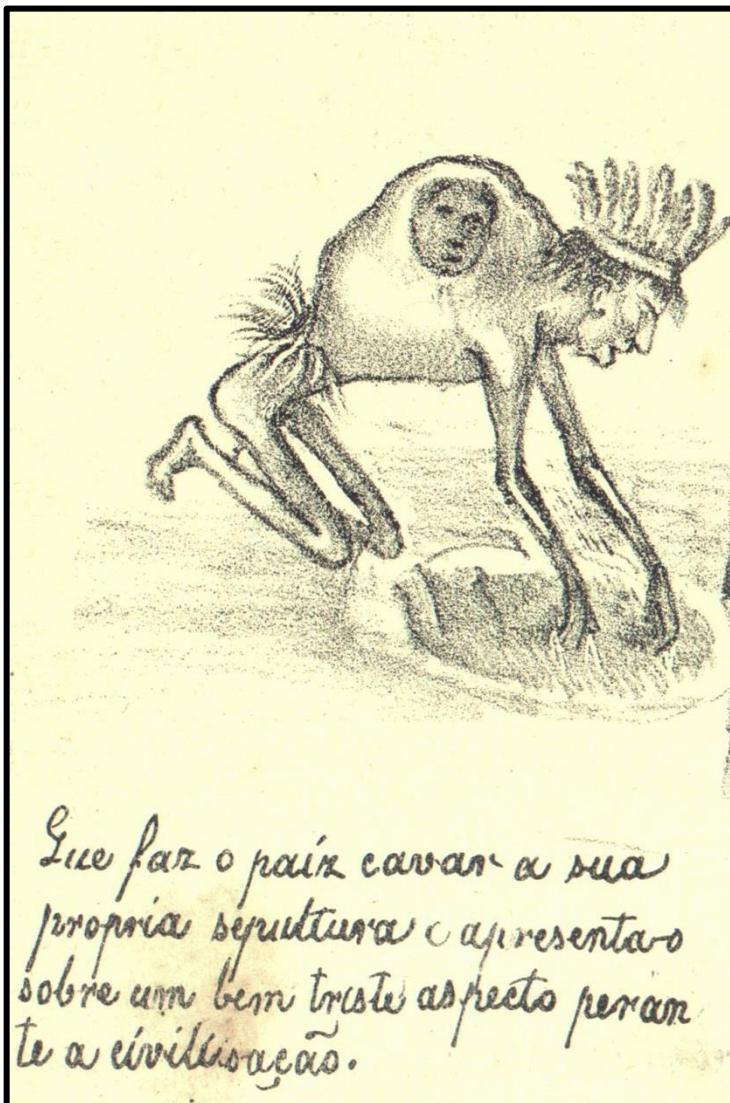
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-
GRANDENSE



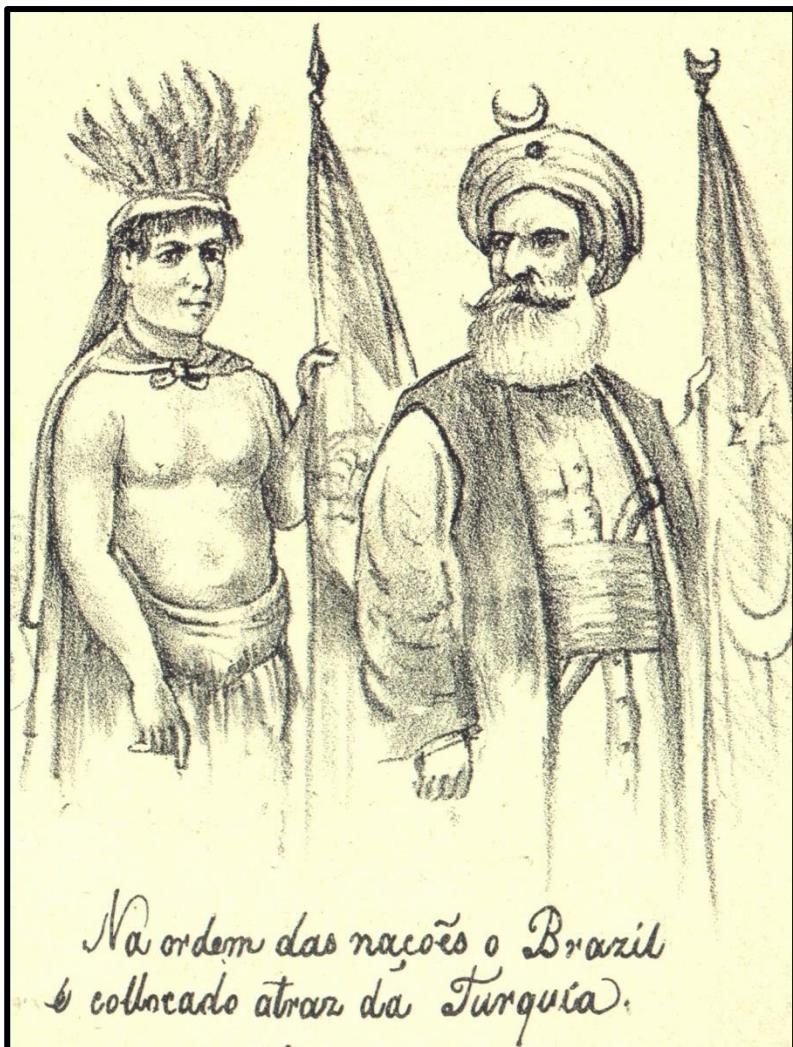
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

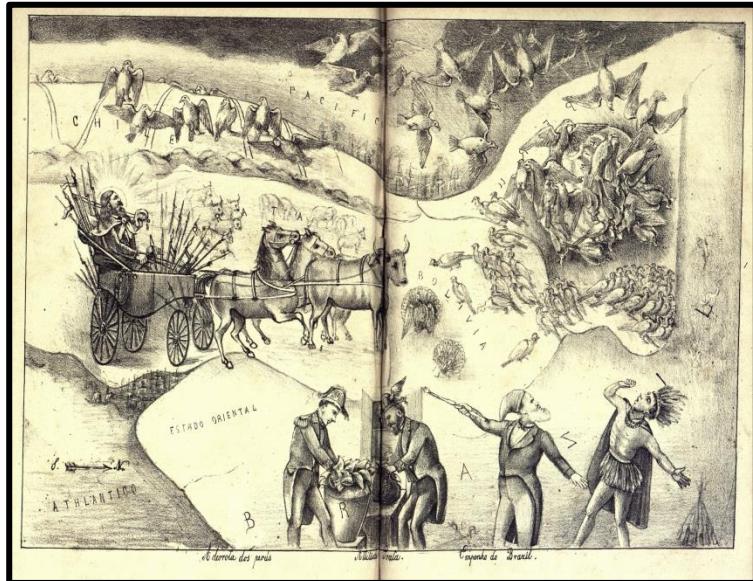


*Que faz o paiz cavar a sua
própria sepultura e apresentar o
sobre um bem triste aspecto peran-
te a civilisação.*



*Na ordem das nações o Brasil
é colocado atrás da Turquia.*

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



Outra publicação caricata gaúcha, editada na cidade de Pelotas, entre 1879 e 1881, foi o *Cabrión*. Tal periódico se apresentou como folha ilustrada de assuntos políticos e sociais, para depois simplificar o dístico, resumindo-o a folha ilustrada e humorística. O título do periódico reproduzia o de diversos jornais do mesmo gênero espalhados em vários lugares do mundo, fazendo referência ao ato de importunar, molestar ou perseguir incessantemente, bem de acordo com suas práticas críticas, ferinas e chistosas. O seu caráter crítico, censório e jocoso ficava demarcado no programa, ao dizer que seguiria “uma tradição”, constituindo um tipo que ressurgia da história para perseguir no presente a desonestidade, o abuso e a vilania, buscando voltar-se para a execução de “um culto para o bem, uma homenagem de justiça para o mérito”, consagrando todos os seus esforços a favor da “democracia legítima” (CABRION, 10 fev. 1879), em referência à sua postura republicana²².

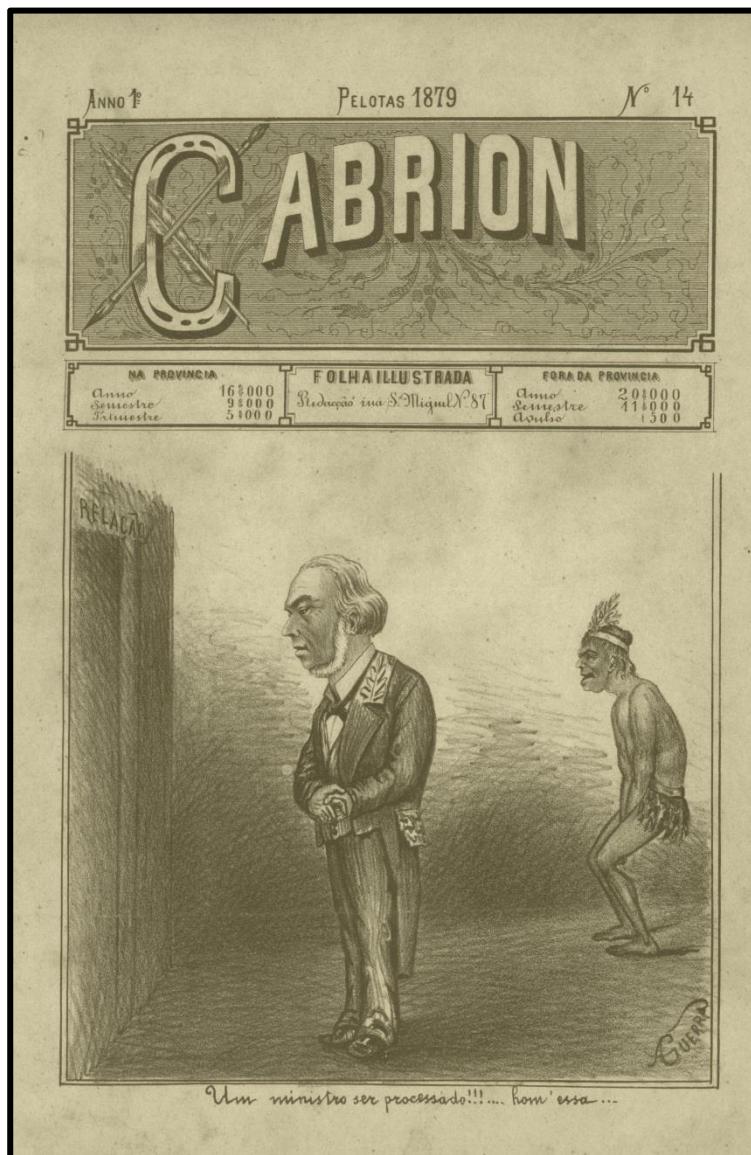
Nas páginas do *Cabrión*, enquanto um homem público mostrava-se inseguro para entrar em um órgão que apreciaria seus atos, um indígena assistia a cena com ar debochado, duvidando da possibilidade de um ministro vir a ser processado (CABRION, 11 maio 1879).

²² A respeito do *Cabrión*, ver: FERREIRA, 1962, p. 199-208.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 35-36; e ALVES, Francisco das Neves. *A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-10.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Em outra caricatura, o índio/Brasil aparecia inconfortável em ter de depositar grande quantidade de dinheiro nas duas casas parlamentares, representadas por duas faces com bocas enormes, prontas para devorar as verbas públicas. Diante da cena, o personagem anunciava que iria à “bancarrota”, ao sustentar o Senado e a Câmara, sem que houvesse a contraprestação de nenhum “benefício” ao país (CABRION, 18 maio 1879). O periódico apresentou ainda três clérigos roubando e sufocando o indígena com uma corda, aparecendo ainda uma figura feminina em farrapos, designando a instrução pública, que estaria “à míngua” por causa dos gastos com a Igreja (CABRION, 25 maio 1879). A figura indígena foi desenhada dormindo profundamente, mas, na condição de um “escravo” da monarquia, sonhava com a dama do barrete frígido que simbolizava a mudança da forma de governo (CABRION, 22 jun. 1879). O índio voltava a aparecer como um “escravo”, preso a um tronco e açoitado por um político (CABRION, 6 jul. 1879).

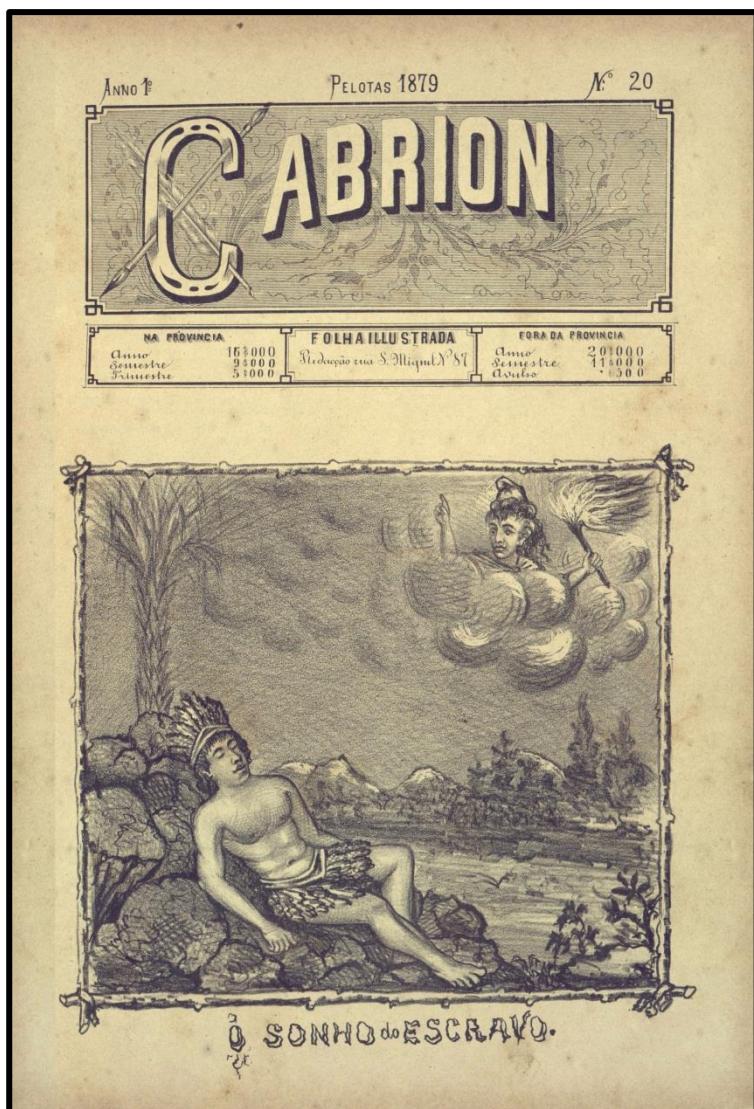
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



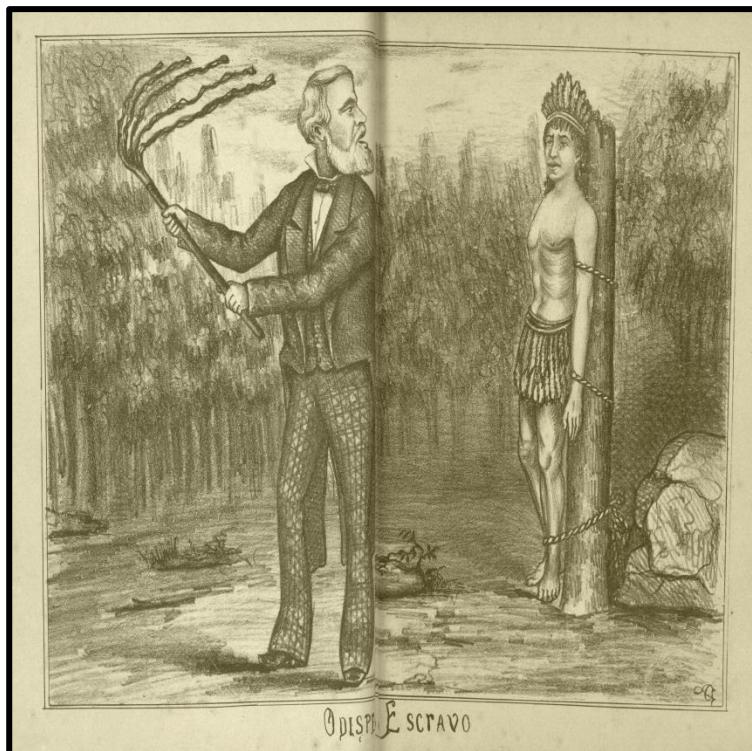
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



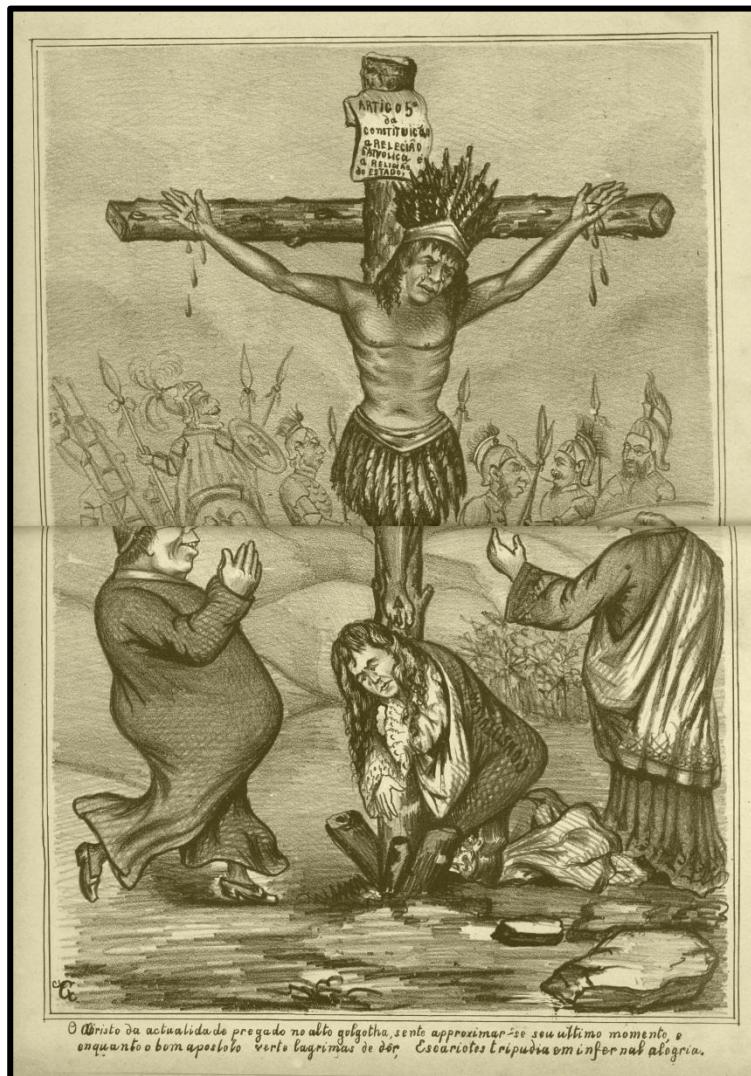
Enquanto adotava manobras evasivas para desviar as atenções, um político queimava as provas de malversações com o dinheiro público, diante do que o índio/Brasil reagia, partindo para cima do homem público de porrete à mão, pronto para puni-lo pelos malfeitos (CABRION, 24 jul. 1879). Os sacrifícios do índio chegavam a ser simbolizados em tons religiosos, aparecendo o personagem crucificado, para festa dos soldados romanos - os políticos - e alegria do traidor Judas - o clero -, enquanto a Maria/constituição chorava a crucificação da alegoria do povo brasileiro (CABRION,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

27 jul. 1879). Em outra caricatura, uma personalidade política indicava à dama que representava a província rio-grandense-do-sul, dois caminhos possíveis, de um lado, um índio massacrado pelo peso da política imperial, de outro, um indígena livre e levando o barrete encarnado à cabeça, como alusão à república (CABRION, 31 ago. 1879).



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

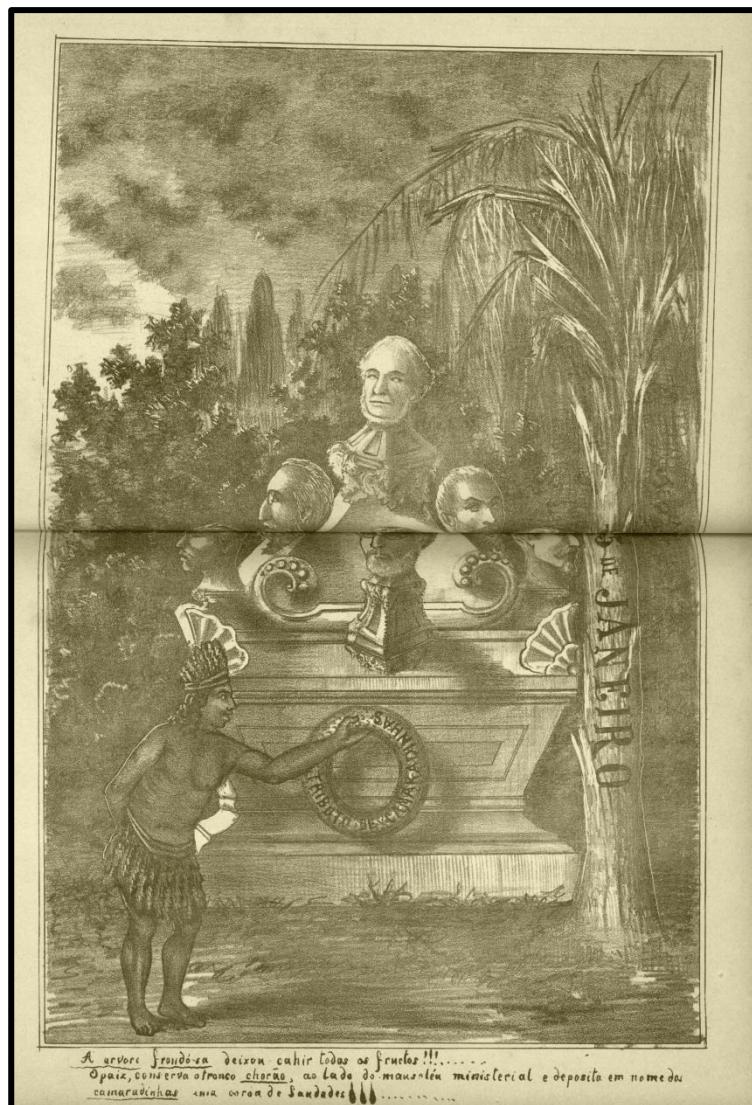


O Cristo da actualidade pregado no alto gulgótha, sente approximarse seu ultimo momento e enquanto o bom apóstolo verte lagrimas de dor. Escarões tripudia em infernal alegria.



A queda de um gabinete imperial foi notificada caricaturalmente por *O Diabrete*, que, de forma jocosa, mostrava os políticos decaídos em um “mausoléu ministerial”, surgindo o índio, com ar sarcástico a depositar uma coroa de louros no figurado túmulo (CABRION, 21 mar. 1880). Abrindo um frasco que continha um político, o índio/Brasil conversava com o imperador sobre as potencialidades de um novo ministério (CABRION, 4 abr. 1880). Um jovem considerado como um prodígio na arte musical, o violinista Eugène-Maurice Dengremont, foi saudado pelo periódico, a partir das homenagens recebidas de parte do continente europeu e do indígena que representava a nação brasileira (CABRION, 5 set. 1880).

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



A árvore frouxidosa deixou cair todos os frutos!!!...
Opaix, conserva o tronco chique, ao lado do mau-séu ministerial e deposita em nome da
camaradinha sua coroa de laudades!!!



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



Na cidade do Rio Grande foi editado o periódico ilustrado *Maruí*, entre 1880 e 1882. Seu título tinha

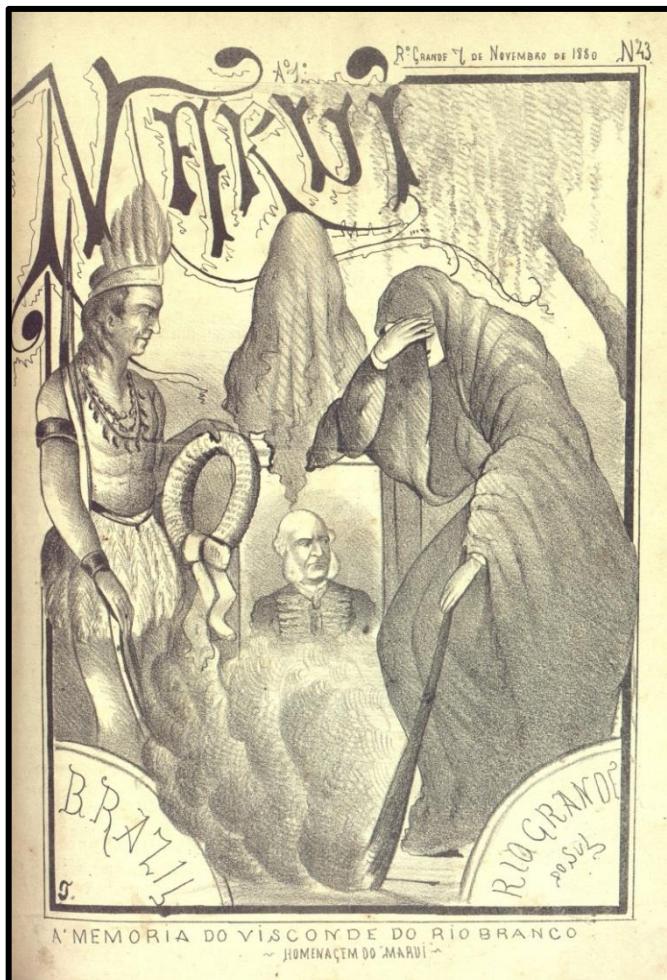
origem nos incômodos provocados por um mosquito que habita áreas pantanosas, conhecido pelo nome de maruí ou maruim, de modo que assim expressava as suas intenções de executar analogicamente as atitudes do inseto, ou seja, picar, irritar, produzir ardor ou comichão, vindo a promover certa agitação em meio à sociedade da comuna em que circulava. Expressou seu programa por meio de versos, declarando seu objetivo ao dizer que “se vossos risos brotarem, não hei de sair daqui”, sendo “alegre como as crianças, franco, honesto e folgazão”, buscando contar “pilherias a mil” (MARUÍ, 4 jan. 1880). Pretendo realizar um papel moralizador, o periódico afirmava ainda que, sendo fiel ao seu programa, não poderia ficar indiferente diante dos grandes males que ameaçavam a sociedade²³ (MARUÍ, 24 out. 1880).

O falecimento do político brasileiro visconde do Rio Branco foi enaltecido pelo *Maruí*, ao apresentar a província do Rio Grande do Sul, como uma figura feminina em vestes de luto, pranteando a morte, e o índio/Brasil depositando uma coroa de louros perante a efígie da personalidade falecida (MARUÍ, 7 nov. 1880). Em relação às disputas com a Argentina pela hegemonia subcontinental, o indígena que simbolizava o país apareceu dormindo profundamente, enquanto “os argentinos armam-se até os dentes”, surgindo a dúvida se ele conseguiria despertar “a tempo de evitar o perigo” (MARUÍ, 5 dez. 1881). A respeito do mesmo tema, o bobo da corte em trajes modernos cobrava do indígena – com sua indumentária tradicional mesclada com roupas

²³ Acerca do *Maruí*, ver: FERREIRA, 1962, p. 168-183.; e ALVES, 2019. p. 194-217.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

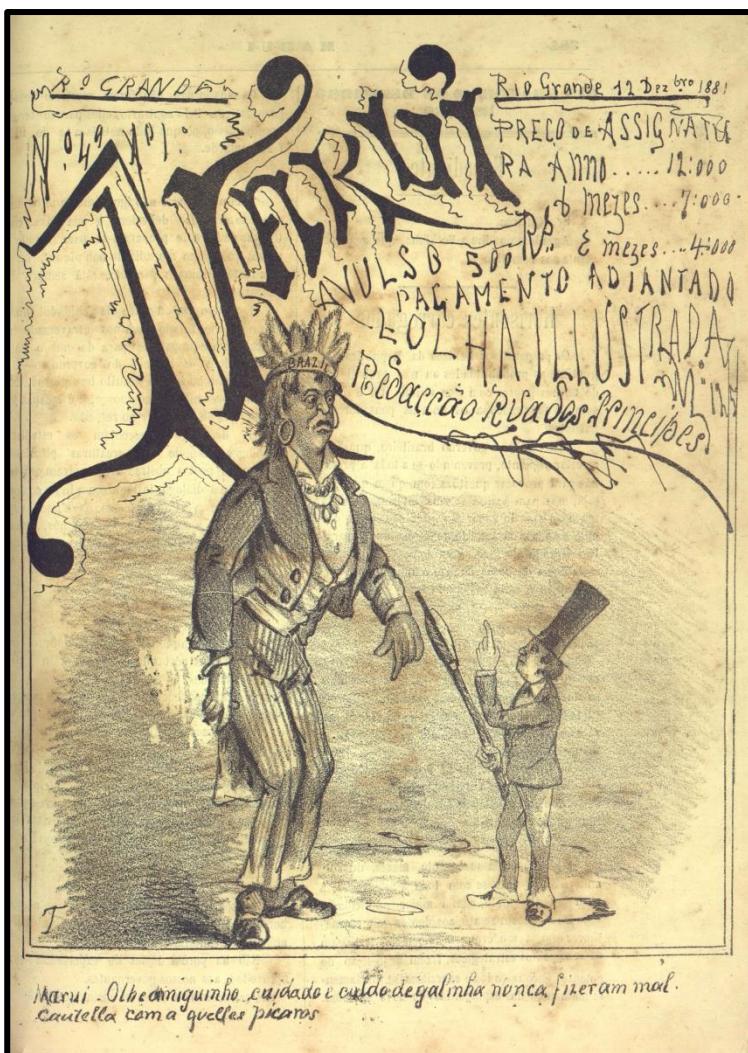
domingueiras – uma postura mais incisiva quanto aos avanços argentinos (MARUÍ, 12 dez. 1881), sendo novamente mostrado a dormir “indolentemente”, sem tomar as devidas providências perante o vizinho platino (MARUÍ, 23 abr. 1882).



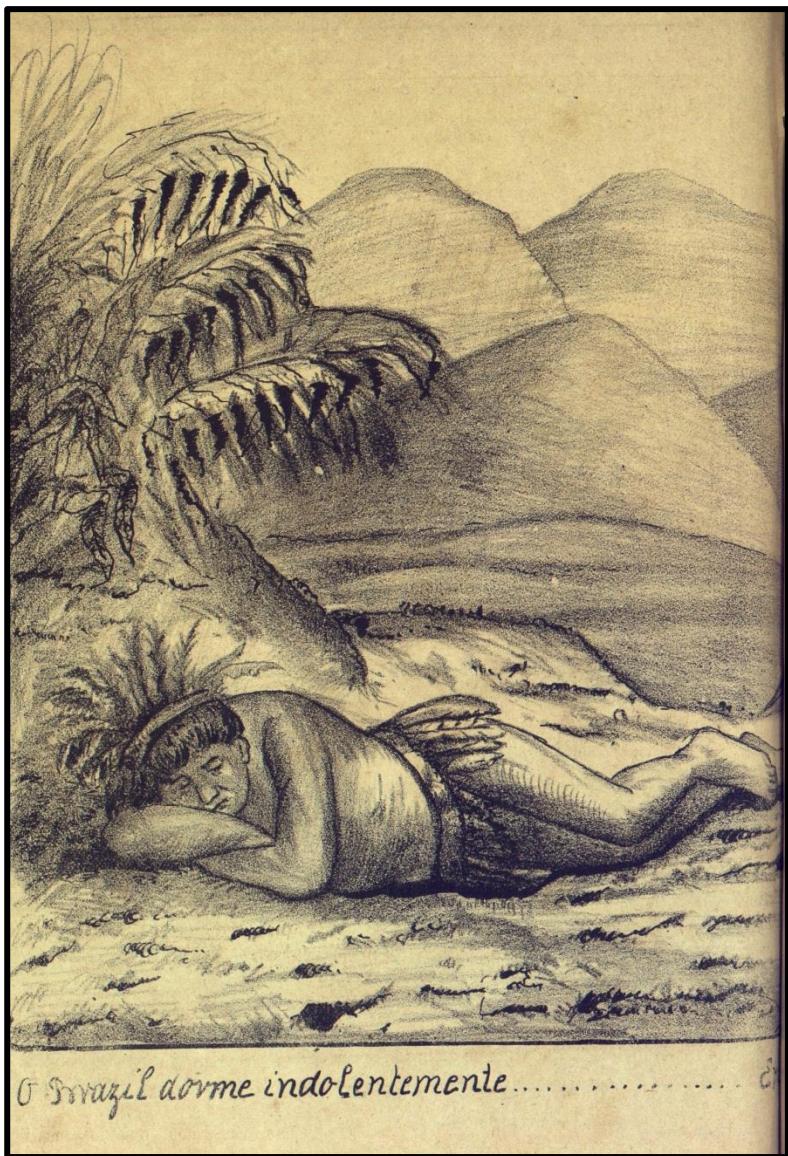
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O Brasil dorme indolentemente..... E

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Na capital gaúcha, Porto Alegre, circulou o periódico ilustrado e humorístico *O Século*, entre 1880 e 1893. Em termos políticos, apresentou uma tendência mais voltada ao grupo político conservador²⁴. Ao apresentar-se, dizia que, sem títulos que o recomendasse, mas aspirando a nobres e elevados fins, pretendia enfrentar os obstáculos que se antepusessem à sua trilha. Dirigia-se “ao público” para demarcar que trataria de todos os assuntos com imparcialidade e critério, proporcionando aos seus favorecedores uma leitura variada e útil, circunscrita aos limites da boa moral. Além disso, declarava ter fé no porvir, esperando assegurar o seu posto no jornalismo provincial (*O SÉCULO*, 11 nov. 1880). Obteve significativa receptividade pública²⁵ e teve por base as tiradas chistosas, por vezes associadas ao escárnio e à crítica profunda, levando bem longe suas cutiladas. Esteve entre os mais longevos e, dentre os caricatos, foi o de maior tiragem e circulação da província e muito de seu êxito esteve ligado ao olhar ferino que lançava sobre a sociedade. Sua melhor fase estendeu-se desde a fundação até 1884, pois, depois disso, ainda teria vários anos de vida, mas apenas como folha literária, crítica e noticiosa, ou seja, sem o apreciado e indispensável complemento da charge²⁶.

²⁴ FRANCO, Sérgio da Costa. *Dicionário político do Rio Grande do Sul (1821-1937)*. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010. p. 192.

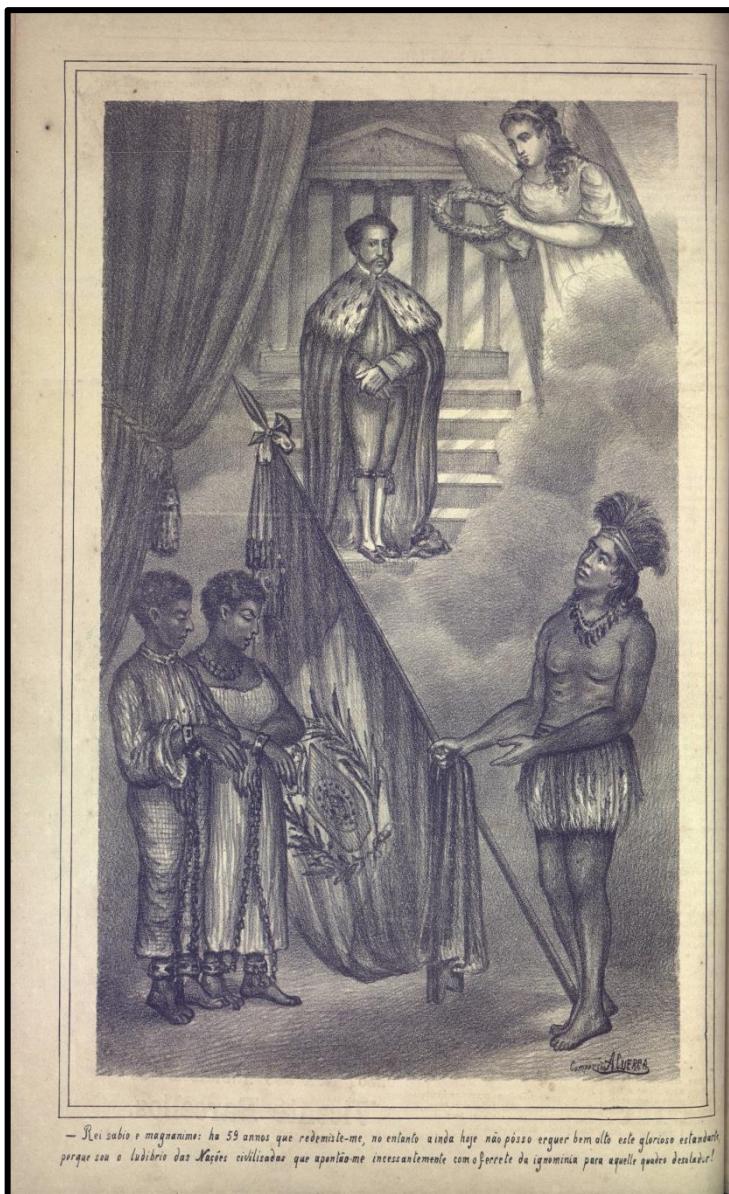
²⁵ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 41.

²⁶ FERREIRA, 1962, p. 90-125. Sobre *O Século*, ver: ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e o casamento nas páginas do*

Não foram muitas as inserções da alegoria do índio/Brasil nas páginas de *O Século*, mas, ainda assim se fizeram presentes, sempre relacionadas com um dos princípios defendidos pela publicação vinculado ao abolicionismo. Nas proximidades da data alusiva à independência nacional, o periódico homenageava o primeiro imperador, D. Pedro I, que recebia uma coroa de louros. Na cena, a figura indígena carregava o pavilhão nacional, mas lamentava não poder “erguer bem alto este glorioso estandarte”, por considerar a si mesmo “o ludíbrio das nações civilizadas”, que lhe apontavam o “ferrete da ignominia”, pela continuidade da escravidão no Brasil, a qual era demarcada pela presença de dois escravos agrilhoados que completavam a ilustração (*O SÉCULO*, 4 set. 1881). O tema da abolição voltava à baila através do encontro do índio com a dama liberdade, que carregava o barrete frígido em uma vara, e dizia que o Brasil estava a ponto de dar provas de sua “dignidade”, mostrando ser um “país livre”, pois, caso contrário, teria o seu “nome riscado do rol das nações civilizadas”, com a manutenção do escravismo, ficando a partir de tal decisão o indicativo se os brasileiros iriam ingressar ou não “na galeria dos povos que representam o progresso do século XIX” (*O SÉCULO*, 23 nov. 1884).

hebdomadário gaúcho *O Século*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 7-8.; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 40-41.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



— Rei sábio e magnanimo: há 59 annos que redemiste-me, no entanto ainda hoje não pôsso erguer bem alto este glorioso estandarte
porque sou o lúbrico das Nações civilizadas que apetão-me incessantemente com o ferrete da ignomínia para aquele quêde desladrão!

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

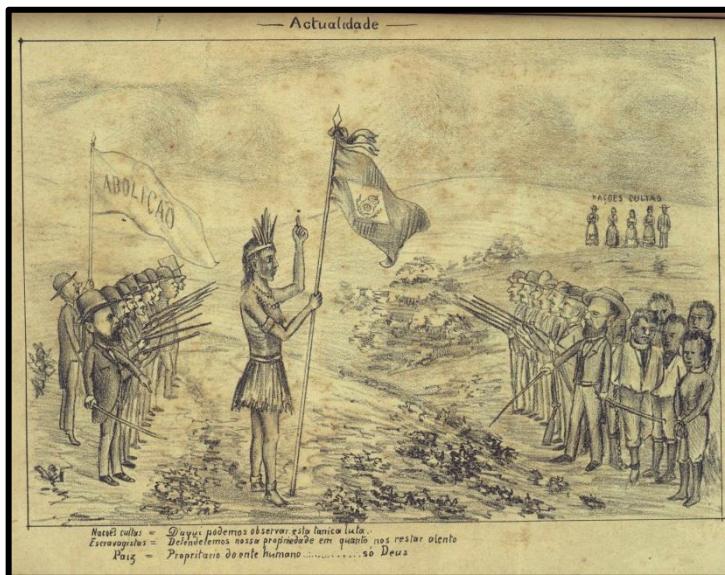
Na cidade sul-rio-grandense de Pelotas circulou outro periódico humorístico e ilustrado destinado à divulgação da arte caricatural, o qual tinha por título *A Ventarola*, cujas edições estenderam-se entre 1887 e 1890. No frontispício, era anunciada como folha ilustrada e humorística e mostrava em primeiro plano o próprio objeto da ventarola, além de várias alegorias alusivas ao humor, inclusive o bobo da corte, que além do crayon, também portava o leque sem varetas que dava título ao periódico. Seu programa foi expresso por meio de versos e deixava evidenciada sua tendência crítica, humorada e incisiva, ao dizer que manteria “com açúcar seu crayon adocicando” e “em alfinete a pena convertendo”, de modo a seguir o “prolóquio *Castigat mores ridendo*” (*A VENTAROLA*, 10 abr. 1887). O espírito antimonárquico foi um dos veios editoriais da folha pelotense²⁷.

Foram rotineiras nas páginas de *A Ventarola* as inserções da alegoria indígena em referência ao Brasil. Em uma delas, o índio, em cujo abdômen eram registrados alguns dos malefícios que prejudicavam a nação – “emprestimos, déficits, desfalques” –, observava a aproximação de um temível leão com sete cabeças humanas, que representava o gabinete imperial, além de pequenos macacos que subiam pelas suas pernas,

²⁷ Sobre *A Ventarola*, ver: FERREIRA, 1962, p. 209-220.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 66-69; e ALVES, Francisco das Neves. *A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 45-46.

designando o movimento republicano (A VENTAROLA, 15 maio 1887). No que tange à escravidão, sob o olhar das “nações cultas”, ou seja, aquelas que não mais aceitavam o escravismo, o índio/Brasil, com o pavilhão nacional à mão, tomava partido, ficando ao lado dos abolicionistas, na preparação de um confronto com os escravagistas (A VENTAROLA, 12 fev. 1888). A alegórica imagem indígena, mesmo que se considerando como “velho, pobre e quase falido”, aparecia como um defensor da lavoura e da indústria nacional, representadas por duas damas, ao reivindicar providências em prol das mesmas por parte da princesa regente. Por outro lado, ele surgia magro e abatido, tendo a pele com diversas marcas, uma vez que “a política” havia lhe “sugado todo o sangue” (A VENTAROLA, 17 jun. 1888). Em um quadro de várias medalhas e comendas ofertadas pelo governo imperial a alguns de seus súditos, o índio também foi representado como uma figura que recebera um uniforme militar e várias condecorações, havendo, entretanto, a constatação de que todas aquelas honrarias não serviriam para outra coisa que não fosse para torná-lo “cada vez mais ridículo” (A VENTAROLA, 24 jun. 1888).

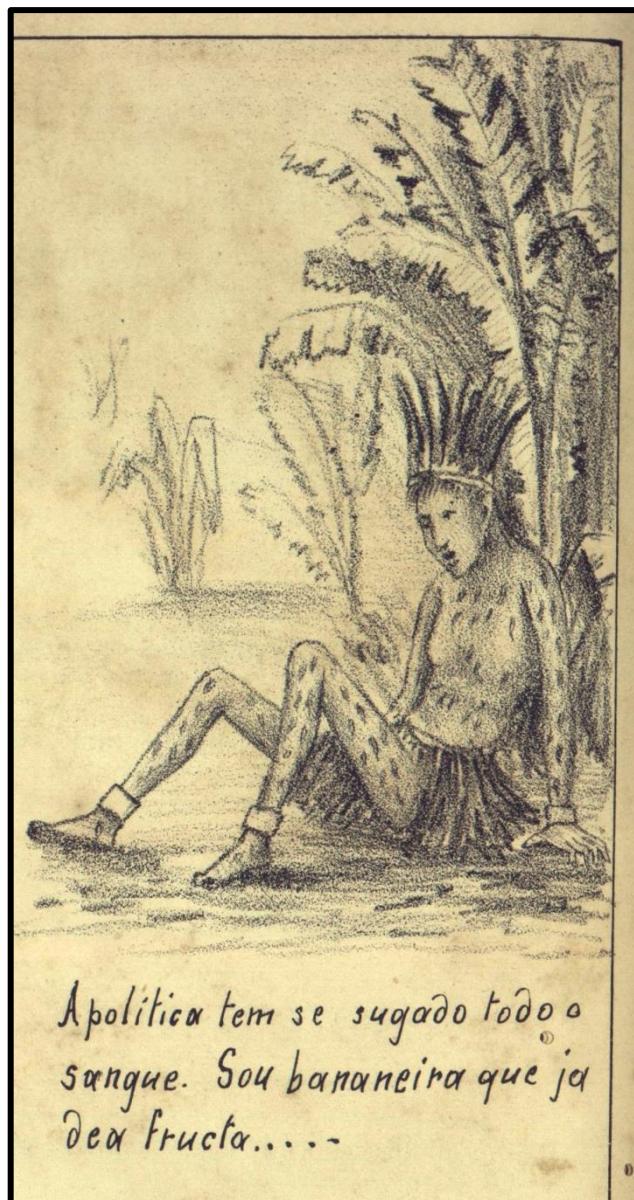
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE





Senhora! Dezojo saber qual o destino que guardo a estes infelizes. Por minha parte estou velho, pôbre e embelixariado, isto é, quasi fallido.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

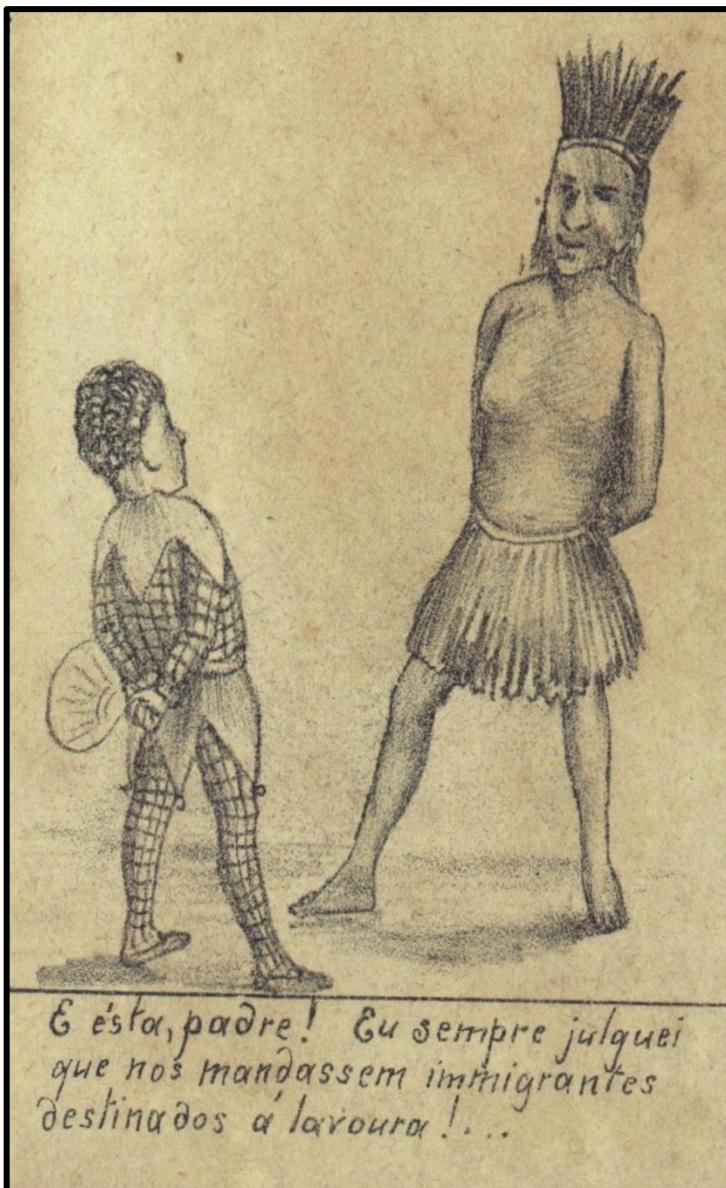




Pobre paiz creia que todas essas
honras não servem senão para te
tornar cada vez mais ridículo

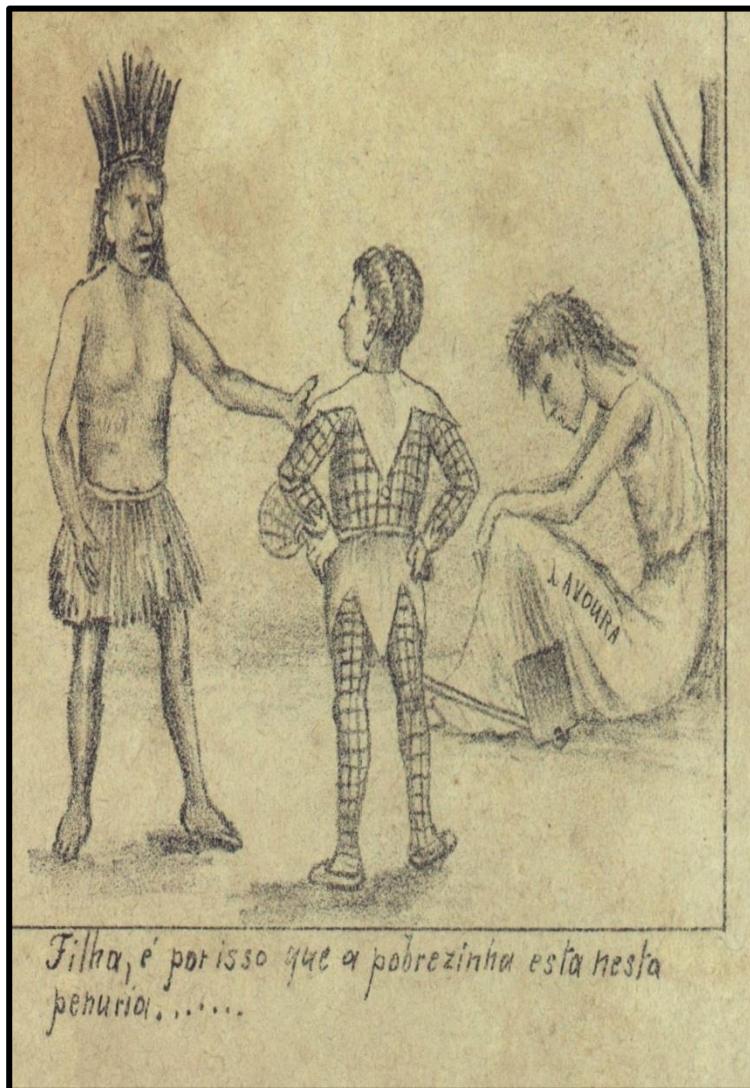
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Em manifestação de seu pensamento anticlerical, *A Ventarola* criticava o anúncio da chegada de um significativo número de padres vindos do exterior em direção à Pelotas. Diante disso, o bobo da corte conversava com o índio, estranhando aquele tipo de imigração, pois julgava que os imigrantes que chegavam ao Brasil eram “destinados à lavoura”, ao que este, mostrando o aspecto decrépito da figura feminina que representava a agricultura, dizia que aquele era o motivo da “pobrezinha” estar naquela “penúria” (*A VENTAROLA*, 1º jul. 1888). Em um conjunto caricatural, sobre o propalado beatismo da princesa Isabel, o periódico acusava o “anacrônico papado” de estar se aproveitando da presença dela no governo para exercer “maior pressão sobre o país”, o que era representado pela figura papal a calcar o pé pressionar o abdômen do Brasil/índio. Mas a folha caricata imaginava uma reação por parte da nação em relação àquela preeminência do Vaticano, concebendo uma reação do indígena, que se levantava e chutava o papa, o qual fugia espavorido. A alegoria indígena também surgia junto de um político gaúcho à época proeminente, que buscava esclarecê-la quanto ao avanço do movimento republicano. No quadro ilustrado, ainda sob a inspiração do anticlericalismo, o índio recebia a recomendação de que deveria deixar de lado o rosário da religião para dedicar-se às artes e à lavoura, como únicas formas de atingir o progresso (*A VENTAROLA*, 15 jul. 1888).

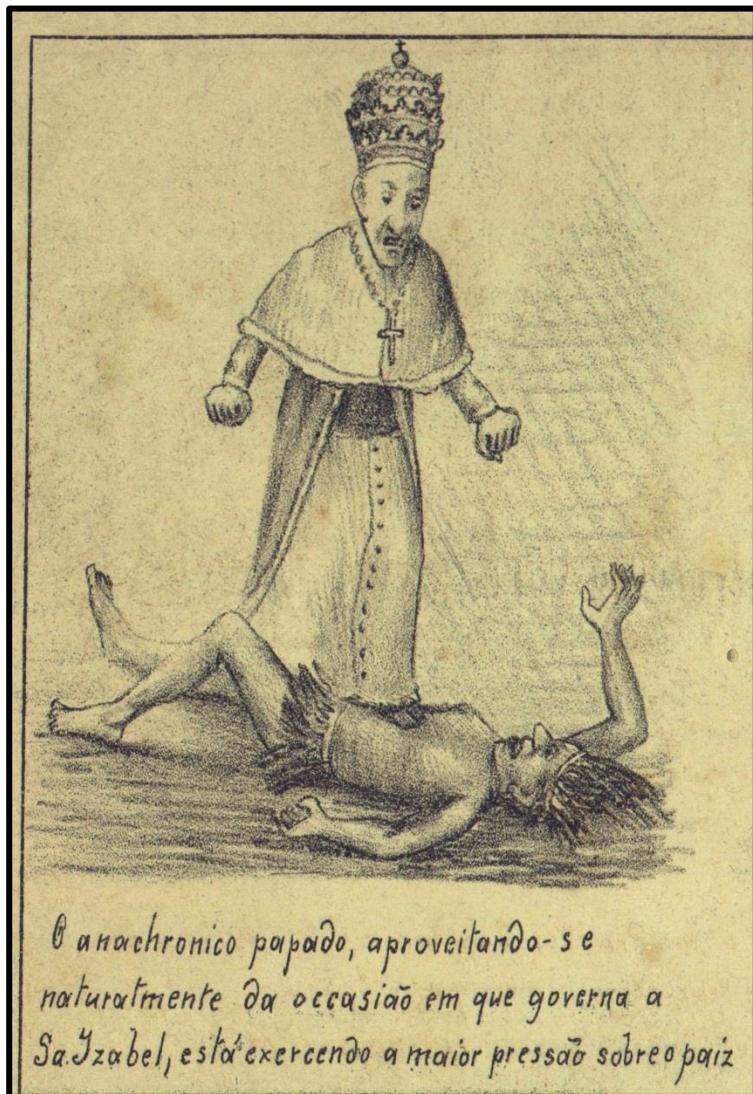


*E ésta, padre! Eu sempre julguei
que nos mandassem imigrantes
destinados à lavoura!...*

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

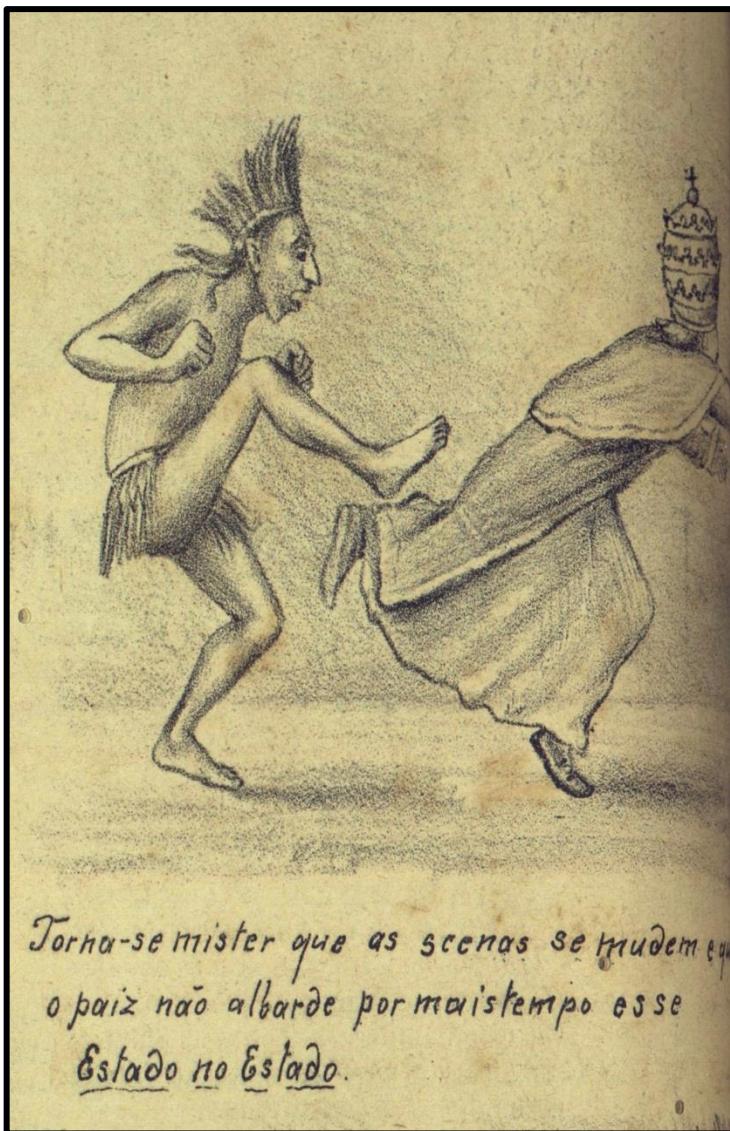


*Filha, é por isso que a pobrezinha está nesta
penuria!.....*

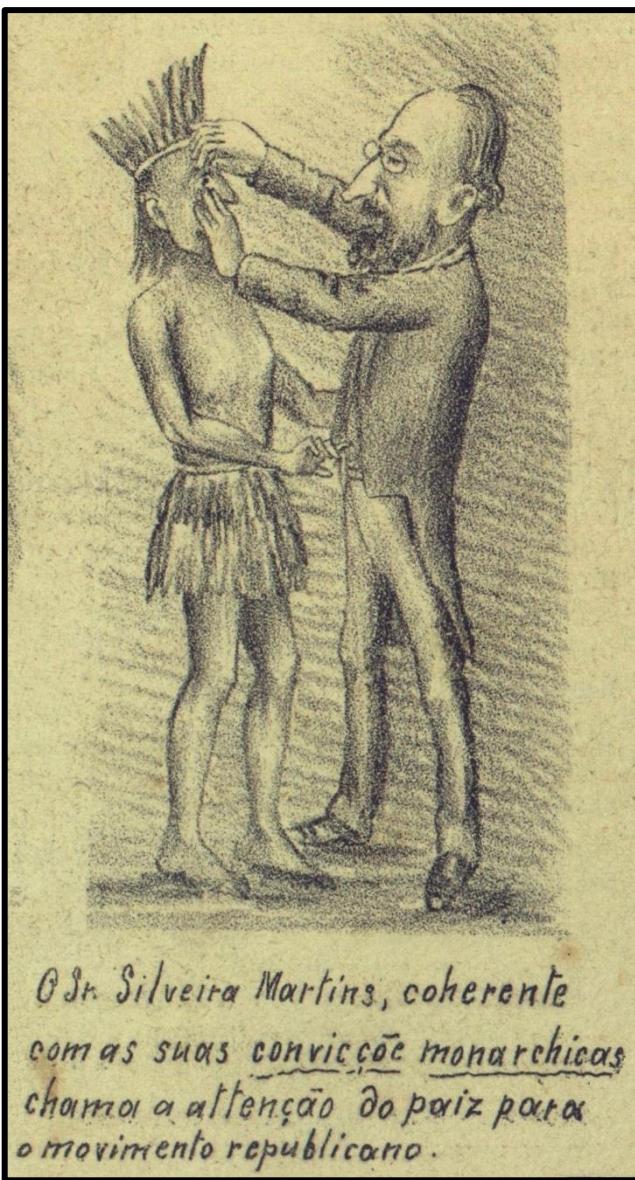


O anachronico papado, aproveitando-se
naturalmente da occasião em que governa a
Sa. Izabel, está exercendo a maior pressão sobre o paiz

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

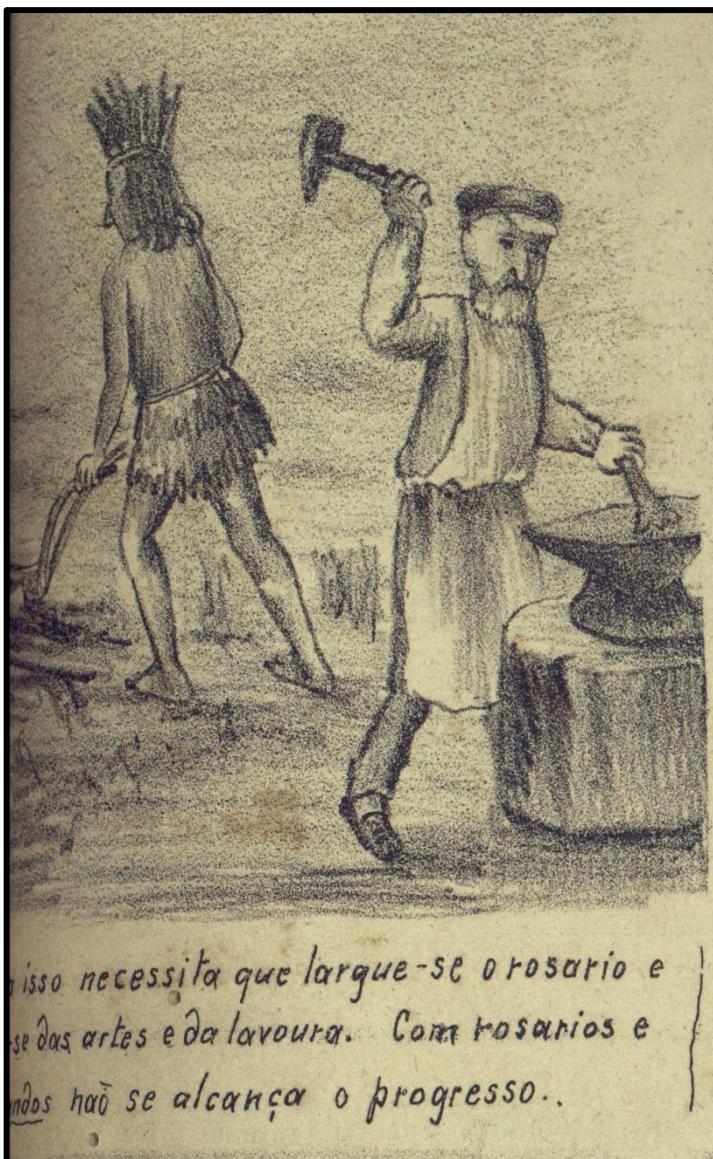


Torna-se mister que as scenas se produzem em
o paiz não albarde por mais tempo esse
Estado no Estado.



O Dr. Silveira Martins, coherente
com as suas convicções monarchicas,
chamou a atenção do paiz para
o movimento republicano.

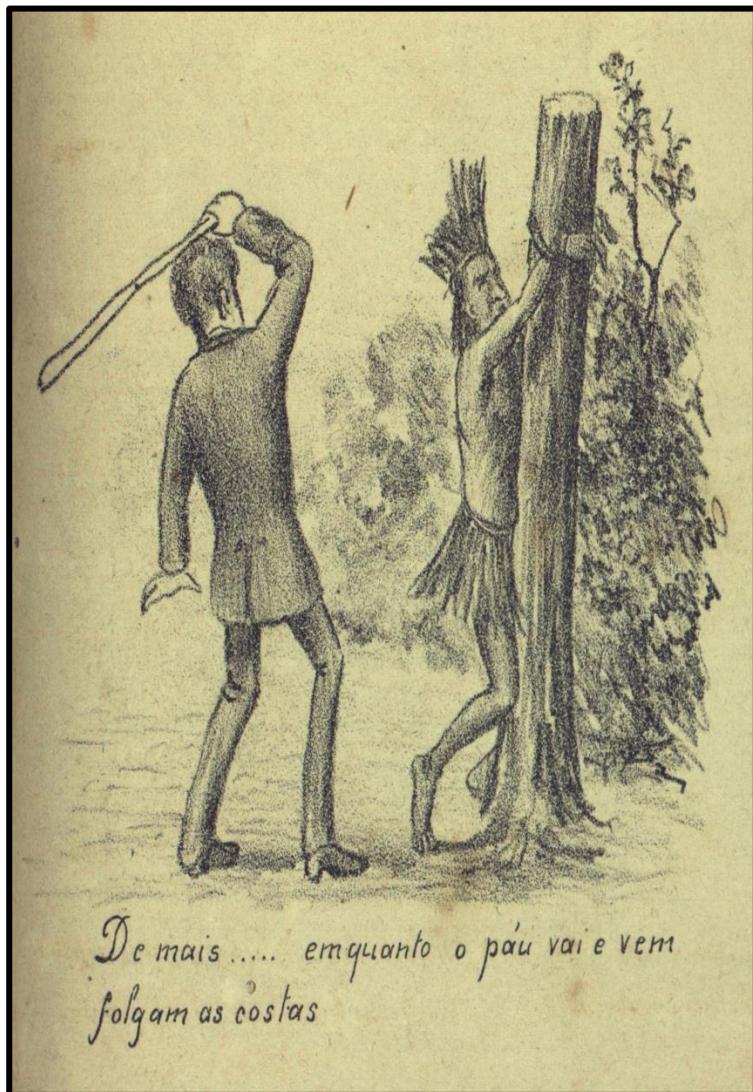
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



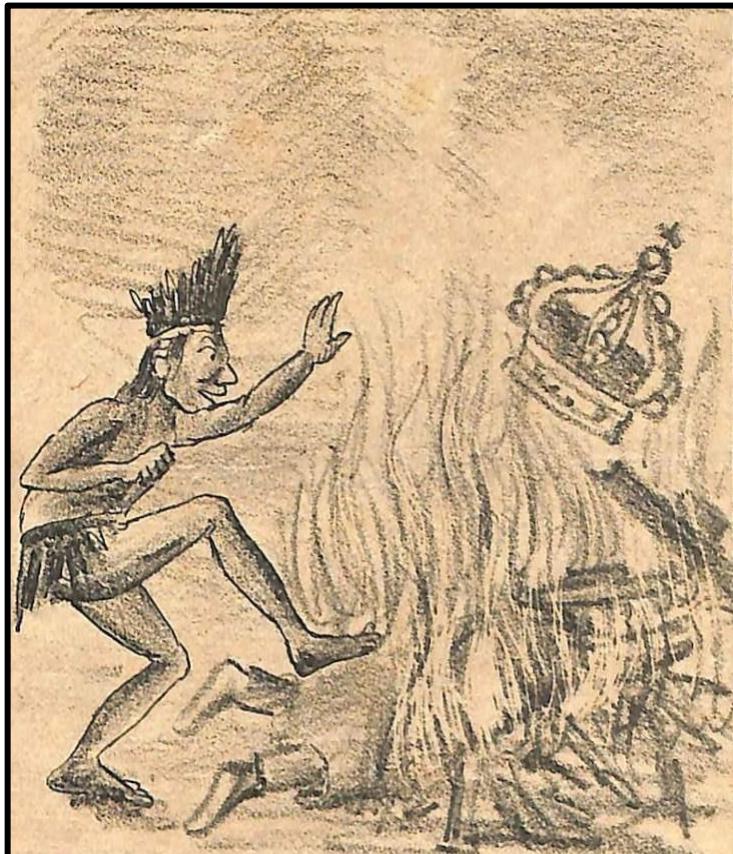
isso necessita que largue-se o rosario e
se das artes e da laboura. Com rosarios e
não se alcança o progresso..

Exercendo a crítica política, o periódico pelotense afirmava que não haveria “nada mais pândego neste mundo do que a política”, a qual vivia o “mais desenfreado charivari”, o qual permitia inclusive que as autoridades maltratassem a coisa pública, o que era representado por indivíduo que suplicava o índio-Brasil, amarado ao tronco de uma árvore (A VENTAROLA, 26 ago. 1888). Mais uma vez manifestando sua expectativa por uma mudança de ânimos no Brasil, a folha caricata imaginava o índio lançando os inimigos da nação – a monarquia e o clero – a uma fogueira, de modo a cortar “o mal pela raiz” (A VENTAROLA, 20 jan. 1889). Uma notícia acerca do pagamento da dívida externa por parte do Brasil foi representado pela figura indígena que entregava seu dinheiro ao representante de um país estrangeiro (A VENTAROLA, 5 maio 1889). Em seguida viria o desmentido, aparecendo “o infeliz índio velho encalacrado e cheio de dívidas até os olhos”, ou seja, afundado em um poço, sob o olhar de uma preguiça, em alusão à lerdeza governamental. Nesse sentido, a alegoria indígena era apresentada como tendo amplas dificuldades até mesmo para cobrir suas dívidas junto a uma pequena casa de comércio, cobrindo apenas “a conta do caderno” e deixando “a conta graúda” para depois. Diante da constatação de que o rei reina, mas não governa, o índio se mostrava insatisfeito ao ver o povo na forma de carneiros, que continuavam a obedecer cegamente os governantes (A VENTAROLA, 19 maio 1889).

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



De mais enquanto o pau vai e vem
folgam as costas



O que parece mais concertâneo é
que a Nação lance os seus dois
unicos inimigos em uma fogueira,
cortando o mal pela raiz.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



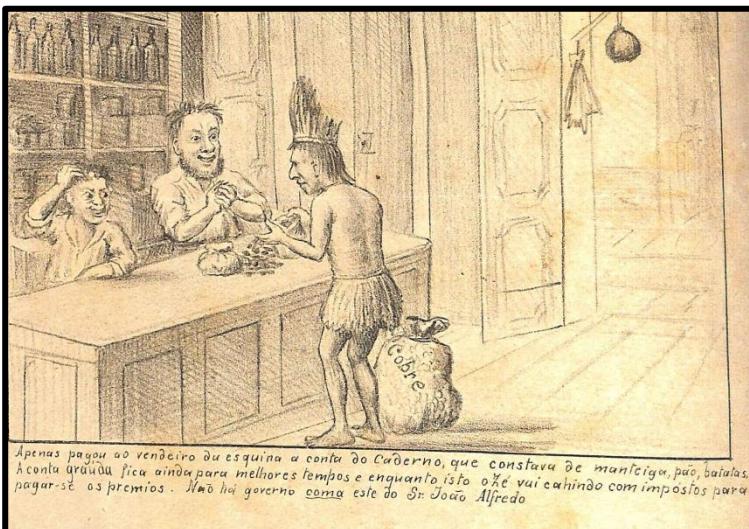
A notícia de mais sensação, durante a semana, foi o facto do Brasil haver pago já a sua enorme dívida e não dever um botão a ninguém.

Ao menos é o que constou lá pela Copa-Cabanga.
E digam lá que o governo não é um thebano.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

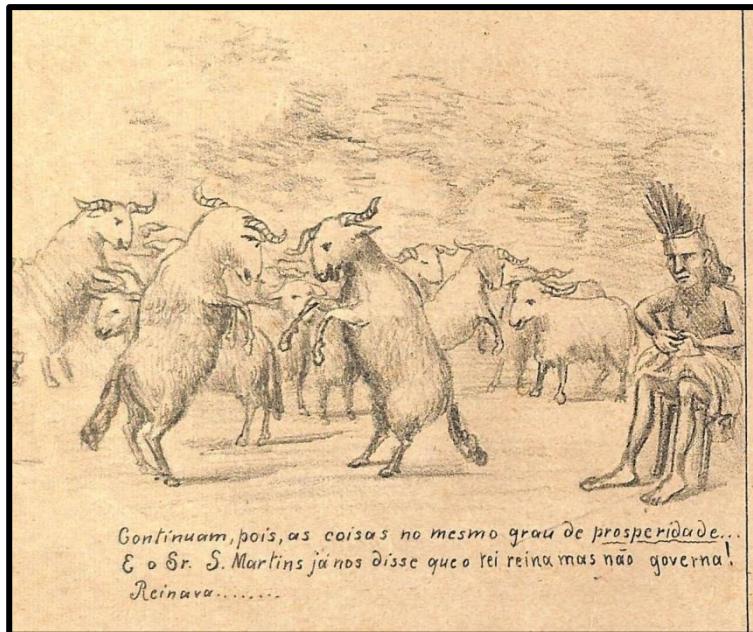


As informações que nos deram com relação ao Brasil ter pago a sua pequena dívida, não passou de um soberbo carapetão. O infeliz índio velho continua incalacrádo e cheio de dívidas até os olhos.



Apenas pagou ao vendeiro da esquina a conta do Caderno, que constava de manteiga, pão, batatas, a conta gráua fica ainda para melhores tempos e enquanto isto o xe vai caindo com impostos para pagar-se os preemios. Não há governo como este do Sr. João Alfredo

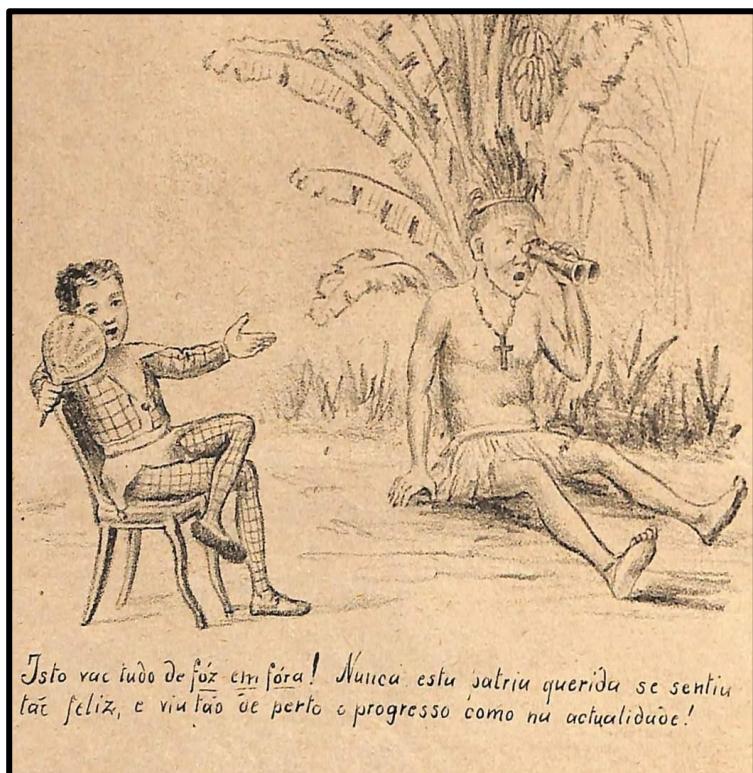
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



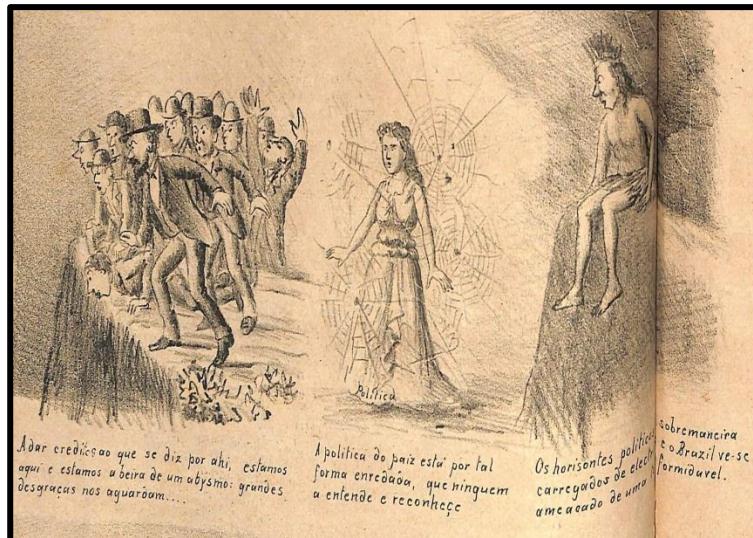
*Continuam, pois, as coisas no mesmo grau de prosperidade...
E o Sr. S. Martins já nos disse que o rei reina mas não governa!
Reinava.....*

Com a cruz ao pescoço, designando a religião oficial brasileira, o índio observava à distância os avanços de outros países, por meio de um binóculo, diante do que o bobo da corte, com ironia, dizia que “nunca esta pátria querida se sentiu tão feliz, e viu de perto o progresso como na atualidade” (A VENTAROLA, 26 maio 1889). Mostrando a população à beira do abismo e aflita perante as desgraças que se anunciam e a situação política nacional indecifrável e presa ao emaranhado de uma teia de aranha, o periódico concluía que o índio/Brasil via-se formidavelmente ameaçado (A VENTAROLA, 23 jun. 1889). Ele surgia também como a traçar um paralelo entre as formas de governo, pesando em uma balança as vantagens do

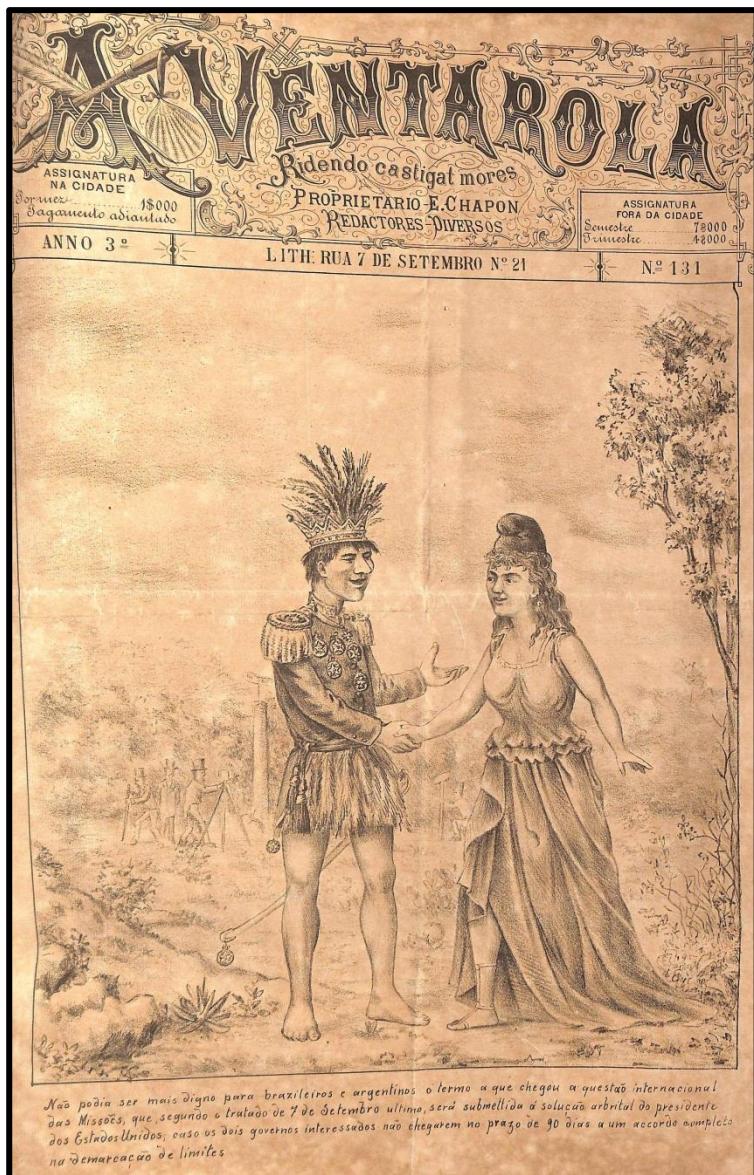
regime do barrete frígido e as desvantagens do monárquico, com o poder da coroa, a força da espada, e a coerção da rolha (A VENTAROLA, 11 ago. 1889). A respeito de uma disputa territorial com a Argentina, simbolizada pela dama do barrete frígido, o indígena aparecia cumprimentando-a, usando um misto entre sua indumentária tradicional e uma farda militar (A VENTAROLA, 29 set. 1889).



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



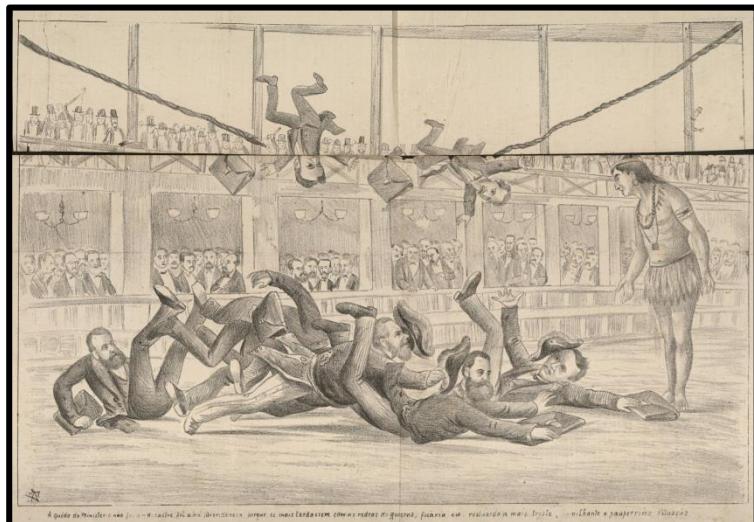
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

O *Bisturi*, que circulou na cidade do Rio Grande, trazia um título que lembrava o utensílio cirúrgico de corte profundo e preciso, bem de acordo com suas intenções editoriais. Foi editado regularmente entre 1888 e 1893, mas continuou a ser publicado com interrupções até meados da década de 1910. Ao apresentar-se, o periódico dizia que, já nas seções de desenhos, já na redação, guardados os princípios determinados pela urbanidade, se colocaria em prol da “luta de coerção aos desvios que envergonham”. Nesse sentido, garantia empenhar-se “na extirpação da lepra social dos escândalos, da calúnia, invectivas livres e as alusões imorais” que estariam a desedificar “na prática do comedimento dos mútuos deveres da família social” (BISTURI, 1º abr. 1888). Acompanhou a transição da monarquia à república e, inicialmente apoiou a nova forma de governo, imaginando que ela se instalaria sob um modelo liberal. Com os caminhos autoritários seguidos pelo novo regime, o *Bisturi* se colocou na oposição e até na resistência contra o autoritarismo governamental na esfera federal e ainda mais no Rio Grande do Sul, onde combateu o castilhismo²⁸.

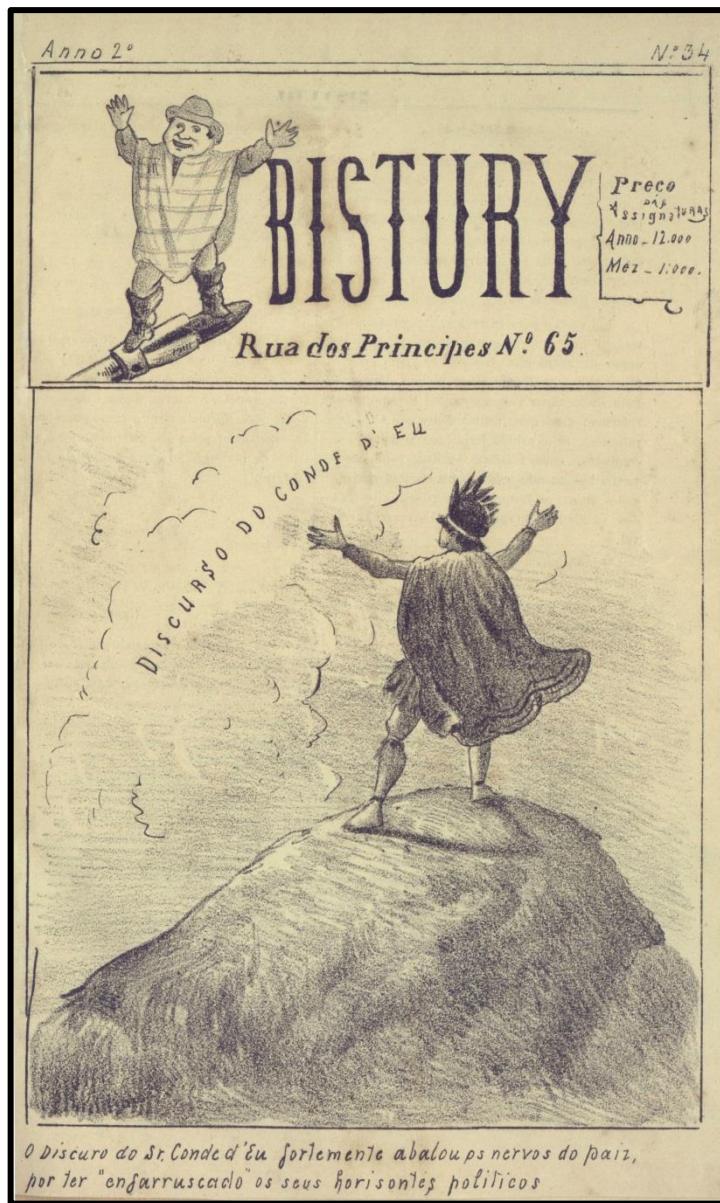
À época imperial, defensor das ideias liberais e adversário dos conservadores, o *Bisturi* aplaudia a última inversão partidária monárquica, com a queda do partido conservador e a ascensão do liberal. Para tanto, transformou o derruir do gabinete como um espetáculo, amplamente assistido pelos homens públicos, os quais observavam a falta de equilíbrio do ministério ao tentar se manter em uma corda bamba, vindo todos a cair,

²⁸ Acerca do *Bisturi*, ver: FERREIRA, 1962, p. 185-194; e ALVES, 1999. p. 219-243.

perante o olhar do índio/Brasil, que se mostrava satisfeito, ao defender que a manutenção dos conservadores no poder teria “reduzido” o país “a mais triste, humilhante e paupérrima situação” (BISTURI, 16 jun. 1889). Manifestações do conde D’Eu, esposo da herdeira do trono brasileiro, a princesa Isabel, por ocasião do centenário da Revolução Francesa, foram interpretadas como favoráveis à mudança na forma de governo. Tal fato foi representado pelo *Bisturi* com a imagem do indígena de braços abertos sobre uma elevação do terreno, em sinal de surpresa, tecendo a consideração de que esse discurso “fortemente abalou os nervos do país, por ter “enfarruscado os seus horizontes políticos”, como confirmavam as pesadas nuvens que se aproximavam (BISTURI, 23 ago. 1888).

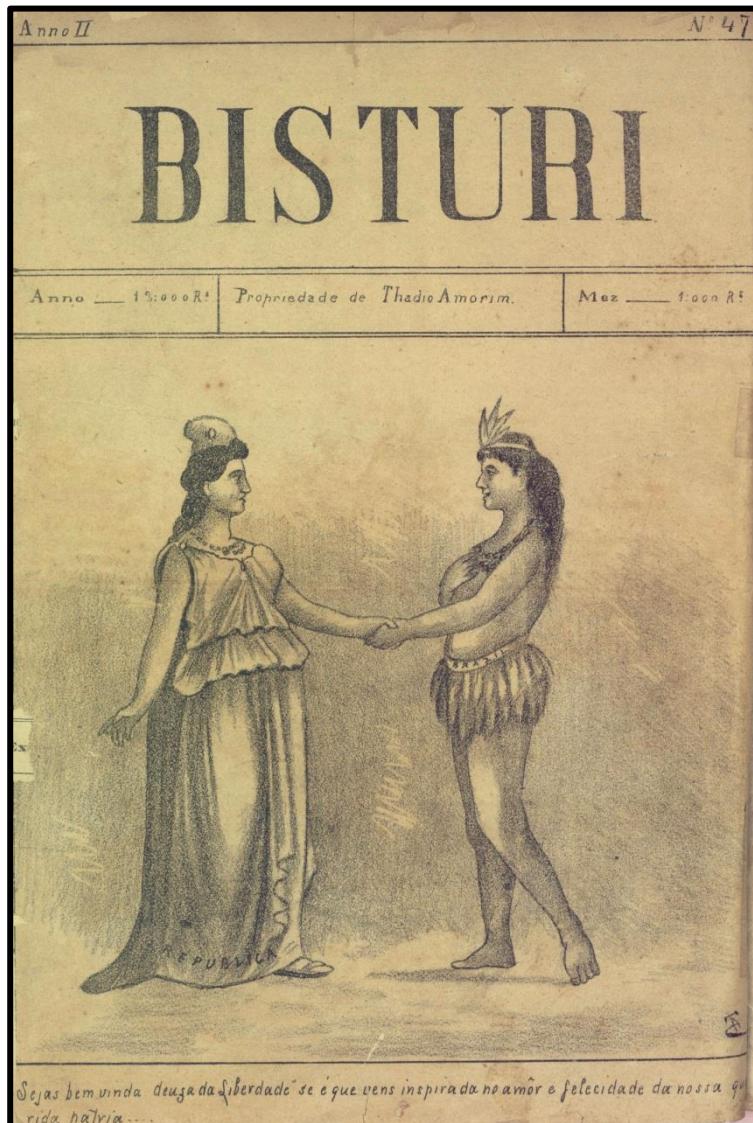


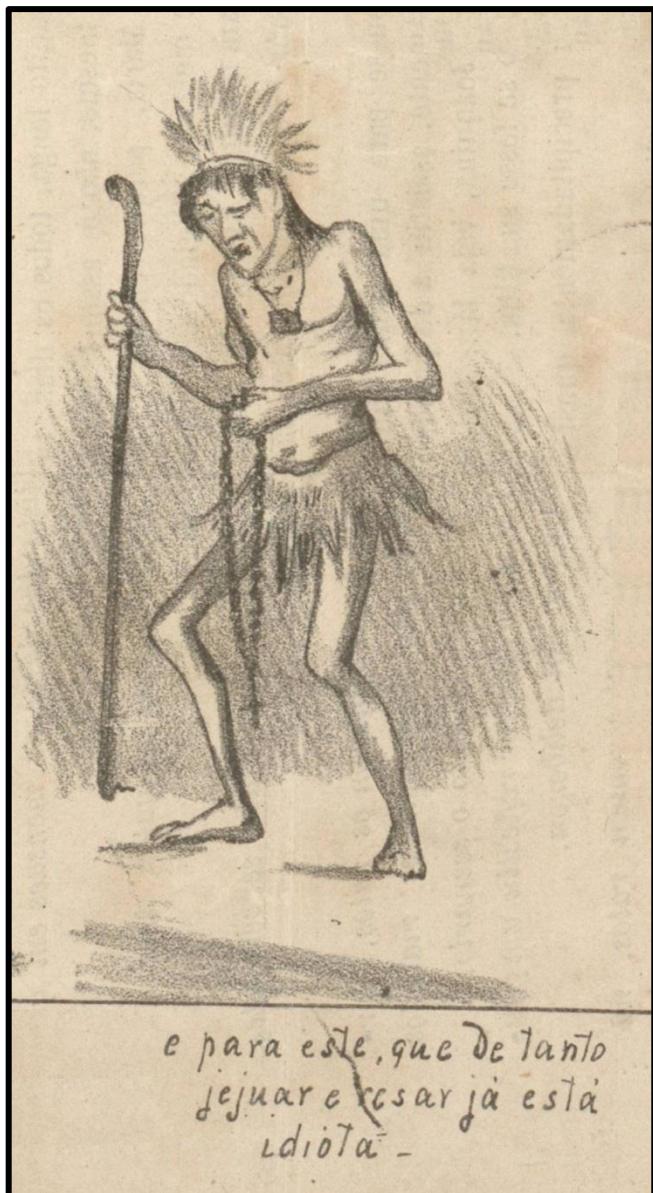
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



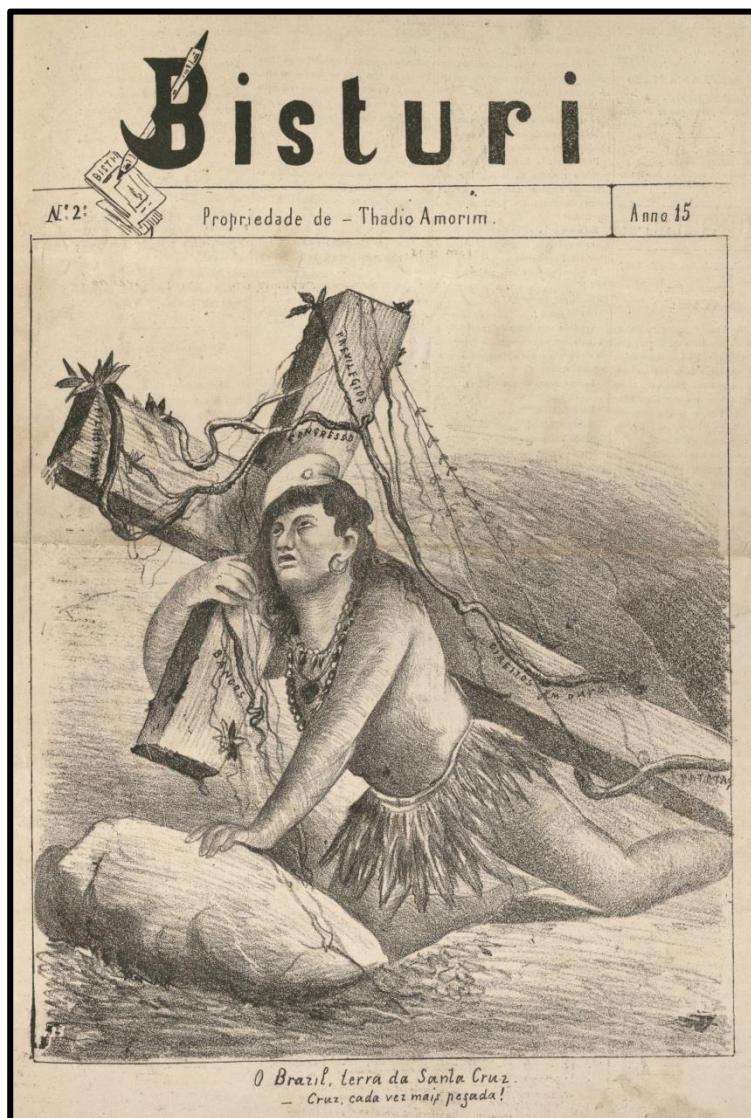
Com a transição na forma de governo no Brasil, o semanário rio-grandino apoiou a mudança, apresentando a figura indígena recebendo a dama do barrete frígio, símbolo da república, havendo um aperto de mão entre as duas alegorias. A legenda deixava registrado o desejo do periódico de que a república fosse “inspirada no amor e felicidade da pátria” e ainda constituísse uma “deusa da liberdade”, bem de acordo com os princípios ideológicos da folha (BISTURI, 17 nov. 1889). Mantendo seu pensamento anticlerical, o *Bisturi* criticou a continuidade de influência da Igreja sobre o Brasil, apesar da implantação da república, como foi o caso de não aceitar a permanência da prática do jejum durante a Semana Santa, chegando a mostrar um índio, magro, apoiado em um cajado e tendo um terço à mão – em alusão à persistência do poder católico no país –, em desenho acompanhado pela censura da legenda, segundo a qual, a figura alegórica, “de tanto jejuar e rezar já está idiota” (BISTURI, 6 abr. 1890). Discordando da política autoritária e das medidas econômicas governamentais que abriram amplo espaço para a corrupção e a especulação financeira, o hebdomadário ilustrado rio-grandino lembrava uma das denominações originais do país, como “Terra de Santa Cruz”, considerando que o Brasil tinha de carregar uma “cruz cada vez mais pesada”, trazendo a representação imagética do país a carregar uma enorme cruz, na qual apareciam inscritos alguns dos males que afligiam o país, como “congresso, bancos, privilégios, direitos em ouro e patotas” (BISTURI, 8 jan. 1891).

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-
GRANDENSE



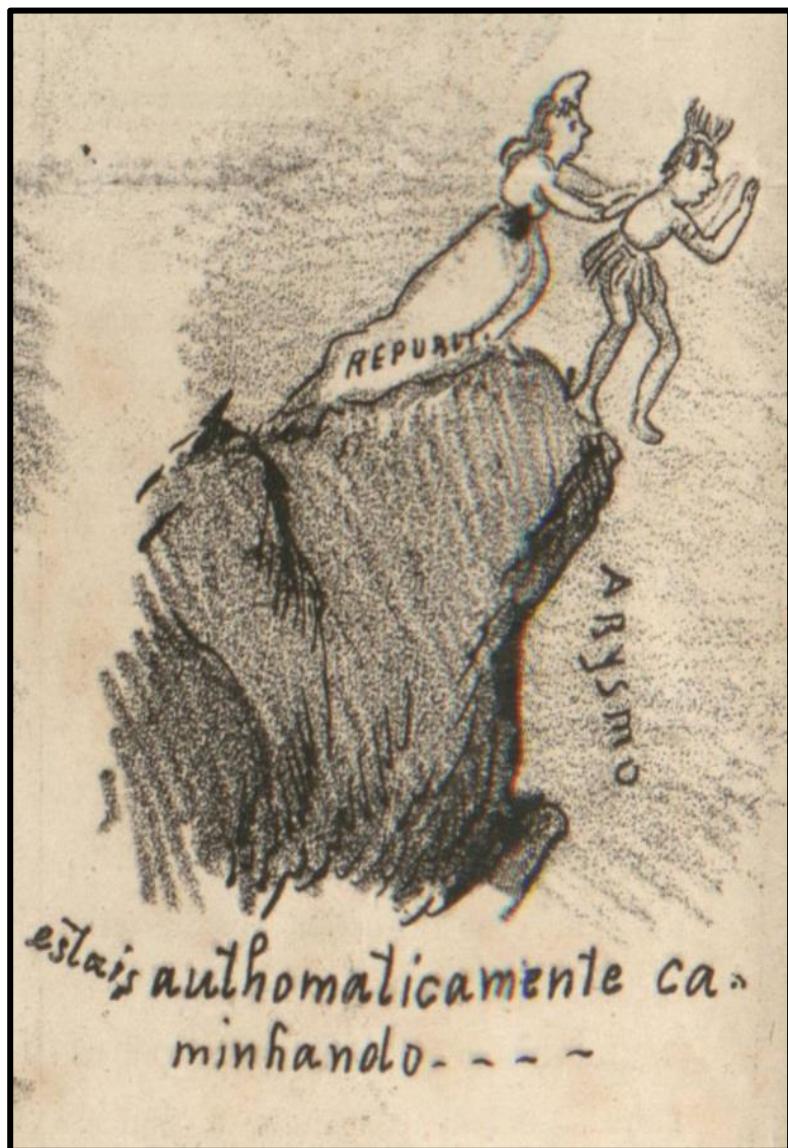


A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-
GRANDENSE



A partir do olhar negativo acerca dos governantes republicanos, o *Bisturi* chegou a apresentar uma caricatura com sentido dúbio, na qual o índio/Brasil encontrava-se à beira de um abismo, estando “automaticamente caminhando” para o precipício. O cenário contava também com a dama do barrete encarnado, representando a república, em quadro pelo qual o periódico deliberadamente deixa prevalecer uma dúvida quanto às intenções da mesma, ou seja, se estaria, estendendo as mãos para empurrar de vez o índio, ou, a partir de outra interpretação, se pretendia segurar o personagem, evitando a sua queda. Nesse contexto, o periódico contestava as atitudes das autoridades públicas, notadamente quanto à falta de honestidade em suas práticas, tanto que mostrava o bobo da corte – símbolo da arte caricatural – intentando abrir ao menos um olho do indígena, para verificar a situação do país, qualificando-a como péssima (BISTURI, 18 jan. 1891). No mesmo sentido, a alegoria indígena surgia também repassando um enorme bolo, que representava o orçamento, para o presidente brasileiro, avisando-lhe que se tratava de um prato “muito indigesto”, ao que Deodoro da Fonseca se mostrava desocupado, tendo em vista o grande número de pessoas com as quais teria de dividi-lo, levando em conta o número de políticos que festejavam a distribuição das verbas públicas. No canto da cena, aparecia a figura do Zé Povo, outra representação da população brasileira, mostrando que já sabia o destino do dinheiro (BISTURI, 32 jan. 1891).

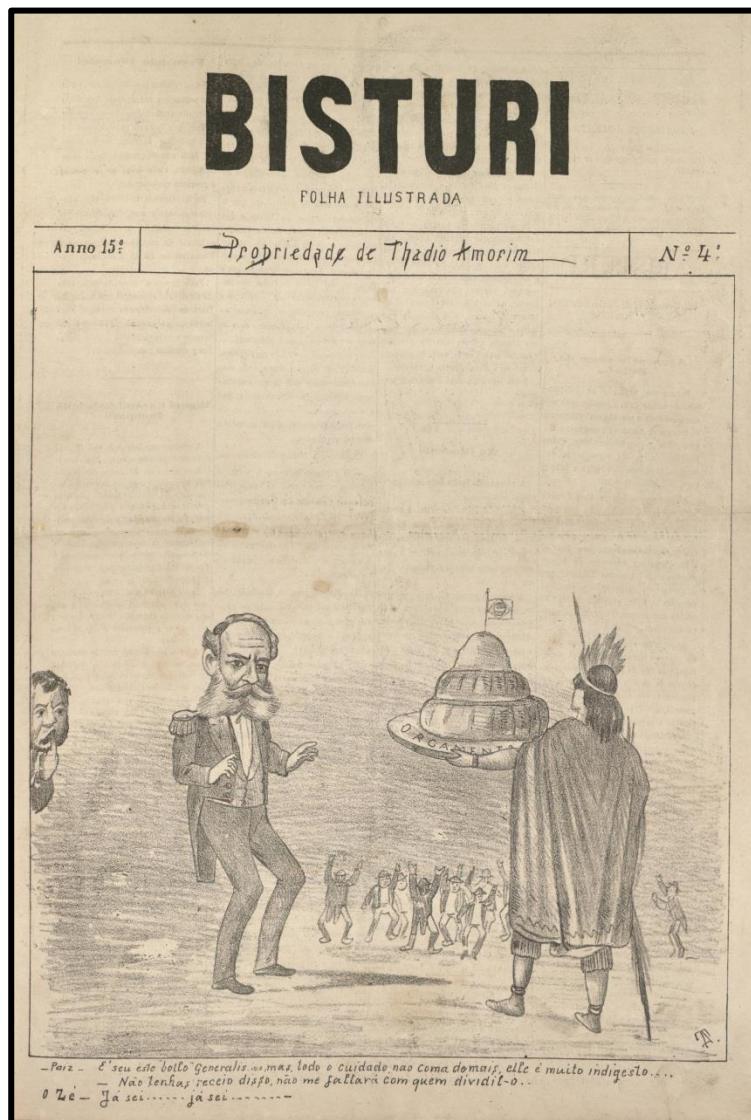
A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-
GRANDENSE





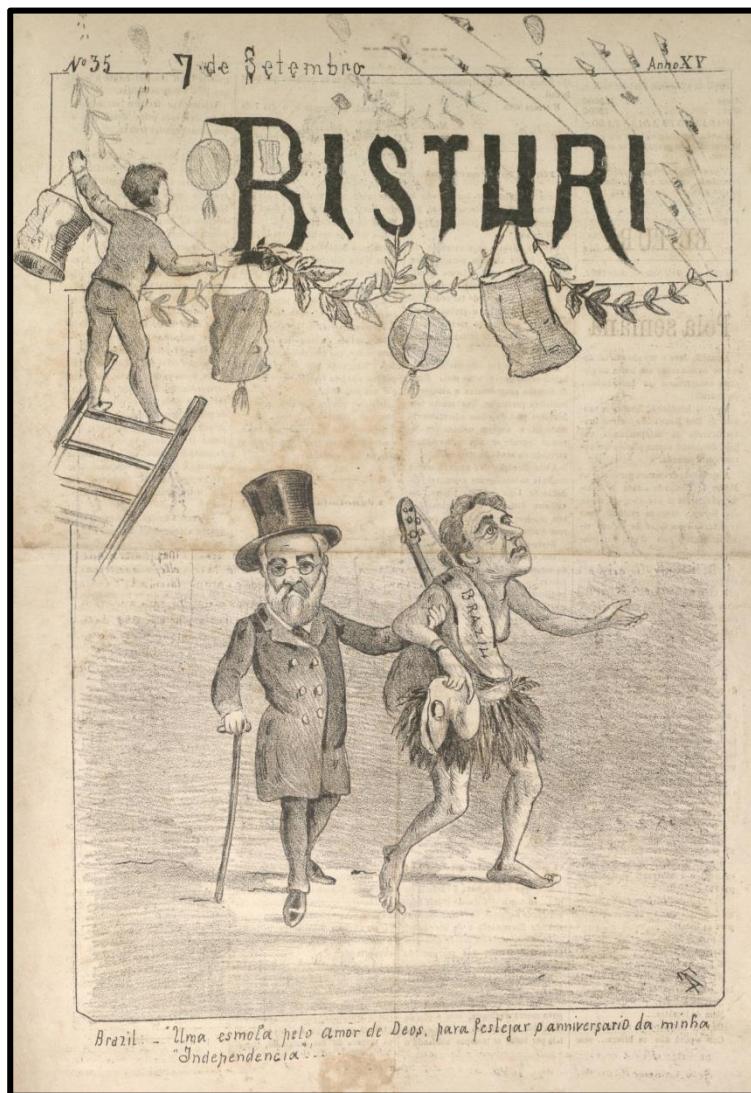
Agora o Brazil. abra
um olho só, e verá .. .

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



A partir do recrudescimento do autoritarismo do governo de Deodoro da Fonseca, normalmente associado ao seu principal auxiliar, o ministro barão de Lucena, o qual foi retratado pelo *Bisturi*, em quadro no qual tal autoridade pública conduzia pelo braço um homem branco, com vestimentas indígenas e com um barrete frígido à mão – como se fosse um novo índio, agora republicano – passando pela vergonha de estar pedindo “uma esmola pelo amor de Deus” para que pudesse festejar a independência nacional, termo que aparecia em destaque, para enfatizar a ironia sobre o seu sentido (BISTURI, 6 set. 1891). Deodoro e Lucena protagonizavam outra ilustração, na qual conduziam a alegoria indígena mais uma vez supliciada, amarrada e carregando uma cruz desproporcional. Os dois homens públicos eram apontados como “miseráveis algozes” que, “com requintada perversidade” estariam a conduzir o país ao “calvário da desonra”, sendo ainda qualificados como os “Judas da república”, ou seja, os traidores da nova forma de governo, tendo em vista o golpe de Estado que perpetraram, visando ao fechamento do congresso e à concentração de poderes nas mãos do executivo (BISTURI, 22 nov. 1891).

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

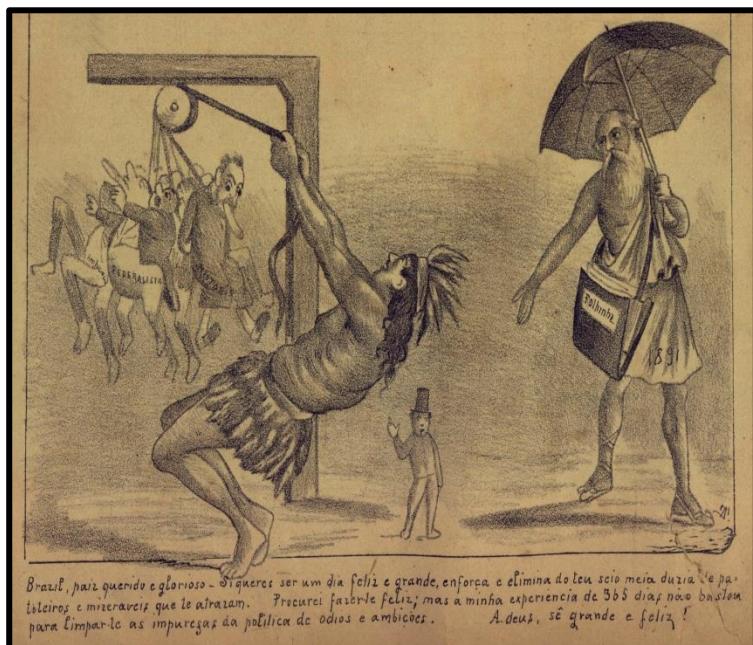




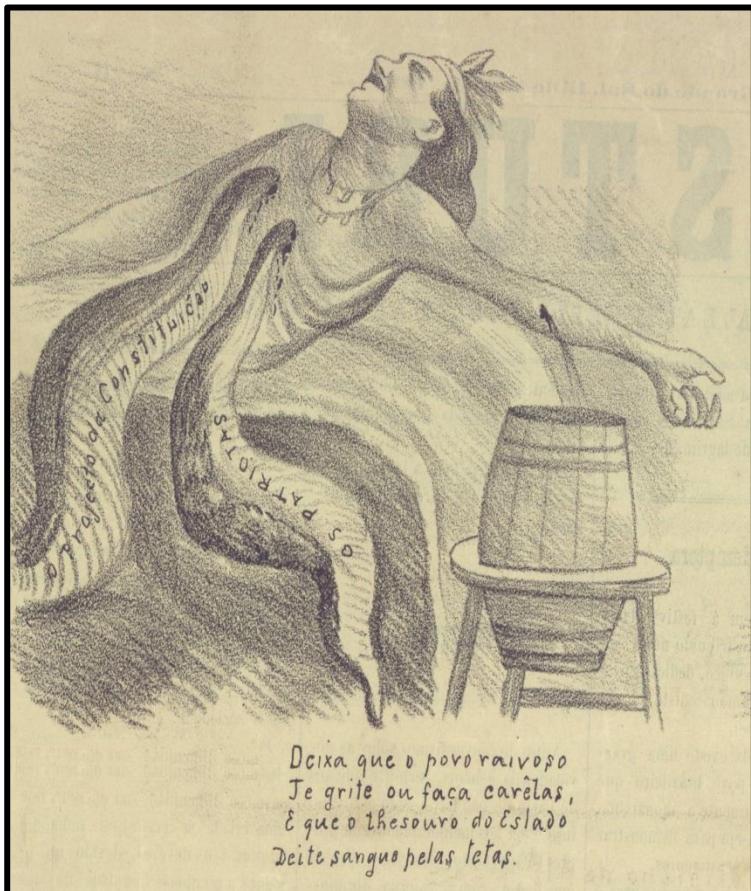
A passagem do ano de 1891 a 1892 foi representada pelo *Bisturi* por meio da presença do “ano velho” que, sob o olhar do bobo da corte, dava conselhos ao índio, que, por meio de um sistema de roldana, buscava eliminar “os patoteiros e miseráveis” que estariam a atrasar o seu caminho (*BISTURI*, 3 jan. 1892). Em outra caricatura, o índio/Brasil passava da postura ativa para a passiva, tendo o seu sangue consumido por duas sanguessugas, além do mesmo ser direcionado para um barril, em analogia ao desperdício de dinheiro público que estaria ocorrendo naquele momento (*BISTURI*, 15 maio 1892). Ainda que não chegasse a sustentar uma postura abertamente restauradora, o semanário rio-grandino demonstrava certo saudosismo quanto às liberdades do período monárquico, em contraste com a coerção da época republicana. Nesse sentido, buscou lembrar algumas das personalidades do regime decaído, como ao realizar homenagem na data

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

natalícia da princesa Isabel, com o indígena dedicando-lhe um buquê de flores (BISTURI, 31 jul. 1892). De acordo com tal perspectiva, o hebdomadário destacou a passagem do aniversário da morte de D. Pedro II, dedicando-lhe uma capa ornada com o crepe do luto e com a presença do índio/Brasil, cabisbaixo e entristecido, ofertando mais uma coroa de flores perante a efígie do homenageado (BISTURI, 3 dez. 1893).

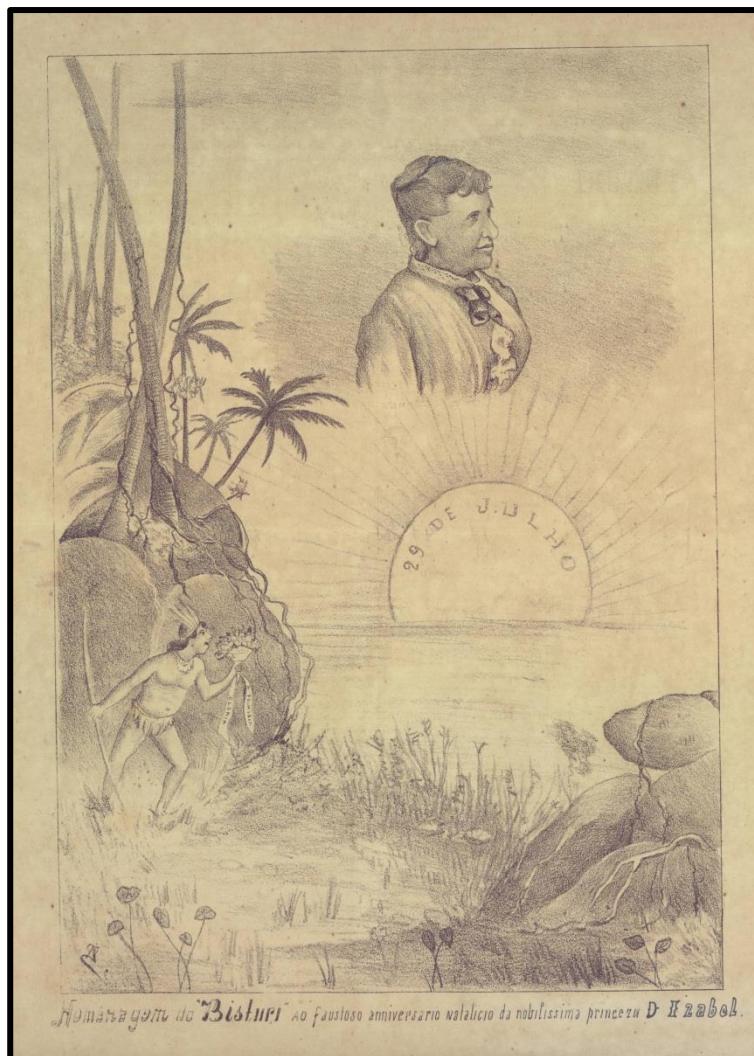


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



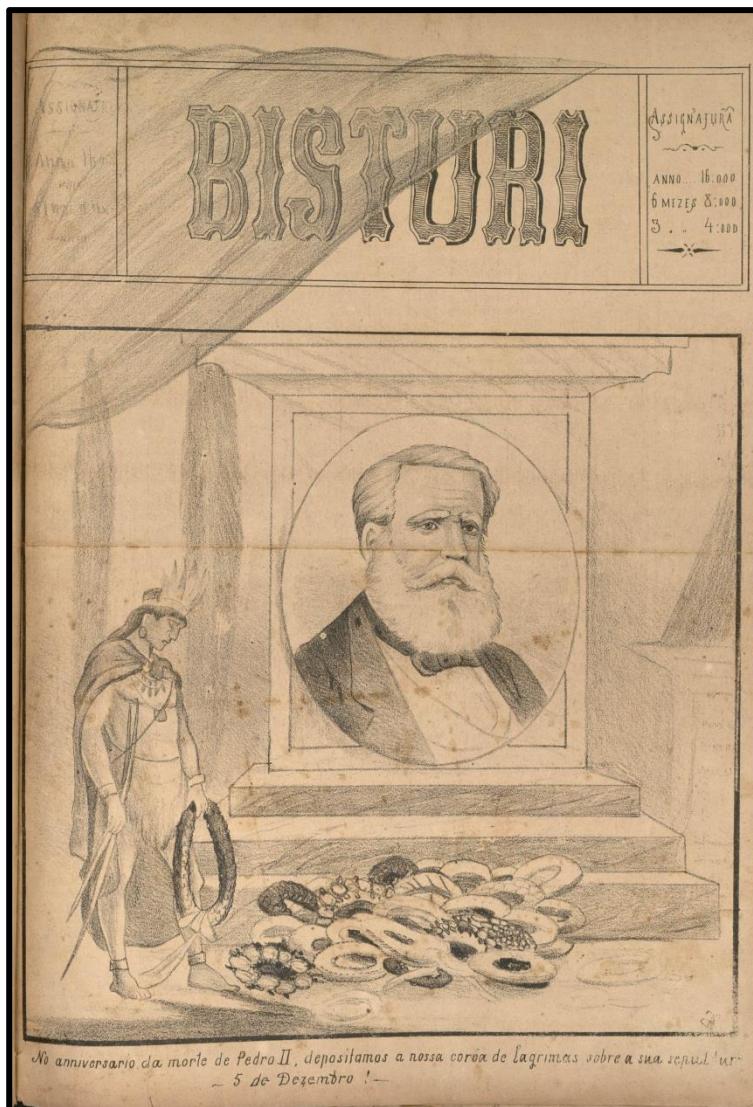
Dcixa que o povo raivoso
Te grite ou faça carélas,
E que o thesouro do Estado
Deite sangue pelas letas.

A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE



Homenagem do *Bisturi* ao faustoso aniversário natalício da nobilissima princesa D. Izabel.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



A ALEGORIA DO INDÍGENA E A CARICATURA SUL-RIO-GRANDENSE

Dessa maneira, a exemplo do que se praticava no Rio de Janeiro e em várias partes do Brasil, a imprensa ilustrada e humorística sul-rio-grandense buscou realocar o índio/nação no seio da cultura visual oitocentista, dotando-o, de uma conotação política eminentemente crítica e majoritariamente contrária ao poder instituído. Isso não significou uma valorização da população indígena que continuou sofrendo com o extermínio crescente²⁹. Nesse quadro, enquanto parte integrante da sociedade, o índio permaneceu desassistido e abandonado pelo poder público, ao passo que, simbolicamente, ganhava ares de símbolo nacional. As folhas dedicadas à caricatura não deixaram de incorrer nessa versão idealizadora, mas romperam seu sentido e foram além dela, utilizando-se da imagem dos habitantes originários para demonstrar todos os males que atingiam os moradores do país tropical. A difusão da alegoria indígena, como designação do Brasil foi tão formidável que bastava sua presença para que o público leitor compreendesse o que simbolizava, demonstrando o quanto a sua construção alegórica foi efetiva em meio à sociedade brasileira. Desamparado, excluído e perseguido na vida real, o índio foi idealizado no mundo simbólico, sendo recriado como designação de uma nacionalidade que ainda se afirmava. A arte caricatural, com seu caráter subversor, reverteu o alegorismo oficial, atribuindo ao indígena o significado do povo e até da nação, que também sofriam com todo o tipo de revés, e

²⁹ COSTA, Richard Santiago Costa. Índios em preto e branco: o corpo indígena, a arte oficial e o discurso político na imprensa carioca no pós-1870. In: *Revista Interfaces*, n. 19, v. 2, jul. – dez. 2013. p. 116.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

ainda estavam longe de chegar próximos da conquista de uma cidadania.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amalgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



9 786553 060418

ISBN: 978-65-5306-041-8